

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

MAURÍCIO ZIMMERMANN MONTESDIOCA

**A UTILIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM PARA A
REPRESENTAÇÃO DE PAISAGENS**

Porto Alegre
2021

MAURÍCIO ZIMMERMANN MONTESDIOCA

**A UTILIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM PARA A
REPRESENTAÇÃO DE PAISAGENS**

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia, na Linha de Pesquisa de Ensino de Geografia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dra. Máira Suertegaray Rossato

Porto Alegre
2021

MAURÍCIO ZIMMERMANN MONTESDIOCA

**A UTILIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA COMO LINGUAGEM PARA A
REPRESENTAÇÃO DE PAISAGENS**

Dissertação de Mestrado submetida à banca examinadora como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia, na Linha de Pesquisa de Ensino de Geografia, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Prof.^a Dra. Maíra Suertegaray Rossato

Aprovada em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. Pedro Alvim Leite Lopes (UERJ)

Prof.^a Dra. Roselane Zordan Costella (UFRGS)

Prof. Dr. Antônio Carlos Castrogiovanni (UFRGS)

CIP - Catalogação na Publicação

Montesdioca, Maurício Zimmermann

A utilização da fotografia como linguagem para a representação de paisagens / Maurício Zimmermann Montesdioca. -- 2021.

116 f.

Orientadora: Máira Suertegaray Rossato.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Linguagem fotográfica. 2. Tecnologias da informação e comunicação. 3. Representação de paisagens. 4. Ensino de geografia. 5. Aprendizagem. I. Rossato, Máira Suertegaray, orient. II. Título.

DEDICATÓRIA

Dedico esta obra as milhões de crianças do nosso país, em especial às que habitam as regiões periféricas, que me ensinam e incentivam-me a ser um ser humano melhor e a continuar na docência, apesar das dificuldades impostas pelo sistema. Dedico também, ao meu pequeno núcleo familiar, em especial à minha mãe Irene e à minha filha Marina, que acompanharam e incentivaram minha trajetória, tornando possível este momento tão especial.

AGRADECIMENTOS

Ao final deste ciclo, tenho muito a agradecer aos meus queridos e estimados camaradas, que estiveram presentes direta ou indiretamente no decorrer deste desafio.

Minha gratidão fala, quando me importo e compartilho com os outros os caminhos que me possibilitam a imersão em uma nova vida, que reverbera numa nova maneira de viver, rodeada de desafios, onde a vitória é o dia de hoje, que se constitui no presente lindo e precioso, que considero meu maior patrimônio. Em espírito de irmandade, agradeço a todos que de uma forma ou de outra ajudaram na construção deste ser, que tem muito a agradecer.

Agradeço primeiramente à minha filha Marina. Não há como recuperar o tempo perdido, mas sempre podemos construir uma nova história. Obrigado filha, por tudo, por ser esta pessoa tão especial, tão magnífica, tão poderosa e amada. Saiba que és um exemplo, quando penso em ti, penso em alguém buscando superação. Te amo, saibas que podes sempre contar comigo.

Ao meu pequeno núcleo familiar dos Zimmermann, constituído pela minha amada mãe, Irene, que esteve comigo em todos os momentos, sempre me incentivando e enxergando o melhor em mim; também por ter cuidado e criado minha filha com muito amor, sendo mãe, avó, pai, tio e tia. À Mariana, minha irmã, minha amiga e parceira; comungamos de muitas ideias, trabalhamos juntos; amo estar ao teu lado, eu adoro o teu jeito e a tua inteligência, te amo. Ao meu irmão, que mora em São Paulo, e que posso dizer, no âmbito acadêmico, que sigo os passos dele. Agradeço pelo teu exemplo e pela pessoa que és, quero ainda poder viver múltiplos bons momentos ao teu lado, te amo. Ao meu grande núcleo familiar, em especial, ao meu primo André Mombach, às tias Ilse, Ana, Lúcia, Hilma. Aos tios Luiz, Edio e Ivo. Em memória àquele que posso considerar meu legítimo pai, meu tio Orlando Loureiro, a quem dedico o amor que tenho à natureza e às coisas boas da vida. Em memória ao meu pai biológico, Walmar Santos Montesdioca.

A Janete Schubert, que foi a pessoa que fez com que eu acreditasse na minha capacidade de trilhar este caminho na academia e à doce Clarinha. Agradeço por todos os momentos que vivemos juntos, agradeço por todos os ensinamentos e, por fim, agradeço por esta sincera amizade, permeada por um sentimento de querer bem.

A Karla Hofmann, por ter possibilitado, através de meios não convencionais, a construção de uma força e resiliência, que não imaginava existirem na minha pessoa. Agradeço pelos bons momentos que vivenciamos juntos.

À instituição UFRGS, ao Programa de Pós-Graduação em Geografia como um todo, desde os funcionários das equipes terceirizadas, que fazem a limpeza, até os qualificados professores que possibilitaram momentos de transcendência em sala de aula, para que os discentes aproveitassem.

Em relação aos docentes do programa, gostaria de destacar o professor Castrogiovanni e a professora Costella. Não há como mensurar a admiração e carinho que possuo em relação a ambos. Acredito no amor entre discente e docente, vejo vocês como um exemplo de dedicação e amor à docência, observando a forma como encantam e enfeitiçam ao lecionar. Sou grato pela oportunidade de tê-los como exemplo e como meta a ser seguida.

À minha orientadora, que, mesmo sem me conhecer com profundidade, aceitou o desafio de trilhar este caminho desafiador. Passados três anos, posso dizer que aprendi muito contigo, sou grato pelos momentos em que estivemos juntos, planejando as rotas por quais seguiríamos para chegar a este destino. Muito obrigado!

“Nós e eles
E afinal somos apenas homens comuns
Eu e você
Só Deus sabe que não é isso que teríamos
escolhido fazer

‘Adiante!’ Ele gritou, da retaguarda
E os homens da linha de frente morreram
E o general sentou-se
E as linhas no mapa se moveram de um lado
para o outro

Preto e azul
E quem sabe qual é qual, e quem é quem
Para cima e para baixo
E no final é apenas uma continuidade de
círculos
‘Você não ouviu?’ É uma batalha de palavras
Gritou o homem que carregava o cartaz
Ouça, filho, disse o outro com o revólver
Há um quarto para você lá dentro

Quero dizer, eles não vão te matar
então, se você der-lhes um choque rápido,
leve e certo

eles não vão fazer isso de novo
Entendeu? Quero dizer, ele saiu leve
porque eu teria lhe dado uma surra
Eu só bati nele uma vez!
Foi apenas uma diferença de opinião
mas realmente...
acho que boas maneiras
não custam nada para ninguém, né?

Morto e destruído
Não dá para evitar, mas tem muito disso
nesta situação

Com ou sem
E quem há de negar que essa é a razão de
toda a briga?

Saia do caminho, é um dia movimentado
E estou com a mente ocupada
Por querer o preço do chá e uma fatia
O velho homem morreu.”

Composição: *Roger Waters/Richard Wright*

RESUMO

Esta pesquisa parte de inquietações deste pesquisador em relação à forma como as paisagens do globo são representadas pelos alunos. Nesse sentido, através de um experimento, procuramos entender se as representações dos discentes seguiam um padrão. Em caso afirmativo, analisamos os motivos pelos quais estes ocorriam e, a partir disso, elaboramos um método que possibilitasse uma desconstrução em relação à forma, procurando saber como se dão estas representações. Propicia-se, com isso, uma maior reflexão dos educandos em relação a futuras análises de imagens. Para tal, fez-se necessário problematizar a percepção dos educandos em relação às paisagens do Irã, no Oriente Médio, bem como verificar se a metodologia proposta alcançaria o objetivo de modificar a percepção que os estudantes trazem desse país, além de verificar se a metodologia proposta alcança esse objetivo. Através da disciplina de Geografia, observamos que a falta de conformidade na representação das paisagens distantes, por parte dos educandos, mostrou a necessidade de uma pesquisa que possibilitasse a criação de uma metodologia que fomentasse uma complexificação da percepção das paisagens nas mentes dos alunos. Para alcançar o objetivo, foi realizado um experimento com alunos do nono ano, da rede municipal de Sapucaia do Sul, onde num primeiro momento, foi realizado um questionário com perguntas direcionadas às características do Irã, visando observar a percepção deles sobre o referido local e com o propósito de analisar se havia, ou não, um estereótipo em relação àquele espaço. Num segundo momento, foram repassadas imagens da capital iraniana, visando destacar aspectos positivos daquele espaço. Num terceiro momento, houve uma análise para ver se as respostas obtidas, naquele primeiro momento, sofreram alguma alteração após a exibição das imagens. A partir disso, os dados foram quantificados em tabelas e analisados, visando avaliar se havia ou não um padrão nas respostas. Os resultados foram em direção à hipótese trabalhada, pois houve, sim, uma representação sem conformidade do referido espaço, e as imagens puderam ser analisadas para desconstruir tais estereótipos, já que praticamente todas as respostas do questionário tiveram alteração após a sua exibição. Portanto, esta pesquisa mostrou-se útil para a educação, tendo em vista que ela possibilitará aos docentes uma metodologia prática, que propiciará a formação do pensamento crítico, para se trabalhar questões relacionadas à representação de paisagens.

Palavras-chave: Linguagem fotográfica, tecnologias da informação e comunicação, representação de paisagens, ensino de geografia e aprendizagem.

ABSTRACT

This research is based on the concerns of this researcher regarding the way in which the landscapes of the globe are represented to the students. In this sense, through an experiment, we try to understand if the students' representations followed a pattern and, if so, analyze the reasons why they occurred. Next, it was elaborated a method that make possible a deconstruction of these representations, providing a greater reflection of the students to the future image analysis. It was questioned the perception of students in relation to Iran's landscapes in the Middle East, as well as verified whether the proposed methodology achieves the objective of modifying the perception that students have about the landscape. Through the subject of Geography, we observed that the lack of conformity in the representation of distant landscapes, on the part of students from afar, justifying the research that allows the creation of a methodology that challenge the perception of landscapes in the minds of students. To achieve the objective, an experiment was conducted with students of the ninth year of the municipal network of Sapucaia do Sul, where, at first, a questionnaire was applied with questions directed to the characteristics of Iran, aiming at observing the students' perception of the country and for the purpose of analyzing whether there was a stereotype of the country. The second step was to present images of the Iranian capital, highlighting the positive aspects of the country. In a third moment, there was an analysis to check if the answers obtained at first suffered any changes after the images of the Iranian capital were displayed. From this, the data were quantified in tables and analyzed, to assess whether there was a pattern in the responses. The results demonstrated support to the hypothesis, showcasing that there was a representation without conformity of the referred country, and the images could be used to deconstruct stereotypes, since practically all the answers to the questionnaire changed after the images were displayed. Therefore, this research proved to be useful for education, providing teachers with a practical methodology for the formation of critical thinking in students and to work on issues related to the representation of landscapes.

Keywords: Photographic language, information and communication technologies, landscapes, representation and education

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Complexo do Palácio de Saadabad.....	87
Figura 2 - Comércio gastronômico.....	87
Figura 3 - Jardins do Palácio de Saadabad.....	88
Figura 4 - Rede Urbana.....	88
Figura 5 - Mirante em meio à neve.....	88
Figura 6 - Área urbana.....	89
Figura 7 - Feira persa.....	89
Figura 8 - Mulheres iranianas dirigindo.....	90
Figura 9 - Iraniano tatuado.....	90
Figura 10 - Academia para mulheres.....	91
Figura 11 - Homem iraniano com seu cachorro.....	91
Figura 12 - Mulheres jogando sinuca.....	91
Figura 13 - Casal iraniano com roupas ocidentais.....	92
Figura 14 - Mulheres fumando.....	92
Figura 15 - Academia feminina.....	92
Figura 16 - Escada do metrô.....	93
Figura 17 - Comércio ambulante.....	93
Figura 18 - Metrô lotado.....	94
Figura 19 - Jovem trabalhando.....	94
Figura 20 - Metro vagão feminino.....	94
Figura 21 - Morador de rua.....	95
Figura 22 - Comércio de rua.....	95

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Respostas à questão: "Você já ouviu falar do Irã no Oriente?".....	97
Gráfico 2 - Respostas à questão: "Existem conflitos armados ocorrendo naquele país?".....	97
Gráfico 3 - Respostas à questão: "Quanto à condição financeira das pessoas naquele país, o povo é majoritariamente...".....	98
Gráfico 4 - Respostas à questão: "De que forma você imagina as cidades daquele país?".....	98
Gráfico 5 - Respostas à questão: "Como são as características climáticas?".....	99
Gráfico 6 - Respostas à questão: "Em relação às mulheres, elas podem...".....	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lugares frequentados pelos jovens escolares.....	31
--	----

LISTA DE SIGLAS

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

PREFÁCIO

SOBRE O AUTOR, PROFESSOR, ALUNO E PESQUISADOR

Nasci em Porto Alegre, cresci pelas ruas do bairro Menino Deus e tive a maior parte da minha vida escolar no sistema público de ensino, tendo abandonado a escola na oitava série por múltiplas razões, dentre elas o *bullying* e a eminente necessidade de trabalhar, pois, na lista de prioridades daquele momento, ganhar dinheiro era mais importante do que ir para a escola. Concluí o Ensino Médio, no ensino supletivo, aos 21 anos de idade no Universitário.

Como todo jovem, com intuito de alçar carreira acadêmica, meu sonho sempre foi passar no vestibular da UFRGS e usufruir dos benefícios da universidade pública, porém, devido à fragilidade da minha formação e da inépcia para fazer a seleção, não foi possível alcançar este sonho. Após duas tentativas, desisti de entrar na universidade pública.

No ano de 2003, prestei vestibular na PUCRS e passei. O curso que escolhi foi Geografia. Essa escolha se deu devido a diversas questões, na minha infância e pré-adolescência, era aficionado por publicações que mostrassem outros lugares do mundo, adorava as revistas *National Geographic*, *Superinteressante* e quaisquer outras que mostrassem espaços que se constituíam em novos mundos. Sempre gostei de acampar, até os dias de hoje prezo muito o contato com a natureza, e isso se deu desde sempre. Acredito que esta paixão começou pelo fato de ter tios que me levavam para viajar, me propiciando o conhecimento de distintos lugares, sempre com a presença de lindas paisagens ricas em aspectos naturais. Tive também uma professora de Geografia que era maravilhosa e sempre priorizava as questões humanas em detrimento das físicas. Essa professora me mostrou o outro lado da nossa ciência, abordando as desigualdades, a cultura, as questões econômicas e os diferentes povos do nosso planeta. Sendo assim, posso dizer que a geografia foi uma escolha natural, era a minha disciplina preferida e me identificava tanto com os aspectos físicos quanto com os humanos.

Após entrar na universidade, as certezas relacionadas à escolha do curso se tornaram convicções. A parte que mais aguardava no dia era a hora de ir para PUCRS, para me deleitar com os conteúdos que eram trabalhados no dia a dia. Mesmo com uma carga horária de 44 horas semanais de labuta, não me sentia

cansado ao chegar à sala de aula, devido à vontade de aprender. Achava tudo interessante e instigante, inclusive os conteúdos que gostava menos, pois tinha a noção de que eles iriam servir para aprofundar meus conhecimentos. Gostava de praticamente todas as disciplinas, sem exceção, possuía uma grande euforia que estava conectada com a minha curiosidade de querer chegar ao nível do corpo docente, que se mostrava sempre solícito e extremamente competente. Nunca tive queixas de quaisquer professores que participaram dessa jornada de vida e de conhecimento.

Regressando ao conteúdo da nossa ciência, posso dizer que, através dos ensinamentos obtidos na universidade, foi possível entender a importância da parte física da disciplina e o quanto a dicotomia que divide a geografia em duas partes não faz o menor sentido. Contudo, foi possível compreender que existe uma interdependência entre a seara física e a humana, pois os aspectos físicos possuem influência na atividade humana, mesmo com as modificações que a nossa espécie é capaz de realizar no substrato espacial.

Minha trajetória na PUCRS também não pode ser descrita como algo tranquilo, pois, ao ingressar na universidade, me apropriei de diversas pautas políticas relacionadas ao movimento estudantil, que, naquele período, encontrava-se engessado, com carência de democracia. Meu engajamento nessa luta foi tão intenso que atrapalhou a minha formação devido a incontáveis “balbúrdias” que ocorreram em diversos protestos que tinham como intuito ressuscitar o Centro Acadêmico da Faculdade de Ciências Humanas, fechado há mais de 10 anos. Precisávamos levar a democracia ao Diretório Central de Estudantes, porque ele havia sido dominado por um grupo que não estava disposto a sair de lá.

No ano de 2007, devido a uma manifestação que acabou em tumulto, fui suspenso pelo período de um semestre, mas, devido a outros fatores de âmbito pessoal, ocorreu um distanciamento da academia que quase culminou no abandono do curso. Porém, em 2011, após algumas tentativas frustradas, consegui enfim retornar à faculdade. Neste retorno, procurei focar minha artilharia nas questões da academia, pois tinha necessidade de terminar esta etapa para dar segmento aos meus projetos de vida.

Eu trabalhava de dia e estudava à noite, não pegava ônibus, procurava fazer todo o percurso da Zona Norte ao Centro e do Centro à universidade de bicicleta. Esta passagem pela universidade foi mais tranquila, porém, faltando pouco tempo

para me formar, mais uma vez aconteceram questões de âmbito pessoal, onde quase tive que abandonar o curso, faltando aproximadamente dois meses para a formatura. Neste momento, pude ver o carinho e o apoio de todo corpo docente para com minha pessoa. Tive tempo de recuperar as avaliações perdidas e consegui alcançar notas ótimas em praticamente todas as disciplinas. Considero esse um momento muito importante, pois, através do que vivenciei, hoje procuro ter um olhar mais sereno em relação aos meus alunos quando eles apresentam dificuldades de quaisquer ordens.

Depois de formado, a minha inserção na docência não se deu de forma instantânea, segui trabalhando com outras atividades, como garçom, fotógrafo, gerente de bar, todas as funções que não têm relação com a educação.

Tinha para mim que concursos públicos tendiam a ser difíceis e que, se fosse fazer algum, iria me decepcionar pelo fato de não conseguir ser aprovado, acredito que isso se deu em decorrência das várias reprovações na UFRGS. Em 2012, enquanto ainda estudava, tentei fazer o concurso para o governo do estado e de fato não passei. Acredito que aí está o motivo pelo qual demorei tanto para voltar a fazer concursos e procurar outros serviços após o término da graduação.

Depois de um período me preparando, comecei a fazer concursos a partir de 2015. Após diversas tentativas, alcancei diversas aprovações, algumas com colocações excelentes. Consegui nomeação em duas prefeituras, primeiramente em Sapucaia do Sul, onde lecionei com exclusividade por quase três anos, e, na sequência, em Ivoti. As diferenças culturais, estruturais e socioeconômicas, entre estes dois espaços que leciono, são de salutar importância para minha formação como docente, pois, por meio de determinadas singularidades, posso estabelecer um parâmetro comparativo entre realidades distintas que permitem desconstruir aquilo que considerava uma máxima, ou seja, de que alunos de escolas públicas têm as mesmas oportunidades.

Durante toda a minha jornada de vida, antes e depois da universidade, sempre fui uma pessoa inquieta. Através da docência, do aporte teórico obtido na academia e da observação dos meus alunos, passei a ter indagações em relação às representações que os mesmos faziam em relação ao mundo. Este foi um dos motivos pelos quais escolhi este tema de pesquisa, ou seja, por ele estar relacionado às representações de paisagens.

Na minha percepção, as representações das paisagens abordam as formas como as pessoas enxergam o mundo, pois a análise parte do local para o global. Portanto, os subsídios que uma determinada pessoa possui para representar um determinado espaço dão-se a partir daquilo a que ela tem acesso. Se estas ferramentas estiverem maculadas com uma determinada carga ideológica, poderão aumentar a desconformidade das representações, ou não.

Outra questão que foi condicionante para a elaboração do presente estudo diz respeito ao período em que trabalhei com fotógrafo. Apesar de a minha área estar ligada a eventos, nas horas vagas, sempre flertei com a fotografia de outros tipos de paisagens, onde preponderava o urbano, o rural, a natureza e as desigualdades que permeiam a nossa sociedade. Portanto, a fotografia foi um fator de extrema importância para a escolha deste tema, haja vista que foi por meio dela que surgiu a possibilidade de aguçar e treinar o olhar para interpretar e entender uma imagem. Dessa forma, esta competência também foi para a sala de aula.

Por fim, gostaria de falar sobre a seleção do mestrado na UFRGS. Para um aluno egresso do supletivo e que não conseguiu passar no vestibular da Universidade Federal, parecia impossível ultrapassar este obstáculo. Mas após uma tentativa frustrada e depois de muito estudo e dedicação, consegui alcançar este sonho no ano seguinte. Acredito que o diferencial foi o fato de ter cursado disciplinas como aluno especial, pois a partir dali, peguei o ritmo de estudo, já me sentia parte da universidade e já passei a interagir com o corpo docente, conhecendo melhor a forma de pensar e dissertar da academia. Quanto a estar na UFRGS, posso relatar que este espaço é tudo aquilo que imaginava, existe um caminho para estar aqui, o processo é democrático e para todos. O corpo docente é o melhor que já tive na vida e pretendo, após defender este trabalho, desenvolver meu doutorado na Universidade.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	20
2 A ESCOLA NA ATUALIDADE.....	23
3 OS MOTORES QUE AUXILIAM NA FORMAÇÃO DA VISÃO DE MUNDO DOS EDUCANDOS.....	28
4 OLHARES SOBRE A PAISAGEM.....	33
4.1 O CONCEITO DE PAISAGEM.....	33
4.2 A INVISIBILIZAÇÃO.....	35
4.3 POSSIBILIDADES DE LEITURAPELA FOTOGRAFIA.....	37
5 AS CIDADES COMO PAISAGENS E COMO CONSTRUTORAS DE OLHARES	39
5.1 O CONCEITO DE CIDADE.....	39
5.2 O LUGAR COMO CONSTRUTOR DE OLHARES.....	44
6 BREVE HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA.....	47
7 A LINGUAGEM DAS IMAGENS PARA LEITURA DE PAISAGENS NAS AULAS DE GEOGRAFIA.....	53
8 A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO MENTALMENTE PROJETADO NA REPRESENTAÇÃO DAS PAISAGENS PELOS EDUCANDOS.....	57
9 O PAPEL DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA PERCEPÇÃO.....	64
9.1 MÍDIA E REPRESENTAÇÃO.....	64
9.2 MÍDIA E PERSUASÃO.....	66
9.3 AGENDAMENTO E ESTEREOTIPAÇÃO.....	71
10 O PAPEL DO PROFESSOR NA INSERÇÃO DA PESQUISA E NO COTIDIANO ESCOLAR.....	76
11 CONVERSANDO COM PAULO FREIRE.....	79
12 DA REFLEXÃO PARA PRÁTICA: OFICINA PEDAGÓGICA - A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA PARA REPRESENTAÇÃO DE PAISAGENS ESTEREOTIPADAS.....	84
13 DA PRÁTICA PARA REFLEXÃO: ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	97
13.1. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS.....	97
13.2 APRESENTAÇÃO DAS IMAGENS.....	100
13.3 O GRUPO FOCAL: A REAÇÃO DOS EDUCANDOS ÀS IMAGENS E A COMPARAÇÃO COM AS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO.....	102
14 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	104

REFERÊNCIAS.....	108
ANEXO A.....	114

1 INTRODUÇÃO

O trabalho em questão foi elaborado visando elucidar os questionamentos deste autor sobre as maneiras como os educandos interagem, representam e interpretam as paisagens que se encontram fisicamente distantes deles do ponto de vista geográfico. Tal pesquisa tem como mote as vivências deste professor pesquisador, suas observações e desafios de sala de aula.

Ao se trabalhar com os diferentes continentes, países, estados, cidades e culturas espalhadas pelo globo, percebe-se que, muitas vezes, há uma falta de conformidade na forma como os alunos representam as paisagens que estão ausentes do seu cotidiano e, eventualmente, até as que estão mais próximas.

Constatamos que algumas paisagens ao serem descritas têm destacadas apenas características positivas, não sendo abordadas as contradições e as lutas que ocorrem no espaço descrito, ocultando, dessa forma, as desigualdades e os problemas daquele espaço. Essa falta de informações, no que tange à representação destes espaços, constrói uma ideia parcial ou incompleta a respeito dos espaços nas mentes dos educandos. Há situações, inclusive, em que eles expressam desejo de residir ou de visitar determinados locais, por acreditarem que esses espaços são “melhores” e “mais desenvolvidos” do que aqueles que estão no seu entorno e cotidiano. Verifica-se isso pela forma como os mesmos são apresentados para os educandos, isto é, através das informações difundidas por diversos meios.

Em contrapartida, existem também os espaços que são descritos a partir de uma visão deturpada, estereotipada de forma pejorativa, destacando construções preconceituosas. Geralmente o preconceito se forma a partir de informações que chegam recortadas, que não destacam a pluralidade nas representações. Esses espaços, ao serem representados, podem gerar fobia pelas características que são priorizadas na representação, principalmente quando são destacadas as desigualdades que se apresentam através dos conflitos armados, do clima inóspito, da pobreza e das diversas outras questões que tornam as paisagens desses espaços, no mínimo, desagradáveis. Geralmente, os educandos não demonstram o menor interesse em residir no Afeganistão ou em Teerã, por exemplo.

As questões levantadas suscitam dúvidas relacionadas às razões pelas quais as pessoas interpretam os espaços de formas positivas ou negativas, boas ou más, levando-nos ao encontro do pensamento de Nietzsche (2017, p. 23):

Foram os próprios “bons”, os homens nobres, os poderosos, aqueles que ocupam uma posição de destaque e tem alma elevada que julgaram e fixaram a si e a seu agir como “bom”, ou seja, “de primeira ordem”, em oposição a tudo o que é baixo, mesquinho, comum e plebeu. Foi esse *pathos* de distância que os levou a arrogar-se por primeiros o direito de criar valores, de forjar nomes: que lhes importava a utilidade.

Por meio do exposto pelo autor, podemos entender como se dá o processo que originou a forma como tudo na nossa sociedade é representado, ou seja, ou como algo ruim ou bom, podendo este processo se estender na forma como representamos os espaços. Salientamos que esta ação tende a ser ideológica, pois, ainda segundo Nietzsche, há uma oposição em relação às coisas que não conhecemos e, por isso, a tendência é de refutarmos tudo o que for demasiado diferente. Sendo assim, culturas que não tenham semelhança com a nossa podem representar uma ameaça em nosso imaginário. Por consequência, deverá ser representada como má.

Trazendo essa questão para o âmbito da educação, percebemos que os educandos possuem a tendência de reproduzir o modelo apontado nos parágrafos anteriores ao representarem determinadas paisagens do globo. Pensando em formas de desconstruir aquele exemplo de representação, propomos a inserção da linguagem imagética, por meio das fotografias, visando à representação de paisagens distantes geograficamente com o intuito de desmanchar a ideologia prévia com a qual os espaços estão carregados. Assim, haverá a possibilidade de uma releitura das paisagens.

Para que isso ocorra, será necessária a execução de uma pesquisa com estudo de caso, que contribua para suscitar a dúvida e para instigar a autonomia aos discentes, possibilitando, dessa forma, o desenvolvimento de competências que possibilitem a análise problematizadora das imagens. O propósito será o de fazer enxergar além, levando a uma leitura complexa das paisagens a serem analisadas.

Assim, o principal objetivo desta pesquisa é analisar o potencial da linguagem fotográfica como um instrumento para (re)leituras das paisagens nas atividades de sala de aula, a partir de uma oficina desenvolvida com alunos do nono ano, do Ensino Fundamental, da Escola Prefeito João Freitas Filho.

Em relação aos objetivos específicos, serão elencadas as seguintes questões:

- Entender os aspectos que influenciam na representação das paisagens;
- Observar de que forma os educandos lêem as imagens disponibilizadas pelas mídias;
- Compreender a importância dos processos metodológicos que envolvem o ensino de Geografia, para a leitura crítica e criativa da paisagem.

Salientamos que o presente estudo se faz necessário para investigar e compreender as formas como os estudantes representam as paisagens do globo, bem como entender quais são os fatores que contribuem para a construção de representações de paisagens sem conformidade com o real.

A partir do presente estudo, acreditamos ser possível construir de forma conjunta a (re)leitura das paisagens trabalhadas, visando desconstruir representações sem conformidade com a realidade, que podem estar pautadas por questões ideológicas. A ideia é a de possibilitar aos alunos, através da competência para a leitura de imagens, uma visão complexificada, que propicie o aprimoramento no que diz respeito à leitura das fotos. Além disso, estas questões são importantes para ampliar o referencial de estudantes que, muitas vezes, têm um repertório cultural muito restrito, contribuindo para que possam se posicionar de uma maneira mais consciente frente aos desafios impostos pela vida.

Sendo assim, acreditamos ser importante que os alunos saibam ler e interpretar as paisagens com criticidade, pois percebemos o quanto esta competência pode aumentar o seu potencial como leitores críticos do espaço geográfico. Isso possibilita o ressurgimento de algumas características que, em muitos casos, são suprimidas em sala de aula, como constato, a partir das minhas observações, alunos de sexto ano inquietos e curiosos, mas que chegam ao nono ano sem nenhuma aparente curiosidade.

Por fim, acreditamos que, por meio de metodologias que coloquem o aluno como protagonista, com a instigação da sua curiosidade e propiciando momentos mais divertidos em sala de aula, conectados com o contexto atual, poderemos provocar uma primavera incipiente na educação, que, antes de tudo, serve para formar cidadãos críticos e atuantes em todas as searas da vida pública.

Nos próximos capítulos, serão abordadas questões, conceitos e metodologias que darão suporte para o presente trabalho, possibilitando uma compreensão com mais embasamento da nossa problemática. Trataremos de questões relacionadas à escola, aos educandos, às representações e aos subsídios que os alunos utilizam para projetar as paisagens em suas mentes. Nos capítulos finais, apresentaremos a oficina proposta e os resultados acompanhados de suas discussões.

2 A ESCOLA NA ATUALIDADE

Do ponto de vista tecnológico, a sala de aula é um espaço que parece ter parado no tempo. A maioria dos professores continua dispondo apenas de livros didáticos, quadro e giz para explicar um mundo dinâmico, que está em constante movimento. Portanto, constatamos que a infraestrutura da maioria das escolas públicas do nosso país não acompanhou os avanços tecnológicos presentes em outros segmentos da sociedade. (SÁ; WERLE, 2017).

Diferentes camadas da sociedade já possuem acesso a algum tipo de dispositivo que possibilite a conexão com a rede mundial de computadores. No entanto, esta tecnologia, quando disponibilizada na maioria das unidades públicas de ensino, não é utilizada com toda a sua potencialidade. Isso ocorre devido ao treinamento precário que a maioria dos funcionários de escolas possuem para lidar com a tecnologia e pelo sucateamento destes materiais, que, muitas vezes, ficam obsoletos sem a devida utilização. (PRATA, 2017).

Segundo Cavalcanti (2014, p. 81):

[...] alguns comentários de pessoas que estão, de alguma forma, ligadas ao campo da educação permitem perceber que ela está sendo deslegitimada, face ao seu anacronismo, ao seu sucateamento, à sua incapacidade de fazer frente ao mundo tecnificado, ao mundo das comunicações virtuais, à diversidade dos que nela se inserem.

A partir da autora, é possível compreender como se dá a questão do sucateamento das instituições públicas de educação no Brasil em relação a outros setores que possuem um acesso mais dinâmico ao mundo tecnificado. Acreditamos ser este um dos fatores que podem estar relacionados à baixa qualidade do ensino e à falta de interesse dos discentes e dos docentes, que provavelmente não possuem subsídios condizentes com os demais segmentos da sociedade.

Uma infraestrutura condizente com a realidade atual, com escolas conectadas e informatizadas, com a universalização do acesso a Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's), para professores e alunos, poderia possibilitar aulas mais dinâmicas e instigantes. (CAVALCANTI, 2014).

Portanto, torna-se nítida a importância da inserção das TIC's a fim de fomentar a prática de aulas interativas, onde estejam presentes diversas linguagens que facilitem o aprendizado e tornem o ambiente escolar um espaço mais prazeroso, conectado com o mundo e com a vida dos jovens escolares. Para viabilizar esse

panorama, são necessários investimentos em equipamentos e treinamento dos docentes, possibilitando, desse modo, uma melhor utilização dos meios já disponíveis, evitando ainda a obsolescência do maquinário, como ocorre, em diversas escolas, com os laboratórios de informática, subutilizados por falta de pessoal qualificado para fazer um bom uso dos equipamentos.

Segundo Carvalho e Monteiro (2012, p. 356):

Um aspecto preocupante decorrente das visitas às escolas foi perceber a dificuldade de alguns gestores para lidar com as questões técnicas, práticas e pedagógicas que envolvem a inclusão digital.

É possível constatar a inépcia de muitos profissionais da educação para o manuseio e para a configuração dos equipamentos de informática, quando estes se fazem disponíveis. Outra questão preponderante diz respeito à renovação desses equipamentos, tendo em vista que o maquinário de informática possui grande obsolescência, após poucos anos de uso, sendo necessária uma atualização constante. (CARVALHO; MONTEIRO, 2012). Portanto, fica latente a necessidade de investimentos constantes e a contratação de pessoal especializado para fazer a manutenção nos equipamentos.

Com apenas um computador com acesso à internet, acoplado a um projetor, é possível revolucionar a forma como o professor trabalha, buscando diversificar as linguagens que irão possibilitar um melhor entendimento do conteúdo, que, por consequência, aumentará o aprendizado. A maioria dos educandos possui algum tipo de acesso à rede, seja por meio de celulares, *tablets* ou computadores. A utilização de redes sociais e de mensageiros instantâneos faz-se presente em seu cotidiano. A forma como a maior parte da juventude se relaciona com o mundo tende a ser visual, através de imagens e textos que estão inseridos na nuvem ou nos aplicativos de mensagens instantâneas. Dessa maneira, é justificável que os professores façam a utilização de equipamentos que possibilitem a exibição de imagens, músicas ou vídeos, propiciando uma sala de aula mais conectada com o dia a dia dos alunos.

Isso posto, é preciso fazer algumas indagações a respeito da dificuldade de alguns docentes em exercer sua prática pedagógica de forma criativa, utilizando a estrutura disponibilizada na maioria das escolas públicas. Como é possível prender a atenção de alunos que vivem em um mundo cada vez mais dinâmico, quando

inseridos em um ambiente que “parou” no tempo? Para aprofundar e problematizar este questionamento pode-se utilizar, como exemplo, as disciplinas que necessitam de um aporte visual para trabalharem seus conteúdos. Como apresentar as paisagens do nosso planeta sem a utilização de tecnologias que permitam trabalhar com linguagens de cunho visual?

Respondendo à indagação acima, acredito ser possível dar uma excelente aula sem nenhum aporte tecnológico. Porém, mesmo sendo uma aula impactante, que alcance seu objetivo de sistematizar o conhecimento e que consiga realizar uma boa troca entre aluno e professor, ela não conseguirá traduzir as paisagens do nosso planeta de forma fidedigna, mas sim de maneira “precária”, pois a forma como os alunos irão construir, em suas mentes, os locais representados será influenciada pela forma como o professor irá retratar os espaços em questão, assim como pela bagagem pretérita de cada educando. (SANTOS, 2015).

Em face das questões expostas neste capítulo, é possível compreender como se dão as distorções que ocorrem na forma como os alunos ilustram as paisagens. Acreditamos na utilização das TIC's, em especial as visuais, como uma lanterna que lançará luz na forma como os educandos construirão em suas mentes as representações das paisagens do globo. Procuraremos dar ênfase às TIC's visuais, com destaque para a fotografia, que será um dos objetos de estudo do presente trabalho, tendo em vista que as paisagens utilizadas, nesta pesquisa, serão captadas pelo uso de câmeras fotográficas. Destaco, porém, que as fotos não deverão ser vistas como um fim, mas como um meio que servirá como um farol, que poderá servir de auxílio para se sair da “caverna” de Platão. Segundo Santos e Costella (2016), “[...] quem cega não consegue entender o seu próprio lugar para, somente assim, ser capaz de ler e interpretar os espaços ausentes, os espaços mentalmente projetados”.

De acordo com Zatta e Aguiar (2009, p. 3):

Sobre a linguagem visual, alguns estudos afirmam que aprendemos: 1% através do gosto, 1,5% do tato, 3,5% do olfato, 11% pela audição e 83% pela visão. Segundo John Berger, o olhar chega antes da palavra, o que significa que os seres humanos, antes de aprender a falar, comunicavam-se com o mundo pela visão.

A partir da visão dos autores, podemos constatar que a utilização das imagens se justifica, na medida em que estas atuam como facilitadoras do aprendizado, ou, como refere Portugal *et all* (2012, p. 75), “acredito no cinema como uma janela para o mundo. Mundo que se quer conhecer, compartilhar, fazer parte, um mundo do lado de fora da ‘caverna’.”

Podemos também aplicar a reflexão de Portugal (2012), adaptando-a para a linguagem imagética, com a fotografia sendo o instrumento responsável pela coleta de dados que possuirá os mais variados enfoques. Utilizando esta linguagem, através da mediação do professor e com a valorização dos conhecimentos pretéritos dos alunos, será possível conduzir os educandos para viagens a locais distantes, com a visualização de diversas paisagens do globo. Desse modo, eles terão a alternativa de analisar uma paisagem, por meio de diversos prismas, possibilitando, assim, iluminar o caminho que fará jovens escolares saírem da “caverna”.

3 OS MOTORES QUE AUXILIAM NA FORMAÇÃO DA VISÃO DE MUNDO DOS EDUCANDOS

Segundo Cavalcanti (2014), a escola se constitui como um espaço de cruzamento de culturas. Esta questão pode gerar conflitos devido a visões de mundo que não possuem consonância. Mesmo os alunos que residem em bairros considerados homogêneos, do ponto de vista social, irão possuir formações culturais diferenciadas, pois isso tem origem através das classes sociais, das etnias, das religiões, dos valores e das tradições.

A maioria dos currículos, mesmo com a nova BNCC, ao trabalharem a sociedade, possui a tendência de fazê-lo de forma homogênea, sem levar em conta a diversidade de conhecimentos que permeia a vida dos educandos. Não considerar as diferenças existentes entre a bagagem cultural dos alunos pode ocasionar uma segregação para os indivíduos que não se encaixam no perfil padrão estabelecido pela sociedade.

Os aspectos levantados anteriormente ajudam a fomentar uma separação da sociedade, onde prepondera a triste divisão que separa as pessoas entre “nós e eles”, ocasionando uma fragmentação entre as culturas e um empobrecimento intelectual, pois, ao invés de tentarmos conhecer, respeitar, compreender, interpretar e interagir com diferentes realidades, nós ficamos presos em verdades absolutas, que não propiciam a reflexão e a troca. (MOREIRA E CANDAU, 2003).

Outra questão relevante encontra-se relacionada à forma como a globalização pode afetar a percepção de mundo dos jovens escolares. É provável que este processo tencione uma homogeneização dos padrões culturais e de consumo em escala global. Nas escolas periféricas, isso reverbera, na maioria das vezes, de forma negativa, causando conflitos devido à insatisfação dos educandos, que, predominantemente, não têm acesso aos artigos exibidos pelas campanhas publicitárias. Estas peças, ao transmitirem que a felicidade está atrelada ao consumo, acabam por criar falsas necessidades. Corroboram a ideia de que, quem não consegue alcançar um determinado padrão de consumo, não é bem sucedido, deixando essas pessoas com a pecha de “infelizes” e “fracassadas”.

Nas palavras de Silva e Moura (2014, p. 4):

Em uma sociedade que valoriza mais o ter do que o ser, como é o caso da sociedade brasileira, observa-se um comércio fortemente relacionado à

vinculação social, ao pertencimento a determinados grupos. Sobretudo, um comércio reforçado pela mídia, que faz com que muitos jovens brasileiros “exijam” de seus pais a aquisição de determinado produto (de marca é claro) porque seus colegas têm, esperando que, com a posse deste bem se sentirão incluídos no grupo.

Analisando as palavras das autoras, é perceptível a existência de uma “cultura de consumo” ligada ao do “ter” e não ao “ser”. O predomínio deste pensamento, na sociedade em que vivemos, provoca fraturas sociais, que contribuem para o distanciamento e isolamento das populações de todas as classes dos grandes centros. Essa separação reverbera, também, nos espaços escolares, pois estudantes de uma região austera e afastada dificilmente terão acesso aos bairros “nobres” da pólis.

Outro aspecto relevante, que também se relaciona com a globalização, diz respeito à velocidade dos fluxos de informações. Nos dias atuais, o acesso à rede mundial de computadores se expandiu vertiginosamente, e a maioria dos estudantes dos anos finais, do ensino fundamental, possui algum tipo de acesso à rede. Aqueles que não têm acesso à internet, geralmente, possuem outras mídias à sua disposição, como o rádio e a televisão, que também disponibilizam informações, mas não com a interação propiciada pela rede mundial de computadores. A televisão e o rádio são instrumentos dos quais os educandos recebem informações de forma passiva, sem a possibilidade de buscar outras versões dos fatos, através da navegação em diversos sites da web. Podemos inferir, então, que as mídias, de certa forma, diminuem o tamanho do planeta, tendo em vista que, com o seu uso, é possível representar diferentes paisagens do globo geograficamente distantes sem o custo altíssimo de uma viagem *in loco*.

Segundo Nascimento (2013, p. 37):

A informação instantânea em todo o globo, com reportagens via satélite, ao vivo, de locais distantes ou próximos, e a comunicação via computadores oferecem a instantaneidade temporal, como nunca antes imaginado, aos acontecimentos sociais e às expressões culturais que acontecem em qualquer parte do planeta, invertendo uma tendência histórica de pensar o tempo e o espaço de uma maneira linear, inaugurando também um jeito diferente de pensar a sociedade: sociedade em rede.

A partir das questões elencadas pela autora, podemos compreender a importância das mídias virtuais e convencionais, como linguagens que auxiliam os educandos, na formação e na percepção das paisagens do nosso planeta. Entretanto, em razão destes meios trabalharem com recortes de um todo, muitas

vezes representados a partir de uma determinada visão ou de um ponto de vista que estará permeado pela parcialidade do emissor da informação, as representações poderão não ter conformidade com a realidade do espaço em questão.

Outro aspecto que auxilia na percepção e representação do mundo por parte dos educandos está relacionado com os locais onde estes passam a maior parte do tempo, quais sejam: suas casas, ruas, bairros, escolas, parques, praças, campos de futebol, entre outros. O local é fundamental para a compreensão do global, pois através do espaço vivido, dos nossos lugares, das paisagens do nosso cotidiano, teremos subsídios para estabelecer relações com as diferentes paisagens do planeta.

Segundo Cavalcanti (2008, p. 11):

A geografia é uma das ciências que estuda o espaço na sua manifestação global e nas suas manifestações singulares. Sendo assim, os conteúdos geográficos precisam ser "apresentados" para serem trabalhados pelos alunos nesta dupla inserção: a global e a local.

De acordo com as palavras da autora, podemos perceber a necessidade de trabalhar a representação do espaço geográfico de forma integrada no que tange a similaridades das paisagens do globo, pois os elementos que constam no espaço local do meio urbano brasileiro também poderão existir em outros espaços urbanos, em diferentes cidades do planeta. Essas semelhanças poderão estar presentes também em outras cidades que, do ponto de vista cultural, são diferentes em relação ao Brasil.

Portanto, a partir da vivência que os jovens possuem nos seus "lugares", poderá haver uma conexão que se dará através das características urbanas globais. Isso acontece por meio da identificação que os discentes possuem em relação às infraestruturas presentes em locais distantes, que se assemelham com aquelas disponíveis na sua pólis.

Outra questão de grande relevância, que deverá ser levada em consideração, diz respeito ao papel homogeneizador que a globalização apresenta no meio urbano.

Ainda, segundo Cavalcanti (2008, p. 17):

No contexto da globalização, pode-se, por um lado, constatar que aspectos desse contexto estão presentes de algum modo em todas as cidades, o que acaba por padronizar aspectos do cotidiano das pessoas que aí vivem.

Neste fragmento do texto, a autora retoma a ideia já mencionada com relação às similaridades presentes nos espaços urbanos das cidades, que se dá por razões relacionadas ao espraiamento da globalização no planeta. Essas similaridades podem ser de cunho cultural, “cultura global” ou técnico, que se materializam por meio da arquitetura globalizada. Podemos, também, utilizar o que Harvey (2013) chama de “infraestruturas sociais”, que são geograficamente diferenciadas e também são responsáveis por diversificar os espaços das cidades. O capital será responsável pelo tipo de estrutura que será implementada em uma determinada região, estratificando as zonas das cidades, conforme a renda da população. Regiões centrais de grandes metrópoles poderão possuir algumas características análogas, assim como as regiões periféricas. (SPOSITO, 2004).

Que espaços da cidade os jovens frequentam? De que forma as vivências destes espaços contribuem para construir a sua visão de mundo? A partir de Nascimento (2013), foi produzida uma tabela (Tabela 1), que enumera os locais mais frequentados por jovens escolares da periferia de Porto Alegre. Acreditamos que os dados apresentados não seriam muito diferentes daqueles obtidos por jovens que residem na periferia de Sapucaia do Sul, pois, em ambos os casos, os estudantes são moradores de áreas urbanas, localizadas em regiões menos abastadas.

Tabela 1 - Lugares frequentados pelos jovens escolares.

Espaços	Meninos	Meninas
Casa de amigos e parentes	46	90
Festas	31	32
Parques e praças	23	15
Local de trabalho	24	17
<i>Shopping</i>	24	20
Igreja	9	10
Outros	13	26

Fonte: Nascimento (2013).

Analisando a Tabela 1, percebemos que há um acesso restrito por parte dos jovens às áreas públicas da cidade. Acreditamos que, se houvesse uma maior quantidade e disponibilidade de infraestruturas sociais nos bairros periféricos, provavelmente a Tabela 1 traria outras informações. Uma alternativa para a inserção dessas infraestruturas seria o incremento de atividades esportivas com o aumento do número de praças, parques e espaços promotores da cultura e da vida em sociedade.

Em face das questões destacadas no último parágrafo, podemos perceber o quanto a casa dos pais ainda se constitui como o único espaço onde muitos jovens passam a maior parte do tempo. Para ir a festas e *shopping centers* ou parques, que se localizam em outros pontos da cidade, é necessário um aporte financeiro que, na maioria das vezes, não se faz disponível. (NASCIMENTO, 2013).

Quando entramos na seara do trabalho, temos o problema da escassez de vagas formais, sobrando apenas o mercado informal como única saída (NASCIMENTO, 2013). Outro aspecto que auxilia os jovens escolares na compreensão e na representação do mundo está relacionado ao acesso ao campo cultural.

Segundo Nascimento (2013, p. 22):

A possibilidade de acesso, principalmente ao campo cultural amplia as fronteiras do imaginário e incorpora, pelo menos no simbólico, experiências que vão proporcionando construções cognitivas e relacionais, as quais não são mais aceitas como algo dado, mas servem de pontes que vão sendo refeitas e transformadas.

A partir das ponderações da autora, é possível inferir com clareza a importância do acesso ao campo cultural para a juventude, pois, através dele, poderá haver uma expansão da criticidade, da análise e, sobretudo, do desenvolvimento do imaginário dos alunos.

Podemos, ainda, salientar que as diversas culturas estão presentes no dia a dia de todos, seja pela mídia, pela escola, pela família, pela tradição de determinados locais do globo, seja por aquelas expressadas pela arte, pela música, pelo teatro e pela literatura. Independente da classe social, todos os estudantes têm, em alguma medida, acesso às culturas citadas, mas nem todos fazem uso das mesmas.

Acreditamos que, para ampliar a visão de mundo dos alunos, a cultura literária poderá ser uma grande aliada. Para tal, deve-se incentivar a prática da leitura, fomentando o acesso a livros para os jovens, com investimentos nas bibliotecas e nas salas de leitura das unidades públicas de ensino.

4 OLHARES SOBRE A PAISAGEM

Acreditamos que, para pesquisar temas relacionados ao ensino de Geografia, necessitamos um aporte teórico diverso com o intuito de propiciar um melhor entendimento em relação ao objeto de estudo e elucidar aspectos que irão contribuir para o desenvolvimento e a compreensão do trabalho em questão.

Neste capítulo, será apresentado o conceito de paisagem, a sua invisibilização e as possibilidades de leitura por meio da fotografia, procurando mostrar as conexões que foram adotadas no caminho percorrido durante a pesquisa.

4.1 O CONCEITO DE PAISAGEM

O conceito de paisagem possui lugar de destaque no presente trabalho, sendo analisada em seus diversos prismas, para análise desta categoria. Destacaremos de forma sucinta algumas das formas como as paisagens podem ser representadas.

Uma das formas mais usuais para conceitualizar esta categoria segundo (Claval, 2014), versa que paisagem é tudo aquilo que está dentro do campo de visão do homem, havendo ainda uma subdivisão que diz: se houver características antrópicas, poderão ser chamadas de paisagem cultural, enquanto que, na ausência destas e com a total preponderância da natureza, poderão ser chamadas de paisagens naturais.

Atualmente, é sabido que a definição de Claval já não consegue mais abarcar de forma precisa esta importante categoria. A difusão de novas tecnologias possibilitou aumentar o ângulo de visão para além dos quase 150 graus, que é a capacidade de visão do olho humano. No que tange à percepção visual, não podemos sustentar que a paisagem é somente aquilo que está ao alcance do ângulo de visão do ser humano. Essas tecnologias estão presentes no dia a dia, através das lentes fotográficas, e a escala de análise vai depender da tecnologia empregada, podendo ser desde uma imagem orbital até uma foto capturada com câmera de um telefone celular. Estão também, no cotidiano das pessoas, os dispositivos que possibilitam a interação delas com os aplicativos e redes de compartilhamentos de imagens, como o Instagram, Google Photos, o Google Earth e inúmeras outras opções.

Segundo Suertegaray e Guasselli (2012, p. 28):

A descrição da paisagem que se faz aqui é diferente, de nossas antigas práticas, de um lado temos para análise, uma paisagem (re)produzida, virtual (enquanto representação); de outro temos uma paisagem ampliada em seu campo visual graças ao distanciamento do imageador (satélite).

A partir do que foi exposto pelos autores, é possível inferir de que forma a inserção das tecnologias contribuem no sentido de ressignificar o trabalho e a visão deste conceito, pois, por meio desta linguagem, há uma inovação e também uma facilitação para a representação de paisagens em diferentes escalas, sendo possível, dessa forma, levar ao conhecimento do público imagens de locais que se encontravam ocultos, isto é, por eles não se localizarem no campo de ação das populações das grandes cidades.

Portanto, ao utilizarmos o termo “paisagens remotas”, estaremos nos referindo aos locais que majoritariamente não fazem parte do imaginário dos habitantes de uma determinada região, de uma cidade, de um país ou do globo.

Visando expandir a compreensão relacional entre a paisagem e a fotografia, buscamos, através de Oliveira (2007, p. 98), uma breve explicação sobre este tema:

Defendemos a ideia de que a paisagem fotográfica entendida como signo, expressão artística e mensagem, é o resultado final de uma série de operações de construção de sentido diretamente vinculadas com a experiência e a história cultural das sociedades. Acreditamos que qualquer paisagem fotográfica, da mais icônica e indicial até a mais simbólica, revela-se como imagem que sintetiza aspectos de uma relação interpretativa dinâmica entre fotógrafo/sujeito, signos da linguagem fotográfica/meio e paisagem/objeto. Trata-se de uma tríade colocada, por inteiro, no interior da fotografia que assume formas diferenciadas conforme o sentido final desejado para a imagem. Parafraseando livremente a concepção peirceana de signo, poderíamos dizer que as fotografias de paisagem representam (ou, conforme o caso, apresentam) um conjunto de estratégias, opções formais e princípios de constituição de tal modo que o efeito de “sentido paisagem” daí resultante não é tão-somente uma referencialização direta do natural, mas também uma “expressão da paisagem” ou uma “poética da paisagem”, que faz “exprimir” os lugares e os objetos do mundo e leva a uma produção consciente do olhar.

Através dos dizeres do autor, é possível compreender como se dá o processo da produção de fotografia das paisagens. Destacamos que a mesma vai além da retratação de um dado local, pelo fato das imagens possuírem também um cunho artístico, estando este intrinsecamente ligado à visão de mundo e a técnica do fotógrafo.

Contudo, não podemos simplificar a categoria paisagem a uma fotografia, pois esta não contempla todos os atributos que possibilitam a representação das paisagens, que podem, também, ser analisadas através do tato, do olfato, do paladar, da audição e da visão.

4.2 A INVISIBILIZAÇÃO

O processo de invisibilização de uma paisagem é multifatorial, vai desde a distância geográfica, tornando determinados espaços das cidades, do país ou do globo inacessíveis, até os espaços mais próximos que, por diversos motivos, não fazem parte da vida dos educandos. Aumentando a escala, podemos citar a questão da ocultação dos espaços públicos, relacionando-a com a especulação imobiliária. A Fazenda do Arado Velho, em Belém Novo, bairro da zona sul de Porto Alegre, constitui-se num exemplo disso, pois se trata de um espaço com natureza exuberante, com lindas praias, onde ocorre um processo de invisibilização, por conta de um imbróglio judicial, devido à especulação imobiliária, que mercantiliza as paisagens, transformando a natureza em mercadoria. Tendo em vista que o referido local se trata de um espaço repleto de belezas cênicas que poderiam fazer parte da vida dos cidadãos porto-alegrenses. Poderia ser sentido e incorporado como um lugar com identidade e sensação de pertencimento, mas, por se tratar de um espaço reservado para especulação, há uma tendência de obscurecer e invisibilizar aquelas paisagens, haja vista que seria um risco para os especuladores se os cidadãos da nossa cidade expropriassem aquelas terras, transformando-as num espaço de uso coletivo. Por fim, o processo que existe na Fazenda do Arado Velho pode ser visto como um tubo de ensaio, porque este padrão de ação do mercado imobiliário é comum nas áreas em que o capital possui interesse.

Segundo Nogué (2011, p. 4):

Sólo –repito- con una actitud abierta y constantemente autocrítica accederemos a las ‘otras geografías’, esto es a los paisajes incógnitos y los territorios ocultos de las grandes metrópolis, a los nuevos espacios disidentes, al cuerpo humano como objeto y sujeto geográfico, a la dimensión espacial de las relaciones de género, a las geografías de la exclusión, a las geografías de la evasión, a las geografías emocionales generadas por las diásporas, el exilio y la emigración, a los paisajes sensoriales no visuales inducidos por el resto de nuestros sentidos o, sin ir más lejos, al fundamental y a la vez complejo proceso a través del cual los seres humanos imbuidos de significado al espacio geográfico y creamos lugares.

Partindo das ideias do autor e buscando conexão com a realidade de uma metrópole, como Porto Alegre, é possível encontrar diversos locais que permanecem separados do restante da cidade, onde a população, por falta de acesso, possui total desconhecimento. Por se tratar de paisagens que estão em zonas periféricas em relação à área central, muitas vezes, são representadas a partir de ideias que não condizem com a realidade dos referidos locais, pois o imaginário de quem as representa se dá a partir das informações disponíveis, que geralmente começam com aquelas imbuídas no espaço vivido.

Ao trabalharmos as paisagens a partir de uma escala menor, no que tange a distância das representações, com paisagens que se localizam em outros estados, países ou continentes, como a África ou o Oriente Médio, a probabilidade de uma representação sem conformidade também será grande, já que esta será elaborada a partir do imaginário dos educandos, os quais provavelmente não possuirão subsídios para fazê-la.

Outra questão que chama a atenção deste pesquisador diz respeito à relação de como se dá a vida em condomínio e o impacto desta vivência na forma de ver o mundo. Condomínios são espaços fechados, murados, que representam uma minicidade, pois seus habitantes não possuem a necessidade de sair daquele local, tendo em vista que quase tudo é oferecido ali. Portanto, esses locais podem ser descritos como cidades medievais modernas ou fortalezas medievais modernas, por serem murados e separados do restante da cidade. Os condomínios impossibilitam o acesso de quem não é morador e deixam os residentes "bitolados", pois um jovem que reside num espaço destes tende a ter uma visão distorcida do restante da cidade.

Souza (2015, p. 57) explica esta ideia:

Outra potencialidade do conceito de paisagem para a pesquisa socioespacial reside em examinar como a paisagem condiciona a nossa (in)sensibilidade e o modo como somos socializados. Exemplificando: como a paisagem socialmente homogênea e protegida de um "condomínio exclusivo" pequeno burguês ou burguês condiciona as crianças e os jovens criados em um tal ambiente? Até que ponto e de que maneira ela hipoteticamente, bloqueia o despertar de uma consciência de responsabilidade e solidariedade sociais?

A partir daí, é possível compreender de que forma se dão os processos que contribuem para a representação das paisagens, em que uma das características é a falta de conformidade com a realidade do espaço representado, pois o jovem

morador de um condomínio fechado irá imaginar o restante da pólis a partir daquele espaço. Portanto, as formas como ele representará as paisagens da cidade tendem a não possuir conformidade com a realidade do local e sim a realidade do autor da representação. O mesmo pode ocorrer com moradores de outras regiões, como a periferia, pois um jovem pertencente a uma classe menos favorecida economicamente, que cresceu num bairro “pobre” e distante, geralmente não tem condições de transitar e conhecer outros lugares da cidade, por conta da falta de capital. Essa condição os priva de utilizarem os serviços de transporte e suprimem a possibilidade de consumo. Tais pessoas não terão condições de conhecer outros espaços da cidade onde residem, sendo assim, não terão condições de representar as demais áreas da cidade de forma fidedigna, pelo fato de não possuírem os subsídios necessários para tal.

Segundo Rodrigues (2002, p. 74):

As representações da paisagem variam de indivíduo para indivíduo, já que a sua interação com o mundo é afetada por diversos fatores. Primeiramente, por estar sujeita às particularidades das combinações de elementos físicos, biológicos e sociais do espaço; também, por ser dependente das características fisiológicas individuais, ou seja, das condições físicas dos órgãos sensoriais do sujeito; está, além disso, fortemente relacionada às disposições da personalidade, sendo profundamente alteradas de acordo com a motivação, cansaço, lembranças, expectativas e valores individuais. Não podemos nos esquecer da aprendizagem social, como elemento determinante nesse processo. A aquisição de códigos de um grupo social, além de impor um significado peculiar às paisagens, torna possível, apesar das diferenças individuais, certo consenso sobre as idéias que indivíduos de um mesmo grupo cultural faz de uma mesma paisagem.

Como resultado, podemos analisar os elementos que contribuem para uma construção de imagens distorcidas e parciais das paisagens, que acarretam a não conformidade das representações, pois apenas o conhecimento do local e as experiências pessoais podem não suprir a demanda necessária de informações para uma representação conforme.

4.3 POSSIBILIDADES DE LEITURAPELA FOTOGRAFIA

A fotografia e a internet poderão ser grandes aliadas para trabalharmos com a categoria paisagem, no sentido de desmistificar os espaços ocultos do nosso cotidiano e possibilitar a desconstrução das representações que não possuem conformidade. Tendo em vista que a imagem é uma linguagem que pode ser

apresentada com o intuito de se trabalhar com diversos locais sem sair do lugar, como em uma viagem pelo mundo dentro da sala de aula, a internet pode ser o meio de transporte que possibilita a busca de paisagens localizadas em todo universo. Dessa forma, através dela, podemos ver desde o deserto de Atacama até os oceanos de hélio na lua de Saturno Titã, em apenas um clique.

No entanto, há algumas questões que devem ser levadas em consideração ao trabalharmos com esta linguagem, a fim de prospectar ao máximo o seu potencial. A primeira delas é fazer uma seleção criteriosa das imagens que utilizaremos para analisar as paisagens, pois estas poderão desconstruir ou reforçar uma determinada visão daquilo que estamos representando. Devemos levar em conta, também, a intencionalidade do fotógrafo no momento da produção das imagens e o propósito do professor, pois as imagens sem mediação podem significar pouco ou nada. Entretanto, no momento em que o professor problematiza as fotografias, torna-se possível uma reflexão, possibilitando a significância em relação às mesmas pelos educandos.

Segundo Kossoy (1999, p. 27):

Seja em função de um desejo individual de expressão de seu autor, seja de comissionamentos específicos que visam uma determinada aplicação (científica, comercial, educacional, policial, jornalística etc.) existe sempre uma motivação interior ou exterior, pessoal ou profissional, para a criação de uma fotografia e aí reside a primeira opção do fotógrafo, quando este seleciona o assunto em função de uma determinada finalidade/intencionalidade. Esta motivação influi decisivamente na concepção e construção da imagem final.

Em consequência do que o autor afirma, torna-se possível compreender como se dá a motivação do fotógrafo ou de quem solicita o seu trabalho. Como a foto é recorte de um todo, ela poderá omitir diversos aspectos do entorno, criando uma falsa realidade e induzindo o observador ao erro.

Ao utilizarmos esta linguagem para a representação de uma paisagem, deve-se ter em mente a intencionalidade do fotógrafo, para tentar desvendar as suas partes ocultas, possibilitando assim o conhecimento do todo.

5 AS CIDADES COMO PAISAGENS E COMO CONSTRUTORAS DE OLHARES

A inserção do conceito cidade nesta dissertação é objeto de reflexão, pois, em alguns momentos, questiono se há ou não relevância em utilizar esta categoria para o trabalho em questão. Pois bem, após refletir, ponderei que há conexão deste conceito com a proposta da pesquisa pelo fato não só de as paisagens trabalhadas, no presente estudo, se localizarem em cidades de outras regiões do planeta, mas também porque as cidades são os espaços de vida de grande parte dos estudantes no seu cotidiano, como relata a pesquisa de Nascimento (2013).

5.1 O CONCEITO DE CIDADE

As cidades não são algo novo na história da humanidade, as mesmas já existiam há milhares de anos antes de Cristo. Porém, é no final do período feudal e no início da Revolução Industrial, que sua ampliação ocorre de maneira vertiginosa, por meio da expulsão dos trabalhadores rurais, que foram obrigados a migrar para os centros urbanos com o intuito de criar um excedente de mão-de-obra. Conforme Marx (2013, p. 994), “a expropriação e a expulsão de uma parte da população rural libera os trabalhadores, seus meios de subsistência e seus meios de trabalho em benefício do capitalista industrial; além disso, cria o mercado interno”.

A burguesia exerceu sua grande influência no meio estatal, trabalhou no sentido de adaptar e moldar os centros urbanos e seus entornos, desenvolvendo todos os tipos de infraestruturas. Essas foram fundamentais para o funcionamento do sistema capitalista, inclusive, aquele que conhecemos hoje. Elas se materializaram através de cidades, estradas, plantações, minas de extração de minérios e inúmeras outras formas que causaram alterações nas paisagens do planeta, assim como as diferenciando, criando espaços de maior e de menor atratividade. (HARVEY, 2013).

As cidades passaram a exercer um papel central, pois foi neste espaço que ocorreu uma grande concentração de fábricas e indústrias, comércios e serviços, que representaram e continuam representando os setores secundários e terciários da economia. Nas regiões mais afastadas, atividades do setor primário estavam presentes, como a extração. Ela estava voltada ao abastecimento de matérias-primas das grandes empresas, e a agricultura que, nesse momento histórico já havia

sofrido uma revolução, para dar conta de produzir o suficiente para alimentar as populações dos grandes centros urbanos.

Nas palavras de Sposito (2004, p. 42):

Ainda que a indústria seja a forma através da qual a sociedade apropria-se da natureza e transforma-a, a industrialização é um processo mais amplo, que marca a chamada Idade Contemporânea, e que se caracteriza pelo predomínio da atividade industrial sobre as outras atividades econômicas. Dado o caráter urbano da produção industrial (produção essa totalmente diferenciada das atividades produtivas que se desenvolvem de forma extensiva no campo, como a agricultura e a pecuária) as cidades se tornaram sua base territorial, já que nelas se concentram capital e força de trabalho.

Por meio das palavras da autora, podemos compreender como se dá o processo onde a cidade passa a ocupar um papel relevante, ficando no âmago das decisões, pois o campo passa a trabalhar para a cidade e não o contrário, inclusive com a urbanização do interior, que é uma realidade nos dias atuais.

As cidades capitalistas possuem o que Harvey (2013) denomina de “infraestruturas sociais”. Essas se fazem presentes, na saúde, na educação, nos espaços públicos de uso compartilhado, na segurança pública, nos financiamentos que visam possibilitar a aquisição de moradia para os proletários.

Segundo Harvey (2013, p. 612):

Por exemplo, quando os trabalhadores compram uma casa em um determinado local e tempo, eles podem fazê-lo mediante um arranjo de hipoteca sancionado pelas tradições do contrato, apoiado pelas políticas do governo e promovido pela ideologia burguesa. Seus pagamentos mensais ao banco refletem um tempo de amortização e uma taxa de juros indicativa das condições globais da acumulação, mediadas pela força e pela segurança de determinadas instituições dentro do sistema financeiro e pela força da economia nacional em relação ao comércio internacional. Todas essas mediações são captadas e reduzidas, na análise final, a um pagamento mensal ao banco (ou a uma instituição financeira paralela).

Diante do exposto, é possível observar como as forças do capital agem no sentido de fixar a mão-de-obra em um determinado território. Todos os melhoramentos, que são chamados de infraestruturas sociais, têm o intuito de retroalimentar o sistema. Uma cidade universitária estará formando mão-de-obra especializada, que será utilizada pelas empresas do seu entorno. Uma região periférica de um grande centro urbano também se faz necessária, na medida em que cria reservas de mão-de-obra não qualificadas, que serão exploradas, exercendo funções de baixa remuneração.

Destarte, através do explicitado, pode-se perceber que as formas do espaço urbano tendem a ser heterogêneas. Essas desigualdades possivelmente estão relacionadas ao tipo de infraestrutura social que o capital disponibilizará para o local onde ele se fará presente, sendo que estas estruturas poderão estar relacionadas com divisão internacional do trabalho, com países produtores de manufaturas e países distribuidores de matéria-prima. Esta divisão tende a diferenciar as nações desenvolvidas, as emergentes e as subdesenvolvidas.

Segundo Harvey (2013, p. 612):

As infraestruturas e as instituições sociais do capitalismo são incrivelmente diversas e desempenham uma enorme variedade de funções. Elas regulam os contratos, o câmbio, o dinheiro e o crédito, assim como a competição intercapitalista, a centralização dos capitais, as condições de trabalho (como a jornada de trabalho) e vários outros aspectos da relação capital-trabalho. Com frequência definem estruturas particulares para a luta de classes. Proporcionam meios para a produção de conhecimento científico e técnico, novas técnicas de gerenciamento e novos meios para facilitar a coleta, o armazenamento e a comunicação das informações. Elas também abarcam a ampla variedade de instituições que contribuem para a reprodução da força de trabalho (saúde, educação, serviços sociais etc.) e da vida cultural em todos os seus variados aspectos (incluindo aquele da burguesia). Oferecem meios de controle ideológico e também fóruns para o debate ideológico. Mais sinistros são os meios de vigilância e repressão, sempre o último recurso quando a sociedade mergulha no caldeirão do feroz conflito de classe.

A partir das ideias de Harvey, é possível perceber a importância das infraestruturas sociais, pois os indivíduos criam vínculos que possibilitam a permanência destes em determinados locais do globo. Dessa forma, os espaços tornam-se lugares onde a identidade prepondera, possibilitando a criação e a difusão da cultura. Essa se expressará de diversas maneiras, influenciando também os habitantes de determinados espaços a representar outros espaços a partir dos subsídios e da visão de mundo que obtiveram no seu sítio, para a construção da representação de uma visão de mundo. As sociedades européias dos séculos pretéritos imprimiam sua forma de ver o mundo na arquitetura, nas vestimentas, na culinária e nos costumes. Tais marcas foram espalhadas em diversas partes do globo pelos imigrantes e colonizadores, que traziam consigo seus costumes e técnicas, imprimindo-as nos territórios recém ocupados. Há locais, no Rio Grande do Sul, onde a imigração italiana recriou cidades com arquitetura fidedigna de municípios localizados no interior da Itália. Pode-se utilizar como exemplo Antônio

Prado, que possui o maior conjunto de casas coloniais com arquitetura típica italiana tombada no Brasil.

As sociedades pretéritas possuíam técnicas de construção autóctones, imprimindo, nas casas, edifícios e demais estruturas urbanas, sua identidade cultural. Para um geógrafo ou arquiteto especializado em arquitetura colonial, um passeio por uma cidade tombada trará inúmeras informações históricas, tais como o povo colonizador, o período histórico em que a construção foi erguida, assim como inúmeras outras informações.

Os primeiros grupos de colonos italianos chegaram ao Rio Grande do Sul por volta de 1885, ano em que a terceira Revolução Industrial já ocorria no continente europeu de forma acelerada, mas não homogênea. Os agricultores daquelas terras se viram expulsos de suas propriedades, sem haver perspectivas de melhores condições de vida nas cidades italianas, pois elas já possuíam um enorme excedente de mão de obra. Sendo assim, eles foram forçados a migrar para outros países em busca de uma vida mais digna.

Segundo Venturini e Gaspari (2016, p. 12):

A implantação do capitalismo na Europa deu início ao processo de industrialização no continente. Conforme as indústrias cresciam e as tecnologias agrícolas se desenvolviam, os pequenos agricultores e artesãos não conseguiam competir com o novo mercado que se fortalecia cada vez mais. Os governantes desses países, tendo consciência do alto índice de pobreza, incentivaram emigração para o continente americano para tentar manter a ordem social, política e econômica.

As técnicas empregadas na arquitetura italiana, assim como na espanhola, na açoriana ou na germânica possuem traços distintos. Um especialista em arquitetura colonial consegue distinguir através da observação a origem e o modelo empregado.

Há relatos de que o mundo começou a se globalizar de forma acelerada, a partir do período que compreende a Revolução Industrial. Não há como negar este fato, mas, comparado com o período atual, naquela época a globalização ocorria de forma incipiente, pois a comunicação, que é o pressuposto para integração, era lenta e cara, não havendo acesso universal para tal. (POCHMANN, 2012).

O taylorismo foi um dos momentos chaves da Revolução Industrial, porque foi o responsável pela padronização e pela busca dos melhores métodos de produção, visando alcançar o desempenho máximo nas linhas de montagem. Taylor foi o grande mentor da homogeneização das técnicas fabris. (HARVEY, 2012). No entanto, a padronização das técnicas empregadas nas construções dos

aglomerados urbanos não se deu no mesmo momento em que foram padronizadas as técnicas fabris. Há edificações de 1900 que são temporalmente posteriores à Revolução Industrial e que mantêm características autóctones dos povos construtores.

A homogeneização dos aspectos técnicos das cidades ocorre a partir da maior integração propiciada pela universalização das comunicações em escala global.

De acordo com Sposito (2004, p. 54):

A indústria maquinofatureira que permitiu a produção em larga escala, foi provocando a constituição de uma sociedade de consumo de massa. Este processo promoveu, a partir do século XIX e principalmente no decorrer do século XX, uma homogeneização dos valores culturais sob a esfera do domínio capitalista. Atuando ideologicamente sobre a sociedade, a propaganda cria necessidades de consumo cada vez mais uniformes, e anula paulatinamente as diferenças culturais. Este processo reflete-se na paisagem urbana. Não há dúvidas sobre as enormes diferenças que existem entre os valores culturais e a história das sociedades estadunidense e japonesa. Mas andando pelas principais vias do centro financeiro de Nova Iorque ou de Tóquio, não vamos notar diferenças marcantes: edifícios de concreto e vidro, avenidas, viadutos, modernos automóveis, *out-doors* da Coca-Cola e *yuppies* vestidos ao estilo de Yves Saint Laurent ou de qualquer costureiro internacional. Estes mesmos elementos podem ser observados na Avenida Paulista, às 9 horas da manhã de segunda-feira, ainda que São Paulo seja uma metrópole de país dito "subdesenvolvido".

Conforme afirma Sposito (2004), a mundialização e a sociedade em rede possibilitam a homogeneização das paisagens urbanas, no que concerne às técnicas empregadas na verticalização das mesmas e também no estilo dos transeuntes que circulam nas ruas das metrópoles globais.

A globalização que propiciou em diversas escalas a uniformização das culturas, teve o papel de homogeneizar as técnicas, criando a chamada "arquitetura global". Já o capital excedente teve o papel de propiciar a expansão das cidades, criando e recriando os grandes centros urbanos, que se materializaram através das residências, subúrbios, escritórios e demais infraestruturas urbanas.

Nas palavras de Harvey (2012, p. 82):

A absorção de excedente através da transformação urbana tem um aspecto obscuro. Ela tem acarretado repetidas contendas sobre a reestruturação urbana pela "destruição criativa", que quase sempre tem uma dimensão de classe já que é o pobre, o desprivilegiado e o marginalizado do poder político que primeiro sofrem com este processo. A violência é necessária para construir o novo mundo urbano sobre os escombros do velho. Haussmann rasgou os velhos bairros parisienses usando o poder de expropriação em nome do melhoramento e da renovação cívicos. Deliberadamente, ele planejou a remoção de grande parte da classe

trabalhadora e outros elementos rebeldes do centro da cidade, onde constituíam uma ameaça à ordem pública e ao poder político.

Analisando a perspectiva teórica de Harvey (2012), pode-se compreender como ocorre o processo de “renovação” do espaço urbano, sendo possível comparar a utilização das políticas empregadas na cidade de Paris do século XIX com a realidade atual. Ainda hoje, nas grandes cidades, praticam-se políticas higienistas e de gentrificação, visando valorizar os espaços que são considerados “nobres”.

Os considerados “pobres” e “desvalidos” vivem em áreas que se assemelham em todo o globo pela falta de organização e infraestrutura, muitas vezes, com a total ausência do Estado. Assim como é impossível diferenciar uma construção vertical de São Paulo ou de Nova Iorque, também não é possível diferenciar uma favela de Pretória na África do Sul ou de Paraisópolis em São Paulo.

Portanto, é possível constatar a importância desta categoria para a pesquisa proposta, pois, através das imagens que serão utilizadas para a representação de cidades, que estão distantes geograficamente, existe uma grande possibilidade de os alunos compararem as características do local apresentado com aquelas presentes no seu dia a dia.

5.2 O LUGAR COMO CONSTRUTOR DE OLHARES

A relação do conceito de lugar com a pesquisa se justifica na medida em que a representação do espaço global é formada a partir de um mosaico de paisagens que estão inseridas no espaço vivido, sendo este a sua representação, que é a primeira forma de contato com o mundo. Os lugares que os jovens escolares ocupam nas cidades, os espaços vividos, são fundamentais para balizar a sua visão de mundo.

Sendo o lugar um espaço repleto de significado e significância, do ponto de vista afetivo, é a partir dele que a vida dos jovens acontece no seu dia a dia, ajudando-os na construção de uma visão do mundo.

Segundo Claval (2014, p. 231):

Há os lugares do trabalho e os dos amigos, os lugares do desporto e os do passeio, a atmosfera das pequenas lojas e a das grandes lojas de departamento ou dos supermercados. Para mim, há o encanto em parte perdido dos mercados e das feiras da minha infância, e que estou feliz de reencontrar aqui ou ali.

Decerto, a partir das palavras do autor, é possível inferir sobre a importância que os lugares apresentam na vida dos jovens escolares, pois é neles onde os jovens descobrem o mundo e experienciam a vida na infância, deixando marcas que irão acompanhá-los pelo restante de suas vidas. Marcas estas que podem reverberar em lembranças positivas ou negativas. (TUAN, 1980).

Acreditamos que possamos pensar nas semelhanças entre as paisagens distantes e aquelas do cotidiano dos alunos, como um fio condutor que possibilite estabelecer relações entre as paisagens através do espaço vivido dos educandos, o lugar. Como foi abordado, quando tratamos da cidade, há diversos espaços no mundo que possuem verossimilhança. Pensamos que o cenário propício para tal são as cidades, representadas pelos lugares de uso compartilhado, ou seja, os espaços públicos. Segundo Gomes, (2013, p. 186), “na vida das cidades modernas, há um lugar onde a exposição se transformou em regra, o espetáculo é contínuo, o olhar não descansa: são os espaços públicos”.

Conforme Gomes (2013, p. 24):

A cena é viva, se transforma, se movimenta e evolui sob o olhar do observador. Nosso melhor terreno de apreensão desse fenômeno é logicamente o espaço urbano e o campo privilegiado da observação são os espaços públicos, onde cenas muito diversas se apresentam, se mesclam, se confundem, se fracionam, se configuram e se desfazem.

Fundamentado no pensamento deste autor, podemos compreender a forma como os lugares do globo se aproximam e se assemelham, precisando a importância dos espaços públicos e urbanos para tal, mesmo que se esteja trabalhando com espaços distantes ou com culturas antagônicas. Nos locais de uso compartilhado da cidade, as semelhanças provavelmente irão prevalecer. Seja na verticalização, nas ruas largas, nos engarrafamentos, nos espetáculos de rua, nos grandes centros comerciais, nas praças, nos eventos culturais ou nos campos de futebol. A partir do exposto, é possível inferir o quanto as cidades possuem características comuns que possuem a tendência de se repetir em escala global. (CAVALCANTI, 2008).

A partir de Souza (2015), é discutida a relação entre os espaços sociais e os lugares. Segundo o autor, todo lugar é um espaço social, porém nem todo espaço social é um “lugar”, pois, para ser lugar, o espaço deve ser vivido e dotado de significado. Os locais públicos presentes em países distantes como o Irã, não são lugares para as pessoas que vivem em outros locais. Isso ocorre devido à falta de

acesso aos referidos sítios. Porém, a partir das experiências que os estudantes possuem dos seus lugares, é possível relacioná-las com paisagens de lugares distantes, criando, assim, uma afinidade entre as respectivas paisagens.

Em consonância com o exposto, podemos evidenciar a importância dos conceitos abordados neste capítulo para o presente trabalho, Presumimos que é, a partir das experiências obtidas no espaço vivido, que os educandos obterão subsídios para estabelecer um comparativo, possibilitando a execução do exercício relacional entre o local e o global.

6 BREVE HISTÓRIA DA FOTOGRAFIA

A fotografia ganha destaque no presente estudo, pois se entende ser esta uma linguagem que traz para os estudantes novas possibilidades de ler o mundo. É através desta técnica que se torna possível capturar as imagens, retratando as paisagens que se localizam nos confins do nosso planeta. Com a utilização desta tecnologia, não há impedimentos em relação a distâncias ou fronteiras, diminuindo, assim, o tamanho do mundo. Torna-se possível o armazenamento das imagens com o uso de tecnologias que estão no cotidiano da maioria das pessoas. Muitas destas imagens estão disponibilizadas na internet, possibilitando, em apenas alguns cliques, que se pesquisem paisagens, representando com primazia qualquer canto do planeta.

A câmera fotográfica foi inventada num período histórico de grande relevância para a humanidade, sendo criada no ano de 1839, período de efervescência da Revolução Industrial e de grandes modificações da sociedade, como a inserção dos motores a vapor e a propulsão e de modificações nos espaços urbanos de forma vertiginosa. Tais modificações de cunho social estavam relacionadas à criação de uma comunicação de massas que, em comparação com os períodos anteriores da história, era rápida e dinâmica.

Segundo Farias e Gonçalves (2014, p.02):

[...] a fotografia retratou as características de uma sociedade durante o período de transformação e de efervescência tecnológica: a sociedade industrial substituiu a manufatura e o artesanato pelos processos mecânicos. A câmera fotográfica é exemplo dessa transformação, uma vez que se constitui em um processo mecânico e tem características distintas de do desenho e da pintura, técnicas que até então eram utilizadas como modos de representação da realidade social.

A partir das indagações dos autores é possível estabelecer uma relação entre o período histórico e o surgimento desta tecnologia. Sabe-se que o período citado foi de grandes invenções e que reverberam até os dias atuais em toda a humanidade. A fotografia não foi diferente, pois ela revolucionou a forma como a humanidade passou a interagir com as imagens. A Revolução Industrial foi um período em que, devido ao descobrimento do motor a vapor, o motor mecânico se destacou pela sua inovação e capacidade produtiva. Já com os dispositivos fotográficos não foi diferente, pois, como a maioria das invenções do período, a câmera fotográfica

também se constituiu como uma máquina e o seu funcionamento também era mecânico.

Essa câmera fotográfica analógica funciona através de um mecanismo que abre um compartimento nomeado de obturador, capturando a luz e a imagem que estão na frente da lente, enviando e gravando em um filme fotográfico.

Segundo Gonçalves (2010, p. 92):

Em primeiro lugar, por ser a fotografia uma forma de impressão através da luz (o termo significa “escritura com luz”, do grego *photo*, luz, e *graphos*, escritura). Deste modo, a imagem fotográfica estaria limitada ao registro das imagens oriundas do exterior.

Através das palavras do autor, temos a etimologia da palavra fotografia, *photos* = luz e *graphos* = escritura, ou seja, escrita pela luz. A invenção da fotografia se deu em um processo que durou séculos, mas quem levou os louros da invenção foi Louis Daguerre, que, no ano de 1839, demonstrou um processo revolucionário que se tornou acessível à produção de imagens pela técnica fotográfica. Era um processo em que as fotos poderiam ser obtidas em um curto espaço de tempo, 20 ou 30 minutos, chamado de Daguerreotipia.

A câmera fotográfica também se constituiu uma máquina com funcionamento mecânico. Pode-se dizer que a democratização da máquina fotográfica para a população foi outro fator importante para inserir as imagens no cotidiano da vida das pessoas. (COSTA, 1999).

Avançando alguns anos, vamos falar do papel da Kodak e na sua contribuição no tange a democratização e a popularização das câmeras fotográficas para todas as camadas da sociedade. É impossível falar sobre a história da fotografia sem falar da empresa Kodak, pois esta foi a responsável por possibilitar a fabricação de equipamentos fotográficos portáteis, de baixo custo, e de fácil operação, sendo possível o manuseio dos mesmos por qualquer pessoa, até mesmo pelos leigos. (FARIAS e GONÇALVES, 2014).

Nos primórdios da fotografia, sobre as primeiras câmeras fotográficas, foi dito por Sturken (2001, p, 5) que, “o aparecimento da primeira câmara Kodak, em 1888, marca o momento original do comércio massivo da fotografia.”. Portanto, os primeiros dispositivos portáteis da Kodak revolucionaram e possibilitaram a inserção da fotografia na vida de boa parte da população. As imagens, que antes eram um privilégio apenas das camadas sociais mais abastadas, estavam presentes em

muitas casas e lares de diversos segmentos da sociedade. Tal fato proporcionou uma democratização no que tange à questão do acesso a todo tipo de imagens.

Segundo Kawakami e Veiga (2012, p. 169):

A fotografia é um dos meios de comunicação visual que alcança boa parcela da sociedade e que possui uma grande credibilidade junto à mesma, devido ao seu contexto histórico social. Em decorrência do forte desenvolvimento tecnológico alcançado pelas indústrias, a máquina fotográfica tornou-se um bem de consumo de relativa acessibilidade à população. Com custos reduzidos e com uma forma cada vez mais compacta, a câmera fotográfica é um objeto presente no cotidiano da sociedade, tendo deixado, há tempos, de ser item exclusivo de profissionais da área.

Por certo, essa democratização modificou a forma como as pessoas passaram a interagir com as imagens. Considera-se a fotografia a captura de uma paisagem, refletindo um dado momento no tempo e espaço. Ao fotografarmos, estaremos sempre captando uma paisagem, mas ela pode também representar um lugar ou um território ou, quem sabe, uma região, se essa não demandar uma escala tão pequena. Portanto, no instante em que há uma explosão na disponibilidade de imagens para a população, o contato com as mesmas passa a ter alterações, havendo uma modificação na percepção das pessoas em relação às imagens e ao que elas representam.

Segundo Farias, (2014, p. 06):

Assim, as inúmeras fotografias, produzidas em um mundo cada vez mais portátil e ilustrado, passaram a contribuir para uma imagem mental que os indivíduos fazem do local em que vivem.

A partir das indagações do autor, podemos inferir sobre a forma como as imagens possuem influência no momento em que as pessoas realizam a representação do espaço geográfico, tanto em âmbito local, quanto global. Através do acesso às imagens que representam diversas paisagens do globo, como em um mosaico, as populações de diversas partes do mundo criam representações de um todo, mesmo não havendo conformidade com a realidade, pois um recorte não é subsídio suficiente para uma representação fidedigna. (SANTOS e COSTELLA, 2016).

A fotografia passou a ser utilizada por diversos segmentos, tais como o jornalismo, a propaganda, a pesquisa, a medicina, a odontologia, os eventos sociais, a arte, a cultura, a educação, o hobby, o lazer, entre outros. (COSTA, 1999). Do mesmo modo, constatamos que existem diversos propósitos para fotografia, sendo

que esta especialização propiciou o desenvolvimento da câmera fotográfica e, com o passar do tempo, culminou com a criação de novas tecnologias, aumentando a disponibilidade de dispositivos fotográficos para a população. Por consequência disso, passou a existir um maior número de imagens, que representam de tudo um pouco, dependendo a que segmento elas se destinam.

Atualmente, percebemos uma banalização da fotografia, pois, através da integração de câmera fotográfica ao telefone celular, a produção de imagens torna-se instantânea e recorrente, sendo praticamente um ritual que faz parte do dia a dia das pessoas. Muitas pessoas, de praticamente todos os círculos sociais, utilizam este subterfúgio, visando compartilhar momentos que demonstram uma felicidade que nem sempre é real, constituindo-se como exemplo de um ritual narcisista. Traçando um paralelo com os períodos pretéritos, a produção de imagens era mais célebre e restrita, pois o acesso a estes equipamentos eram limitados por questões que iam desde o seu tamanho e das dificuldades para operá-los até as implicações financeiras. O alto custo dos equipamentos fotográficos existentes foi amenizado pela democratização das câmeras fotográficas da Kodak. Também, naquela época, as redes sociais que armazenavam as fotografias eram os arquivos dos grandes jornais, algumas instituições governamentais e o famoso álbum de família, sendo este último, mais tarde, substituído pelas redes sociais que revolucionaram a forma como as pessoas interagem com as imagens.

Segundo Almeida (2015 p.30):

A facilidade que o digital proporciona, tornou a fotografia um passatempo massificado, difundido entre os jovens e, principalmente, uma forma de autoafirmação e entretenimento. Esta mudança amplia o papel que a fotografia desempenhava: se antes ela se limitava a resguardar recortes documentais sobre a memória do mundo ou da vida e afetos familiares, esta atividade começa a sumir no digital.

Corroborando o pensamento da autora, é possível compreender as formas como a fotografia digital substituiu a analógica e como as mudanças que este avanço tecnológico propiciou nas questões relacionadas à maneira como as pessoas passaram a interagir com a fotografia. Em consequência disso, mudou também a interação delas com as imagens. Com o surgimento e a popularização das redes sociais, além da questão da democratização do acesso aos telefones celulares com múltiplas funcionalidades, em especial com o acesso à internet, tornou-se possível gerar imagens com qualidade aceitável. Grande parte das

peças passou a compartilhar praticamente tudo por meio das redes, como o *Instagram* e *Facebook*, onde momentos retratados pelas imagens e vídeos são disponibilizados para um público privado ou não. Nessas redes, existe a possibilidade de compartilhar as fotos em modo público, aumentando o número de curtidas.

Segundo Almeida (2015, p.36):

Com a popularização da internet em todos os meios de comunicação e camadas da sociedade, diversos serviços de auxílio à população e, também, de entretenimento, surgiram. As redes sociais são espaços utilizados para expressão dentro da internet, conhecidos também como *softwares* de comunicação direta, mediados por computadores.

A autora reitera o abordado, no parágrafo anterior, no que diz respeito à preponderância dos softwares de comunicação direta, chamados de redes sociais. Sendo essas redes uma das formas como as pessoas interagem umas com as outras, por meio da internet, estes aplicativos podem estar presentes, tanto no navegador de um computador, quanto em um *smartphone*. Com esses softwares se torna possível o compartilhamento de informações de maneira instantânea, algo que num período pretérito seria impossível, pois essas tecnologias são muito recentes. Salientamos que tais plataformas incentivam as pessoas a postarem cada vez mais e com maior velocidade em busca de curtidas e de aceitação dos outros usuários, participando de uma corrida narcisista como foi abordado nos parágrafos anteriores. (ALMEIDA, 2015).

Falando sobre a questão da leitura e da interpretação de imagens, temos a salientar o que está enunciado no velho ditado popular, “uma imagem vale mais do que mil palavras”.

Segundo Pillar et al. (1993. p. 77):

O que é ler então? E em que consiste ler uma imagem? Segundo os pesquisadores do Projeto Zero de Harvard, a leitura é uma atividade simbólica tão importante quanto a produção artística, porque é ela que possibilita interpretar as imagens. Baseando-se em Kant e na teoria construtivista de Piaget, o grupo concebe a leitura como compreensão e interpretação, apreensão de informações, seletividade e reconstrução do objeto.

Conforme Pillar, a leitura e a arte são complementares e interdependentes e, sem o pressuposto da leitura, a arte seria algo sem sentido, pois esta também possui uma representação imagética. Para que ocorra uma interpretação, é

necessária a capacidade da leitura, possibilitando assim dar significado para aquilo que está sendo interpretado. Utilizando de forma ínfima alguns atributos da teoria construtivista de Piaget, no que tange à concepção da interpretação e do significado da leitura de imagens, é possível criar uma descrição de um dado espaço sem possuir o subsídio de uma fotografia, contando apenas com a imagem mental de um dado lugar, não sendo necessária uma construção da imagem de maneira fidedigna.

Para lermos uma imagem, são necessários quesitos específicos, pois diferentemente do texto escrito que possui uma interpretação limitada, dependendo da sentença, as fotos possuem interpretações e leituras ilimitadas, considerando a subjetividade do observador e também pelo fato de a fotografia ser um recorte.

Ainda, segundo Pillar et al. (1993. p. 77):

Ler uma imagem seria, então, compreendê-la, interpretá-la, descrevê-la, decompô-la, e recompô-la para apreendê-la como objeto a conhecer. Uma imagem, ao contrário de um texto propicia uma infinidade de leituras devido às relações que seus elementos sugerem.

De acordo com a autora, é possível inferir que a fotografia é uma linguagem que possui grande potência para informar. Possui ainda a capacidade de transmitir informações, que poderão ser acessadas através da bagagem intelectual, emocional e da capacidade do observador, que terá uma maior competência ou não para a interpretação de imagens, por conta de sua subjetividade.

Por fim, destacamos a potência das imagens como uma linguagem que poderá ser utilizada na educação e a importância do professor para mediar o processo de interpretação das mesmas, instigando os educandos a enxergarem além do recorte que faz parte de um todo.

7 A LINGUAGEM DAS IMAGENS PARA LEITURA DE PAISAGENS NAS AULAS DE GEOGRAFIA

Conforme discutido no início deste trabalho, a questão estrutural das escolas brasileiras impacta de forma negativa na educação em âmbito nacional. Segundo Werle e Sá (2017), apenas 0,6% das escolas de Educação Básica são consideradas adequadas para proporcionar aos estudantes infraestrutura capaz de atingir os propósitos de uma educação de qualidade. Neste contexto, cabe fazer uma indagação: como trabalhar com disciplinas que retratam as diferentes paisagens do globo, sem a utilização de tecnologias de cunho visual?

Segundo Driver (2013, p. 207):

Por séculos, de fato, praticantes da arte da geografia têm se empenhado em desenvolver linguagens e técnicas para capturar o que os olhos poderiam ou deveriam ver em uma paisagem. Pensar sobre o que observar e como observar – de fato, o estado de observação em si – tem sido essencial para a teoria e prática do conhecimento geográfico.

As palavras de Driver (2013) evidenciam que a Geografia se caracteriza como uma disciplina de cunho visual. Os professores que trabalham nesta área precisam representar espaços conhecidos remotamente pelos educandos, como as formas dos relevos, outros países e inúmeros outros itens.

Neste contexto, fotografia tem potencial para servir como uma linguagem para assessorar os professores e educandos na representação dos espaços citados anteriormente, podendo também ser utilizada com o intuito de desconstruir representações sem conformidade e (re)significar a forma como os educandos representam determinados lugares do globo, possibilitando uma complexificação da sua visão de mundo.

Segundo Tuan (1957, p. 8):

O geógrafo assume que uma boa fotografia ou um mapa evoca uma imagem mais nítida dos lugares do que as palavras. As descrições verbais se tornaram suspeitas, elas são lembradas como ineficientes ou meramente ornamentais. A arte de manipular palavras com o propósito de fazer uma vívida parece ter declinado.

Através das palavras de Tuan (1957), é possível constatar que há um movimento em direção ao uso dos recursos imagéticos, tendo em vista que, para complementar as explicações meramente descritivas, faz-se necessário a utilização

de subsídios que possibilitem aos alunos enxergar aquilo que está sendo explicado, visando a uma melhor compreensão dos conteúdos em questão. Para a utilização destes recursos, os docentes poderão “levar” os educandos a diversos locais sem sair da sala de aula. Desse modo, haverá uma melhor compreensão dos conteúdos que necessitam de um aporte visual para serem trabalhados.

Os professores que optarem pela utilização dessa linguagem devem ter em vista o papel do fotógrafo, pois, no momento da captura de uma imagem, o mesmo destacará um ponto, preterindo todo o universo ao seu entorno. O processo de captura de imagens poderá estar carregado de ideologias e sentimentos que irão fundamentar a escolha do fotógrafo por determinados assuntos em detrimento de outros.

Os objetivos que deverão estar em voga, ao trabalharmos com estas fotos, será o de desmistificar os motivos do fotógrafo ao capturar tais imagens, instigando os educandos a ler nas entrelinhas. Quando utilizamos imagens com o objetivo de desconstruir representações embasadas no senso comum, corremos o risco de inconscientemente estarmos colocando a nossa forma de enxergar o mundo, repetindo o processo que fez os jovens escolares descreverem as paisagens sem conformidade, pois os mesmos vão seguir repetindo a visão de outrem. (TAVARES, 2006).

Outra questão, que deverá estar em pauta, diz respeito às particularidades dos observadores, pois esses terão suas questões e subjetividades ao analisarem as imagens das paisagens produzidas pelos fotógrafos. Não havendo uma mediação por parte do professor, a interpretação ocorrerá a partir da forma como estes interagem, sentem e percebem o mundo (RODRIGUES, 2002).

Segundo Felizardo e Samain (2007, p. 210):

À fotografia foi agregado um elevado status de credibilidade devido à possibilidade de registrar partes selecionadas do mundo “real”, da forma como “realmente” se apresentam. Assim, como a palavra fotografia, que do grego significa a “escrita da luz”, a palavra memória também traz consigo traços de credibilidade, por evidenciar os fatos como se parecem, por mostrar os caminhos da lembrança.

A partir do exposto pelo autor, é possível compreender a importância da fotografia para trabalharmos espaços distantes do ponto de vista geográfico, pois a imagem é a reprodução de uma paisagem real num determinado lugar no espaço e de um tempo. As imagens constituem-se como algo crível e palpável, pois, mesmo

que a paisagem capturada sofra alterações ou modificações, no decorrer do tempo, na obtenção da fotografia, ela estava lá. Portanto, ela se constitui como um recorte do real no momento em que foi feita, mesmo que ela passe por modificações posteriores à sua captura. Segundo Tavares (2006, p.145) “[...] uma imagem é feita para ser vista. Toda imagem supõe que alguém a veja e, conseqüentemente, alguém a leia”.

É possível inferir que a imagem possui diversas conotações, e o observador, ao ler uma imagem, buscará informações que se fazem visíveis no recorte escolhido pelo fotógrafo. Portanto, as fotografias podem desconstruir ou reforçar determinadas representações, sempre dependendo do recorte priorizado pelo fotógrafo no momento da captura da imagem.

Autores como Manguel (2001) salientam o protagonismo das imagens no nosso dia a dia que, quando imbuídas de significados, se transmutam em linguagens que se fazem presentes em nosso cotidiano.

A partir de Persichetti (2012, p. 165),

[...] é, sim, como um mosaico que pode ser reconfigurado e repensado de formas diversas, de modo a criar variadas formas perceptivas e de interpretação dos fatos, das notícias. Não mais uma amostra, mas uma possibilidade entre tantas, ou olhares diferenciados que narram uma mesma história.

Portanto, a utilização desta linguagem no ensino da Geografia se faz necessária, pois, desse jeito, é possível completar o mosaico de imagens e formar com aquilo que os educandos trazem em suas bagagens pretéritas, possibilitando a compreensão do todo. Pelo fato de a sala de aula se tornar um ambiente mais interativo e atrativo, havendo recursos necessários para projetar imagens ou ter em mãos subsídios, como atlas, livros ou revistas, onde seja possível prospectar recortes deste todo, torna-se possível um melhor uso dessa linguagem que, às vezes, é preterida por muitos professores.

Outra questão preponderante diz respeito à forma como o professor poderá mediar a utilização desta linguagem com os alunos em sala de aula, pois, como foi levantado, algumas imagens podem reforçar determinados tipos de visões por despertarem sentimentos diversos em relação à forma como retratam determinadas paisagens. Podemos utilizar como exemplo a fotografia de uma paisagem da favela em Pretória, na África do Sul. Quem não conhece o restante daquele país, poderá

ficar com a impressão de que o país é todo pobre, assim como muitos estrangeiros que não conhecem o nosso e têm dificuldades ao descrevê-lo. Para muitos, no seu imaginário, o espaço brasileiro poderá ser constituído apenas de uma grande floresta.

Por essas questões levantadas, é perceptível a importância da mediação do professor, no que tange à reflexão e ao treinamento do olhar na leitura das paisagens que serão representadas por meio das imagens fotográficas. Desenvolver a competência de interpretação das imagens em sala de aula propicia alunos mais críticos, que terão a capacidade de observar além da fotografia, não encerrando sua análise no primeiro olhar. Este é um dos objetivos do presente estudo, proporcionar uma leitura crítica das paisagens que auxiliem na formação de uma visão de mundo pautada na crítica e na subjetividade.

8 A IMPORTÂNCIA DO ESPAÇO MENTALMENTE PROJETADO NA REPRESENTAÇÃO DAS PAISAGENS PELOS EDUCANDOS

Neste ponto da pesquisa, iremos abordar a questão das representações que os educandos fazem das paisagens às quais nunca tiveram acesso de forma presencial. Isso visa entender como se dá a construção da representação mental destes espaços, que podem ser denominados como Espaços Mentalmente Projetados. Tendo em vista que, ao acessarmos um novo local ou ao viajarmos para um destino inédito, geralmente, partimos com uma ideia preconcebida em relação à forma como as suas paisagens se apresentam. Sendo assim, o objetivo deste momento é buscar uma compreensão da forma como se dá essa construção, possibilitando uma conexão com o cotidiano da sala de aula no que tange à representação de paisagens.

Segundo Santos e Cardoso (2018):

Para que ela permaneça encantando é necessário refletir sobre nossas práticas quando nos referimos a estes espaços ausentes que coexistem e se modificam constantemente, portanto, o conceito de Espaço Mentalmente Projetado se contorna de importância, uma vez que, foca nos processos mentais que os sujeitos epistêmicos desenvolvem para construir espaços geográficos que são compostos de realidades e não de uma única e solitária realidade. (SANTOS E CARDOSO, 2018, p.64).

A partir das palavras dos autores, podemos aferir a necessidade de trabalharmos com o conceito de Espaço Mentalmente Projetado na presente pesquisa, com o intuito de entender quais subsídios que os educandos utilizam nas representações das paisagens que lhes estão distantes do ponto de vista geográfico. Além disso, é necessário compreender de que forma esses subsídios são utilizados. Tendo em vista que, ao acessarmos em nossos cérebros paisagens desconhecidas, é comum que façamos alguma projeção, que poderá ser formada através de múltiplos fatores, partindo das informações que estão ao nosso entorno, por meio de subsídios que nos alcançam por diversas vias.

Portanto, mesmo que uma paisagem esteja ausente, do ponto de vista geográfico, no imaginário de quem a representa ela existe, embora não haja conformidade com a realidade. A realidade na representação de uma paisagem está permeada de subjetividade, e o conhecimento de um determinado espaço de forma presencial não garante que a representação daquela paisagem possua integridade,

pois, no decorrer do tempo, podem existir mudanças paulatinas, como o desenvolvimento de uma cidade ou bruscas, como a detonação de uma bomba.

Segundo Castro (2019, p. 44),

Mitos e lendas sempre despertaram fascínio, curiosidade e medo nos seres humanos em diferentes contextos históricos e geográficos. Segundo Yi-Fu Tuan (2013), o primeiro tipo de espaço mítico é uma extensão conceitual dos espaços familiar e cotidiano dado pela experiência direta. Este autor ressalta que, quando imaginamos o aquele fica do outro lado da montanha ou do oceano, nossa imaginação constrói geografias míticas. Dessa forma, pode-se afirmar que os mitos podem ser criados a partir de elementos naturais que destoam no horizonte paisagístico das pessoas ou de áreas edificadas pela ação humana, ou mesmo são capazes de prescindir de ambos e se manifestarem em um espaço imaginário dos sonhos, por exemplo.

Pelos dizeres do autor, é possível corroborar a questão da projeção e da formação de um imaginário que irá reverberar na forma como os educandos irão interagir com “o outro lado da montanha”, pois os subsídios para a formação deste imaginário estão relacionados com o tipo de informação que o aluno tem a seu dispor no seu dia a dia.

Na sala de aula, estes subsídios envolvem a interação com os colegas e professores, a inserção de uma didática que prime pela autonomia, pelo incentivo à curiosidade e à dúvida e que valorize os conhecimentos pretéritos trazidos pelos educandos. Assim, poderão complexificar a forma como são representados os espaços distantes. A subjetividade com que os locais serão retratados e a diversidade das visões dos discentes irão se apresentar como uma forma complexa de enxergar o mundo, podendo contrapor-se às antigas máximas, que homogeneizaram regiões extensas com apenas uma característica geralmente marcante. Podemos citar o exemplo do Nordeste e do Sudeste, onde características climáticas ou migratórias são usadas como justificativas para explicar espaços amplos, sem levar em conta as diversas realidades.

Nesse sentido, destaca-se a importância que o uso das tecnologias pode assumir no contexto. Segundo Nascimento e Hetkowski, (2011 p. 3518):

(...) potencializar as tecnologias significa ampliar as possibilidades criativas do homem, ampliar os “olhares” a exploração de situações cotidianas relacionadas ao espaço geográfico, ao lugar da política, a representação de instâncias conhecidas e/ou desconhecidas, a ampliação das experiências e a condição de identificação com o espaço vivido (rua, bairro, cidade, estado, país).

De acordo com os autores, podemos inferir sobre as vantagens das tecnologias no dia a dia do ambiente escolar, uma vez que poderão ser representadas por diversas linguagens presentes no cotidiano, mas que, muitas vezes, passam despercebidas pelos alunos e professores.

Potencializar o uso das tecnologias pode significar um olhar diferente sobre recursos disponíveis e subutilizados, que poderiam estar presentes nas atividades realizadas pelos docentes, a fim de propiciar aulas com mais interação, despertando maior interesse por parte dos alunos, principalmente nas disciplinas que necessitam de um aporte visual. Recursos que privilegiem a linguagem imagética que está disponível nos livros didáticos, nos laboratórios de informática, no uso de mapas e até nos celulares dos alunos, assim como a utilização de vídeos, que se constituem por imagens em movimento, possibilitam uma maior interação com os espaços representados

Essas linguagens quando utilizadas, na maioria das vezes, não alcançam seu potencial, pois normalmente são trazidas como meras ilustrações. O que se vê é a apresentação de uma imagem, um vídeo ou uma música sem uma intencionalidade que busque complexificar a informação para alcançar o conhecimento. Pouco se vê na busca por uma integração destes recursos com o conhecimento pretérito do aluno, procurando implementar uma nova percepção que não será vista como fim, mas sim como um meio, pois a aprendizagem nunca termina.

Ao falar sobre uso de linguagens em sala de aula, Portugal e Chaigar (2012, p. 65) consideram que:

(...) a utilização de diferentes linguagens (cinema, poemas, charges, histórias em quadrinhos, literatura, lendas, pinturas, gravuras, mapas, gráficos, fitas de vídeo, DVD, fotografias, textos jornalísticos, produções televisivas, etc.) visa aproximar o ensino da Geografia do cotidiano, auxiliando na compreensão da produção do espaço, bem como na crítica a ele.

Podemos consolidar os dizeres da citação anterior, pois, ao aproximarmos a ciência geográfica do cotidiano dos educandos, com o intuito de construir uma compreensão do espaço, partindo do local para o global, propiciam-se meios para que os educandos possam alcançar uma compreensão das paisagens. Utilizando as suas experiências, acrescidas dos subsídios que serão implementados em sala de aula, ocorre uma expansão da compreensão do espaço. Sendo assim, acreditamos que seja possível o estabelecimento de relações que visem a um melhor

entendimento, no que diz respeito à capacidade de interpretar e estabelecer comparações entre as paisagens trabalhadas com aquelas do seu entorno e do cotidiano da vida dos educandos.

Seguimos adiante, pois esta compreensão permite pensar de forma mais crítica sobre a presença ou não de um substrato material e social que atenda aos anseios das populações destes locais, bem como possibilita compreender as diferenças entre as paisagens, propiciando, assim, respeito, que é o pressuposto básico para a aceitação e para a empatia com o desconhecido.

Para tanto, trabalhamos no sentido de enriquecer e complexificar a percepção de mundo dos educandos, propiciando ampliação dos arcações culturais e sociais e de relações que possibilitem aos mesmos pensarem o mundo a partir de pontos de vistas alternativos, que fomentem autonomia e reflexão, contribuindo para uma leitura mais crítica da realidade a partir de si.

Priorizando uma visão de mundo mais solidária, trabalhamos no sentido de evitar simplificações grosseiras, que podem suscitar inúmeras questões que são, no mínimo, contraditórias para a representação das paisagens do globo. Isso pode culminar numa fragmentação entre “nós e eles”, ocasionando a desumanização de uma determinada população, por possuir uma cultura diferente, ou a propagação do ódio e da xenofobia em relação a imigrantes e, até mesmo, da representação deturpada de moradores de rua ou de bairros menos abastados de uma cidade qualquer.

Pensando, então, nos repertórios ampliados que são possíveis a partir da potencialização das tecnologias, Portugal e Chaigar (2012 p. 212) apontam que:

(...) o uso de novas mídias educacionais que proporcionam aos estudantes o exercício da capacidade de procurar e selecionar informações, aprender de forma independente e mais autonomamente, solucionar problemas. A inclusão das TICs nos currículos constitui uma forma de estimular, potencializar e aprimorar seu uso.

Nesse sentido, podemos aferir a questão da importância da mídia como um recurso que pode auxiliar na difusão das linguagens utilizadas em sala de aula, desde que empregada de maneira correta. Aulas que trabalham com múltiplas linguagens e recursos propiciam a construção de uma visão mais abrangente por parte do educando, possibilitando sua autonomia, que culmina numa melhor percepção do Espaço Mentalmente Projetado.

Outra questão abordada pelo autor, diz respeito ao aprimoramento dos usos das TICs – Tecnologia da Informação e Comunicação no meio educacional, sendo que estas só farão parte do ambiente escolar, no momento em que elas se fizerem presentes no dia a dia da escola, pois, como foi citado em capítulos anteriores, muitas escolas carecem destes equipamentos, ou, quando os possuem, carecem de profissionais treinados para operá-los. Portanto, faz-se necessária a valorização dos profissionais em educação, com investimentos em qualificações expandidas que possibilitem o bom uso dessas tecnologias.

Visando implementar a discussão sobre questões pertinentes ao Espaço Mentalmente Projetado, vamos, mais uma vez, recorrer a Santos e Cardoso (2018, p. 61), que nos diz:

Se estes espaços que em algum momento foram experienciados por nós estão construídos, de uma forma simbólica que seja, o que dizer dos lugares distantes que talvez nunca cheguemos a conhecer de forma direta, seja como turistas ou residentes locais. Quando você professor ou professora prepara suas aulas sobre a América Latina ou Oceania, você não passa a pensar e refletir sobre estes espaços? Você não passa a construí-los em seu imagético, mesmo que não o tenha vivenciado?

Em face das palavras do autor, podemos entender como se dá o processo de construção imagética dos espaços mentalmente projetados. Ao imaginarmos uma determinada paisagem, criaremos uma imagem mental do espaço presumido por meio das informações que possuímos do local em questão ou não, junto com a nossa subjetividade, que estará presente em nossa representação. Ou seja, não se faz necessário estar num local para este espaço existir no nosso imaginário, pois a projeção que criamos, também é a representação de um espaço, mesmo que seja uma fantasia criada a partir de fragmentos de uma verdade que também é permeada de subjetividade, podendo ser alterada em todo momento.

Através das ponderações trabalhadas no decorrer deste capítulo, torna-se perceptível que as pessoas tenham presente em suas mentes uma representação imagética em relação às paisagens distantes ou até mesmo daquelas que estão próximas, mas que não fazem parte de suas vidas e do seu entorno. Sendo esta uma das formas de exemplificação, ainda que de maneira sucinta, temos ideia do que seria o Espaço Mentalmente Projetado.

Ainda segundo Santos (2018, p.61):

Ao “vivenciá-los” pela mídia, no contato com os professores e amigos, pela literatura ou na música, eles não constroem um espaço geográfico? Acreditamos que sim, mas de que forma isso ocorre? Que espaço geográfico é este? Serão os mundos representados pelos cartões postais? Pelas imagens vinculadas nas redes sociais? Será uma construção caricata e estereotipada? Terá alguma relação com a realidade que se apresenta nestes lugares?

Pelas indagações do autor, podemos compreender como se dá o processo de representação das paisagens que compõem o Espaço Mentalmente Projetado. Ocorrem também as questões sobre diversas indagações em relação à forma como este espaço é representado a partir de uma construção mental. Por fim, este tema foi amplamente abordado neste texto no que tange à influência das mídias em relação ao aluno, ao representar e pensar um determinado local. Os subsídios para a construção deste espaço são multifatoriais.

Por fim, estabelecendo uma conexão do conceito trabalhado com a presente pesquisa, podemos indagar de que forma se dá essa construção caricata e desconforme, por acreditarmos que as representações têm a tendência a desconformidade. Sendo o principal objetivo deste trabalho, criar um método que propicie uma reflexão, não esperamos acabar com a desconformidade das representações, pois, até ao retratarmos locais conhecidos, elas poderão ocorrer nas representações. Mas o questionamento, a visão crítica, a inquietude sobre aquilo que se apresenta é pressuposto, para que possamos modificar representações que são pautadas por estereótipos preconceituosos.

Para finalizar este capítulo, buscaremos embasamento através das palavras do professor Castrogiovanni, (2007 p. 22):

Ensinar exige coragem de ousar em atitudes que valorizem o educando como sujeito repleto de experiência de vida com curiosidades sobre o mundo em que vive, capacidade criativa e com potencial para despertar um olhar inquieto sobre a vida. Esta coragem está na postura coerente com a prática na busca de novas metodologias, que não considerem o educando como um mero receptor de verdades absolutas, mas com um sujeito que cria, que pode transformar e tecer dúvidas.

A partir do autor, podemos inferir sobre a necessidade de buscarmos inovações nas metodologias que possibilitem aos educandos formas de aprendizagem mais instigantes, que trabalhem no sentido de propiciar uma visão de maior amplitude aos alunos. Como professores, temos que fomentar uma visão crítica e autônoma na construção de representações das paisagens. Buscando uma

visão instigante, que procura desconstruir modelos dados como prontos ou acabados.

Nesse sentido, a sala de aula poderá ser o palco perfeito para tal exercício, pois, ao trabalharmos com novas informações e valorizando os conhecimentos pretéritos dos educandos, construiremos o conhecimento, propiciando uma integração entre a vida dos alunos e os conteúdos ensinados na escola.

Por fim, destacamos a importância do Espaço Mentalmente Projetado como subsídio para o trabalho em questão, onde colocaremos em voga os recursos que os jovens escolares dispõem para representar as paisagens, o que dará a possibilidade do entendimento, em relação aos motivos pelos quais poderão ocorrer distorções nestas representações. Isso será essencial para que possamos ter a compreensão dos mecanismos que propiciam a construção e a percepção do Espaço Mentalmente Projetado, que culminará na forma como um dado local será representado.

9 O PAPEL DA MÍDIA NA CONSTRUÇÃO DA PERCEPÇÃO

Neste momento, vamos discutir o papel das mídias e de sua contribuição nas representações do espaço geográfico, abordando os conceitos de persuasão, agendamento e estereotipação. Acreditamos que a não conformidade nas representações, algo recorrente ao trabalharmos com imagens em sala de aula, também está relacionada a partir da forma com a qual a mídia atua, pois, ao representar o mundo, muitas vezes, este é feito defendendo os interesses dos grandes oligopólios. Logo, poderá ocorrer uma representação distorcida e sem conformidade.

9.1 MÍDIA E REPRESENTAÇÃO

Segundo Morin (2007, p. 43), “[...] estamos num planeta de tantas comunicações e pouca compreensão. Não unicamente pouca compreensão de uma parte do globo a outra parte do globo”. Ao analisar as palavras do autor, podemos constatar que não é a falta de meios de comunicação o fator preponderante pela baixa compreensão dos aspectos do globo, pois, mesmo com uma imensa rede midiática disponível e o constante bombardeio de notícias, muitas pessoas seguem na escuridão, quando se trata de conhecer outros espaços e outras culturas.

Segundo Morin (2007, p. 43):

[...] não devemos confundir comunicação e compreensão, porque a comunicação é comunicação de informação às pessoas ou grupos que podem entender o que significa a informação. Mas a compreensão é um fenômeno que mobiliza os poderes subjetivos de simpatia para entender uma pessoa como uma pessoa que é também sujeito. Por exemplo, se eu vejo uma pessoa chorando. Como explicar? Devo fazer uma investigação para chegar à explicação.

A partir das palavras do autor, é possível entender, de forma mais clara, as diferenças entre a comunicação e a compreensão, pois, mesmo em um ambiente rico em comunicação, a compreensão pode não se fazer presente. Para que possamos alcançar a compreensão, é necessário fazer uso de outras aptidões e sentidos, como a empatia, simpatia, subjetividade, que não estão necessariamente atreladas ao ato de comunicar. Mas, para a humanização das notícias, principalmente quando estas se referirem a situações que envolvam outros povos,

países, situações que envolvam pessoas, a empatia e a alteridade devem se fazer presentes, visando complexificar a notícia.

Portanto, ao trabalharmos com a questão da representação midiática, possuímos o intuito de lançar um olhar que vise aprofundar a forma como os educandos interagem com as notícias. Tendo em vista a forma simplificada e desumanizada que a mesma se lança no nosso dia a dia. Segundo Silva (2007), a informação é apresentada de forma extremamente negligenciada e simplificada.

Ainda de acordo com o autor (2007, p. 18):

A informação, vista como a finalidade suprema deste final de milênio, acaba por esconder ou negligenciar o sujeito da troca de signos. Informação para quê? Informação para quem? Os meios de comunicação não podem tomar-se sujeitos de si mesmos. A informação fetiche desconsidera a humanidade dos homens. Simplificar não pode mais ser a palavra-chave da mídia.

Entendemos que o referido autor realiza uma crítica aos meios de comunicação, que possuem a tendência de abordar as pautas agendadas com reducionismo e simplificação. Sendo assim, as notícias e informações que são transmitidas por estes conglomerados midiáticos abordam a realidade de maneira extremamente recortada e incompleta. Isso contribui para uma construção de visão sem conformidade dos espectadores leigos, que não possuem outras fontes de informação, compreendendo as notícias propagadas como verdades absolutas.

Atentamos à hipótese de que a forma como os meios de comunicação transmitem a informação influenciam nas representações que os educandos fazem das paisagens retratadas. As informações midiáticas, quando apresentadas de forma deformada, podem causar uma distorção em relação aos países e às regiões distantes, fazendo com que essas culturas sejam vistas como ameaçadoras, apenas por serem diferentes das nossas.

Uma maneira de complexificar a influência dos meios de comunicação, na forma como os estudantes representam o mundo, seria começar a inserção da dialógica em sala de aula, trabalhando as notícias e informações com diversas problematizações, com o pluralismo de ideias e com a mediação dos mestres. Isso possibilitará aos discentes a realização de uma leitura pelas entrelinhas, questionando aquelas informações e as notícias que são dadas como verdades absolutas.

Neste sentido, nos reportamos às palavras de Silva (2007, p. 34), “forjar idéias é fundar universos dialógicos”. A dialógica não existe sem pluralismo, sem desvio, sem contestação, sem contrainformação, sem comunicação de sentimentos.

A partir dos argumentos utilizados pelo autor e defendidos anteriormente no texto, é possível apontar os caminhos pelos quais se pode atuar para diminuir os impactos que as (des)informações causam no ambiente escolar. Por meio da crítica, da problematização e da dialógica, como objetos de análise, torna-se possível lançar luz sobre outras perspectivas, possibilitando novos aprendizados aos educandos.

9.2 MÍDIA E PERSUASÃO

Visando elucidar o significado de alguns conceitos de outras ciências que estão sendo utilizados neste trabalho, fez-se necessária a elaboração de dois capítulos com o intuito de provocar reflexões sobre os conceitos expostos, assim como o diálogo necessário entre as ciências da Comunicação e da Geografia.

Tendo em vista que a presente pesquisa aborda questões relacionadas às formas como a influência midiática atua na percepção dos educandos em relação à maneira como representam as paisagens distantes ou do seu entorno, é justificável a busca e a utilização de conceitos de outras áreas do conhecimento, que visem propiciar um aporte sólido para os argumentos desenvolvidos neste trabalho. Para almejar o aproveitamento de conceitos de outras ciências de forma correta, é necessário um nível de entendimento e compreensão em relação ao mesmo que possibilite a sua aplicação de forma reflexiva e sintetizada.

No que tange à conceituação de mídia, buscamos o subsídio de diversos autores. No entanto, nos chamou a atenção a forma como Lima (2004, p. 50) aborda esta categoria. A seguir podemos visualizar a maneira como o autor citado elucida o conceito trabalhado, vendo a mídia como:

Vale dizer que a mídia implica na existência de um intermediário tecnológico para que a comunicação se realize. A comunicação passa, portanto, a ser uma comunicação mediatizada. Este é um tipo específico de comunicação que aparece tardiamente na história da humanidade e se constitui em um dos importantes símbolos da modernidade. Duas características da mídia são a sua unidirecionalidade e a produção centralizada e padronizada de conteúdos. Concretamente, quando falamos da mídia, estamos nos referindo ao conjunto das emissoras de rádio e de televisão (aberta e paga), de jornais e de revistas, do cinema e das outras diversas instituições que utilizam recursos tecnológicos na chamada comunicação de massa.

Podemos constatar, através da citação de Lima, que a mídia se constitui como algo recente do ponto de vista temporal, sendo um tipo específico de comunicação, que se caracteriza por ser, num primeiro momento, unidirecional, com produção centralizada de informações, ou seja, há uma padronização, há uma escolha por aquilo que será pautado nos meios de difusão de informações.

Há também os novos difusores de informações que são utilizados na contemporaneidade pela maior parte da sociedade e, especificamente, pela imensa maioria dos jovens escolares, tais como as redes sociais, que são diversas, e os mensageiros instantâneos, que estão presentes no cotidiano dos alunos. Salientamos que, nos novos difusores de informação, a lógica dos conteúdos se altera, pois abre espaço para o compartilhamento de informações geradas pelo próprio emissor do conteúdo, abrindo a possibilidade de descentralização da fonte. Isso não significa o fim dos emissores de informações oficiais, que seguem a lógica da padronização das fontes, mas que todos passam a sofrer influência desses meios não oficiais e vice-versa.

No que diz respeito à comunicação do mundo contemporâneo, em especial à dos educandos, é possível afirmar que a vida pessoal está no bojo daquilo que é compartilhado nas redes sociais. Outra questão preponderante tem relação ao que a mídia produz para este público, que, do ponto de vista escolar, não pode ser visto como um fim, mas como um meio, pois se trata apenas de informações, que, muitas vezes, chegam desconexas. Não há o aporte necessário para sistematizá-las e organizá-las, o que poderia contribuir para a formação do conhecimento, propiciando a utilização destes conteúdos em sala de aula de forma acabada. (MORIN, 2003).

Ainda segundo (MORIN, 2003, p. 08):

(...) na atualidade, temos excesso de informação e insuficiência de organização, logo carência de conhecimento. Eis a razão para evitar o discurso publicitário que produz uma euforia que excede os ganhos conquistados e mascara os problemas surgidos. Ao discurso eufórico que diz “tudo comunica” oponho outra afirmação: quanto mais desenvolvidos são os meios de comunicação, menos há compreensão entre as pessoas. A compreensão não está ligada à materialidade da comunicação, mas ao social, ao político, ao existencial, a outras coisas.

Com Morin (2003), podemos contextualizar os cenários que se apresentam nas salas de aula onde leciono. Há uma grande quantidade de dispositivos que propiciam um acesso universal e sem precedentes a uma enorme gama de veículos de comunicação, que informam os receptores através de conteúdos previamente

agendados, que têm o intuito de fomentar uma determinada versão dos fatos. Na maioria das vezes, esta versão chega pronta, sem brechas para que seja levantado qualquer questionamento, o que pode fazer com que a informação pareça conhecimento, pois o receptor, ao falar de tal assunto, poderá tratá-lo como uma verdade incontestável, complexificada.

Neste ponto, retomando o que foi dito por Morin, quando aponta que, para compreender os conteúdos, devemos estar ligados ao social, ao político e ao existencial, já que a mídia conecta-se com o presente trabalho por meio da mediação do professor, devemos estar conectados aos pressupostos que o autor pondera em seu texto para a sistematização da informação e a construção do conhecimento.

Dando prosseguimento ao trabalho, focaremos agora no significado do conceito de persuasão, no que tange à comunicação, conectando o mesmo à nossa pesquisa. A persuasão se dá a partir da utilização de ferramentas que possibilitem a emissão de mensagens que chegarão a um determinado nicho de pessoas, tendo em vista que os públicos das plataformas comunicacionais diferem. Há, por exemplo, uma preferência por parte da juventude por ferramentas mais interativas, já que o público com idade mais avançada procura meios menos interativos para buscar informações.

Segundo Wolf (1999, p.12),

A «teoria» dos meios de comunicação resultante dos estudos psicológicos experimentais consiste, sobretudo, na revisão do processo comunicativo entendido como uma relação mecanicista e imediata entre estímulo e resposta, o que torna evidente, pela primeira vez na pesquisa sobre os *mass media*, a complexidade dos elementos que entram em jogo na relação entre emissor, mensagem e destinatário. A abordagem deixa de ser global, incidindo sobre todo o universo dos meios de comunicação e passa a «apontar», por um lado, para o estudo da sua eficácia persuasiva ótima e, por outro, para a explicação do «insucesso» das tentativas de persuasão. Existe, de facto, uma oscilação entre a ideia de que é possível obter efeitos relevantes, se as mensagens forem adequadamente estruturadas e a certeza de que, frequentemente, os efeitos que se procurava obter não foram conseguidos.

Analisando os dizeres de Wolf (1999), podemos notar que a eficácia persuasiva dos meios de comunicação, nem sempre se dão de forma automática, pois há outros fatores que podem fazer com que uma mensagem seja ou não captada da maneira como o emissor deseja transmitir. Isso se dá por diversas razões, tendo em vista que a comunicação de massa possui diversos difusores, e o que é utilizado por um determinado público pode ser diferente do utilizado por outro.

Portanto, pode haver uma diversificação de fontes que irão chegar aos receptores, propiciando diferentes embasamentos sobre diversos assuntos.

Ainda segundo Wolf (1999, p. 12),

Persuadir os destinatários é um objectivo possível, se a forma e a organização da mensagem forem adequadas aos factores pessoais que o destinatário activa quando interpreta a própria mensagem. Por outras palavras, «as mensagens dos meios de comunicação contêm características particulares do estímulo que interagem de maneira diferente com os traços específicos da personalidade dos elementos que constituem o público. Desde o momento em que existem diferenças individuais nas características da personalidade dos elementos do público, é natural que se presuma a existência, nos efeitos, de variações correspondentes a essas diferenças individuais.

A partir do que é trazido pelo autor, é possível entender como se dá o processo de persuasão, por conta da mídia, no que se refere às variações no convencimento de uma determinada parcela da população acerca de uma ideia ou de um padrão. É importante não perder de vista que existem diversos segmentos populacionais, com diversas faixas etárias e diferentes preferências em relação aos tipos de mídias difusoras.

A partir de Wolf (1999, p. 13),

Pressupor uma correspondência perfeita entre a natureza e a quantidade do material apresentado numa campanha informativa e a sua absorção por parte do público, é uma perspectiva ingênua, porque a natureza real e o grau de exposição do público ao material informativo são, em grande parte, determinados por certas características psicológicas da própria audiência.

Podemos compreender, então, que não há uma certeza a respeito da efetiva absorção das informações transmitidas pelos meios de comunicação para os receptores. E esta incerteza se deve às características intrínsecas dos receptores, que já possuem uma bagagem pretérita de vida, com suas verdades, suas razões e suas formas de enxergar o mundo. Portanto, quando um receptor possui preferências definidas e é "bombardeado" por uma série de notícias de outros emissores, a persuasão pretendida por uma determinada mídia, pode ser nula.

Barbosa e Santi (2019, p. 99) nos ajudam a entender isso, quando dizem:

O usuário se depara com a superabundância de informações, fatos e opiniões. As escolhas passam a ser subjetivas e emocionais. Esse comportamento num mundo cheio de histórias e comentários com viés de manipulação política tornou-se latente para chamar de era da "pós-verdade".

Estabelecendo uma conexão com os dias atuais, é possível compreender como se dão esses processos numa ótica que se aproxime da nossa realidade, utilizando como exemplo o fenômeno das notícias falsas que circulam nas redes sociais. Frente a essas notícias, o receptor trata aquele conteúdo como verdade absoluta, pelo fato de ter sido compartilhado por algum grupo ou comunidade que lhe gere credibilidade. Mesmo que esta notícia seja depois classificada como falsa e que a versão verdadeira seja apresentada por outros meios, o receptor provavelmente irá acreditar na primeira versão, corroborando com os dizeres de Klapper (1963).

Aproximando os conceitos trabalhados com o presente estudo, é possível inferir que a mídia se constitui um dos instrumentos que possibilitam a produção e o envio de informações em massa para os quatro cantos do globo. Trabalhando numa perspectiva mais atual, hoje há uma maior diversificação de instrumentos midiáticos que possibilitam uma diversificação de versões, mas estes ainda não atuam de forma substancial na redução do poder de persuasão das grandes mídias.

Assim, os grandes conglomerados midiáticos, controlados principalmente por agências ocidentais, ainda pautam a forma como as notícias irão se apresentar para o grande público no globo e priorizam determinadas narrativas. Trazendo essa questão para o presente estudo, as narrativas poderão reverberar na forma como as pessoas constroem-nas em seu imaginário, assim como os espaços e as paisagens nas quais os mesmos só conhecem de “ouvir falar”. Esses são os Espaços Mentalmente Projetados.

A persuasão, por sua vez, é a intencionalidade por trás da forma como uma informação é repassada para o grande público e, como vimos, nem sempre esta intencionalidade consegue alcançar os seus objetivos, pois todos somos seres permeados por conhecimentos prévios e visões de mundo que embasam nossas reflexões. Assim, voltando para o espaço da sala de aula, podemos pensar nos educandos que discordam do grande grupo. Para haver essa discordância, na maioria das vezes, deverá existir um conhecimento prévio acerca do assunto. Tal saber provavelmente foi obtido através de outras mídias que os educandos possuem acesso.

Contudo, acreditamos que a fotografia poderá trabalhar no sentido de desconstruir as representações midiáticas, através de outros enfoques, tendo em vista as possibilidades de representação que esta linguagem possui.

9.3 AGENDAMENTO E ESTEREOTIPAÇÃO

O agendamento é outro conceito usado pelo jornalismo, que estamos utilizando para elucidar questões relacionadas ao presente trabalho.

Segundo Rossy (2007):

O agendamento refere-se, então, à inclusão de um determinado assunto na lista dos temas sistematicamente abordados pela mídia e à visibilidade que um determinado assunto adquire ao integrar o discurso jornalístico. Aos assuntos que não conseguem a visibilidade pública conferida pela mídia está naturalmente reservado o obscurantismo, na medida em que não alcançaram a arena pública da discussão. (ROSSY, 2007, p.02).

Conforme expõe a autora, é possível assimilar o conceito em questão, percebendo que este processo se dá a partir dos meios de comunicação. Torna-se explícito o poder que os grandes conglomerados de mídia possuem, pois, através deste subterfúgio, os mesmos têm o poder de escolher determinados temas em detrimento de outros. Eles privilegiam uma determinada temática, priorizam uma determinada narrativa e invisibilizam outros temas, aqueles considerados menos relevantes ou menos interessantes para serem expostos para o grande público.

Quero destacar que o critério utilizado para determinar o que é ou não importante para ser exibido nas mídias, diz respeito à relevância pública que um determinado tema possui ou não. O principal fator que influencia as especificidades deste critério é a subjetividade, pois, com o decorrer dos anos, passou a existir a tendência de haver uma mudança na forma como a mídia pauta determinados assuntos. (ROSSY, 2007).

Outra questão importante diz respeito aos patrocinadores e aos anunciantes dos grandes conglomerados midiáticos, que condicionam seus anúncios ao apoio de uma determinada linha editorial, acabando por invisibilizar opiniões contrárias daquilo que o *establishment* deseja.

Estabelecendo uma conexão das questões levantadas com a pesquisa proposta, podemos compreender os processos de invisibilização de determinados espaços do globo, pois não há como conhecer aquilo que não é colocado em pauta, a não ser que façamos um movimento de ir atrás da informação. No entanto, até para buscar por conta própria uma informação, sintetizá-la e transformá-la em conhecimento, deverá haver um agendamento pretérito, mesmo que este, num

primeiro momento, possua uma conotação negativa, como ocorre muitas vezes com os países localizados no Oriente.

Há também outro conceito de grande importância para esta pesquisa que trata das pautas que surgem fora do arcabouço midiático oficial, chamado de “contra-agendamento”, que, segundo Silva, (2007, p. 85) comunica:

[...] que a sociedade também tem a sua pauta ou, no plural, as suas pautas, e as deseja ver atendidas pela mídia e tenta, diariamente, e sob as mais variadas maneiras, incluir temas nesse espaço público que é a mídia.

Podemos constatar que ocorrem processos de agendamentos pautados por diversos segmentos da sociedade, sendo que a população, muitas vezes representada pelas minorias ou movimentos sociais, busca alavancar pautas que estão fora do circuito das mídias corporativas. Podemos citar um exemplo emblemático no Brasil, ocorrido nos anos oitenta, que se constituiu como o movimento a favor da redemocratização, batizado de Diretas Já. Aquele movimento, apesar de atrair centenas de milhares de manifestantes, não foi pautado pela imprensa oficial. Os veículos de comunicação só deram espaço para o tema devido à expansão dos protestos no país e ao aumento de participantes presentes nas manifestações.

Nos dias atuais, há ainda outras ferramentas que podem pautar a mídia, apontando ideias que preponderam na sociedade. Essas ferramentas se constituem majoritariamente nas redes sociais, em que pensamentos e opiniões são compartilhados em todo momento, criando tendências, auxiliando na formação de opiniões fora da esfera determinada pela grande mídia corporativa.

Segundo Souza,

De fato, tem sido comum flagrarmos episódios de “contra-agendamento”, fatos que tradicionalmente não encontrariam visibilidade na agenda midiática, porém, a sua repercussão nas redes sociais, obriga muitas vezes uma reapropriação dos mesmos e a sua transformação em notícia jornalística. Poderíamos mesmo afirmar que a interação nas redes sociais tem alterado muitas vezes o clássico valor de noticiabilidade. Um acontecimento pode nascer em qualquer lugar do planeta, pode iniciar-se de maneira insignificante, 140 caracteres, que ganham o ciberespaço e podem ou não alcançar visibilidade. Alguns desses pequenos pedaços de informação podem repercutir na grande rede de maneira viral e transformar-se em verdadeiros fenômenos midiáticos. (SOUZA, 2013, p. 04).

Como de pode ver, o autor destaca a importância que uma ideia alavancada nas redes sociais pode alcançar, através de outros meios de comunicação. Esses, por conseguinte, acabam por privilegiar ou não as ideias propagadas pelas redes, levando certa “democratização” pelo fato de que reportagens, que antes seriam invisibilizadas, hoje estão presentes no cotidiano da população.

Concluindo o nosso passeio pelas categorias emprestadas da comunicação, vamos abordar a estereotipação. Conceito este que é de suma importância para o presente estudo, pois, ao retratarmos algo que está dentro ou fora do nosso alcance espacial, geralmente o fazemos com alterações devido à nossa percepção ou preconceito. A estereotipação pode ocorrer pelas formas como esses espaços são pautados pelas mídias, onde determinadas características se sobressaem em detrimento de outras. Isso tem como objetivo representar interesses oligárquicos que tendem a criar um agendamento mundial em relação às informações que devem aparecer em determinadas partes do globo.

Segundo Filho, Herschmann & Paiva, (2004 p. 04), estereótipos se constituem na:

[...] abstração em virtude da qual minha individualidade é alegorizada e transformada em ilustração abusiva de outra coisa, algo não concreto e não individual. Como forma influente de controle social, ajudam a demarcar e manter fronteiras simbólicas entre o normal e o anormal, o integrado e o desviante, o aceitável e o inaceitável, o natural e o patológico, os *insiders* e os *outsiders*, Nós e Eles. Tonificam a autoestima e facilitam a união de todos “nós” que somos normais, em uma “comunidade imaginária”, ao mesmo tempo em que excluem, expõem, remetem a um exílio simbólico tudo aquilo que não se encaixa, tudo aquilo que é diferente.

Desse modo, podemos entender de que forma se dá a estereotipação, onde reina o domínio do *status quo*, sendo que tudo aquilo que foge demasiado do que é considerado aceitável ou normal, será pintado de uma cor para que os outros saibam que aquele não é um padrão a ser seguido. A distinção entre os padrões pode ser a representação da intolerância em relação a tudo que não faz parte daquilo que a sociedade considera seu padrão. Intolerância esta que se faz presente em diversos espectros, alcançando outras patologias sociais que reverberam no preconceito, na xenofobia, no racismo, no machismo e em todos os tipos de preconceitos como aquilo que é desconhecido ou que tenta ocupar um papel que foge daquele considerado aceitável pela sociedade.

A estereotipação pode também ser responsável pela forma como são representadas diversas paisagens do globo, onde, de maneira rasa e através de

características distorcidas de um povo ou de um local, pinta-se um quadro desejável, que nos leva a pensar naquele espaço considerando apenas questões que propiciam uma divisão que categoriza o mundo entre nós e eles. Isso contribui para a criação de uma caricatura mal desenhada, não levando em conta a pluralidade, as especificidades e as subjetividades das paisagens presentes no espaço geográfico.

Segundo Filho, Herschmann & Paiva, (2004 p. 05):

A esta altura, fica evidente quão errôneo é atribuir a origem dos estereótipos a uma útil (e não necessariamente indesejável) “economia do esforço”, edificada por leis universais da cognição; em verdade, eles necessitam serem conceituados (e contestados) como estratégias ideológicas de construção simbólica, que visam a naturalizar, universalizar e legitimar normas e convenções de conduta, identidade e valor que emanam das estruturas de dominação social vigentes.

Diante disso, podemos inferir sobre a necessidade de lecionar para a formação de estudantes com o pensamento crítico e autônomo, que tenham a capacidade de analisar notícias e fatos para desconstruir estereótipos, sendo este um dos principais objetivos do presente estudo. Por meio da mediação dos professores, no sentido de complexificar a análise de imagens, pensa-se em possibilitar uma maior autonomia por parte dos educandos, no que tange à interpretação das paisagens, transformando as informações desconexas em conhecimento.

Acreditamos que o cantor inglês Roger Waters, através do videoclipe da música *Us and them - Nós e eles* - retrata com perfeição os exemplos de paisagens, locais e populações que sofrem estereotipação. Nessa obra, são mostrados diversos exemplos, através da alternância de cenas de guerra e paz, de riqueza e de miséria, de amor e de ódio, de alegria e de tristeza. Cenas de um mundo de contrastes, onde ocorre a naturalização das desigualdades, das guerras, da fome e da pobreza por parte da sociedade. Essas questões só são aceitas por conta do processo de estereotipação e naturalização do *status quo*, como se o mesmo fosse imutável. Nesse sentido, o trabalho audiovisual de Waters, tem como foco a missão de humanizar e dar espaço para as situações dos povos e dos espaços que estão invisibilizadas.

Segundo Filho, Herschmann & Paiva, (2004 p. 04):

Como práticas significantes, os estereótipos não se limitam, portanto, a identificar categorias gerais de pessoas – contêm julgamento e pressupostos tácitos ou explícitos a respeito de seu comportamento, sua

visão de mundo ou sua história. Embora possam variar em termos de virulência e apelo emocional, geralmente representam, expressam tensões e conflitos sociais subjacentes – o “português boçal”; “o irlandês rude”; “o oriental dissimulado”; “o argentino esnobe”; “o imigrante arruaceiro”; “o roqueiro drogado”; “o rebelde sem causa”; “o homossexual erotomaniaco”; “o intelectual afeminado”; “o índio preguiçoso” etc.

A partir das palavras dos autores, podemos estabelecer uma conexão com a realidade que esperamos encontrar na presente pesquisa, pois os estereótipos exibidos, no excerto acima, estão deveras presentes no nosso cotidiano. São naturalizados como verdadeiros absurdos, pelo fato de as pessoas tomarem como verdades absolutas informações simplificadoras, reducionistas e tendenciosas, que podem ser apresentadas através de piadas ou até mesmo notícias repassadas por uma fonte “crível”, que em muito se assemelham às *fake news* que também contribuem para estas distorções.

O exemplo trazido pelo autor utiliza uma característica qualquer, de uma dada população de maneira pejorativa, visando estereotipar aqueles que estão sendo representados. O processo citado, nos parágrafos anteriores, pode estar relacionado com a forma como os educandos representam determinadas partes do globo. Se no fragmento de texto do autor, houvesse uma caracterização relacionando o povo palestino com uma determinada característica, não seria surpreendente que eles os tachassem de terroristas ou de homens bombas, em decorrência da forma como as notícias daquela região chegam ao Ocidente. Basta uma rápida pesquisa no Google para se constatar que a maioria dos resultados buscados pela palavra “palestino” está relacionada a algum tipo de conflito.

Finalmente, esperamos, de maneira sucinta, ter conseguido explicar os motivos pelos quais achamos necessários para utilizar estes conceitos empregados na comunicação. Acreditamos que ao trabalharmos com a representação devemos ter em voga diversas visões que possam se complementar e ajudar a explicar as formas como se dão os processos de construção do Espaço Mentalmente Projetado. Ressaltamos também a importância de buscarmos um trabalho multidisciplinar, visando a um melhor entendimento em relação aos objetos que estão sendo pautados neste estudo para fortalecer, desse modo, a colaboração entre diversas searas dos saberes científicos.

10 O PAPEL DO PROFESSOR NA INSERÇÃO DA PESQUISA E NO COTIDIANO ESCOLAR

O professor é um profissional que deve estar em constante formação e transformação. Acredita-se ser impensável constatar que, na atualidade, a maioria dos docentes ainda não rompeu com a chamada “educação bancária”, segundo Freire (1975), em que o professor apenas transmite o conhecimento e os alunos têm a função de armazená-lo como arquivos, para posteriormente devolvê-los em provas, que nada mais são do que testes da capacidade de reter informações, mesmo que estas não signifiquem nada para os discentes. Esse método não explora os potenciais dos alunos, pois não problematiza e nem complexifica as questões abordadas em sala de aula.

Segundo Castrogiovanni (2011, p. 16):

A educação tem como uma das questões centrais a construção do conhecimento. A interação entre o conhecimento e o comportamento é o resultado do processo de elaboração subjetiva nas trocas cotidianas com as condições concretas da vida.

A partir das ponderações do autor, podemos inferir a necessidade de uma mudança na forma como se ensina. Faz-se necessário um rompimento com a chamada educação bancária, visando a uma abertura que possibilite trabalhar os conteúdos, através da aproximação com o cotidiano dos alunos. Tal forma de abordagem tende a ser mais eficaz, por estar focada em situações que, de alguma forma, se fazem presentes na vida dos educandos. Sendo assim, torna-se possível a construção do conhecimento, com a junção de elementos que estão inseridos na mente do aluno e outros que serão trazidos pelo professor.

Segundo Castrogiovanni (2011, p. 17):

A construção do conhecimento, feita pelo sujeito, está inserida nas dimensões econômicas, culturais e políticas, conforme o contexto histórico-geográfico do qual se faz parte não se limitando ao âmbito psicopedagógico.

Analisando as suas ponderações, constatamos a importância que o meio possui para a formação do sujeito, pois a forma como ele enxerga o mundo tende a ser condicionada pelo espaço onde o mesmo está inserido. No sentido de ampliar o olhar dos educandos, a escola pode ser um espaço onde os alunos poderão ter acesso a visões que possibilitem uma percepção de mundo complexificada. Para tal,

surge a necessidade da adoção de novos métodos de ensino. No caso específico da Geografia, esses novos métodos podem auxiliar na quebra de estereótipos e na ressignificação de paisagens.

Podemos constatar, portanto, que, não havendo outras fontes de informações que possibilitem uma mudança na percepção do sujeito, que possibilitem uma mudança nos seus paradigmas que foram adquiridos ao longo da sua vida, há uma forte tendência de os jovens não conseguirem olhar além do senso comum.

O papel do professor deve ser o de inserir-se na vida dos educandos, fomentando novos desafios, provocando a reflexão e incentivando os questionamentos. Essas características do fazer docente poderão propiciar um espaço pedagógico, onde as perguntas e as dúvidas sejam estimuladas e vistas como um diferencial.

Segundo Triviños (2003, p. 19):

Esse pensar cria nossos próprios saberes, desses educadores queremos aprender e, se possível, sistematizar suas formas de trabalhar, que, cremos se baseiam fundamentalmente num processo de ensinar pesquisando nossa realidade em suas diferentes facetas, em diversos níveis de profundidade, de quantidade e qualidade. Isto significa que queremos criar nossa própria cultura. Desejamos que, ao falarmos da criança em nossas aulas, nos apoiemos em estudos realizados por nossos investigadores. Sabemos que as características gerais das pessoas são semelhantes em todos os lugares do mundo. Mas, em cada ponto da terra, as crianças são especificamente diferentes.

O que o autor explicita acima vai ao encontro da proposta do presente trabalho, pois, através da pesquisa, é que será realizada a participação dos educandos. Eles serão atingidos pelos objetivos de auxiliar na construção do conhecimento, fugindo da educação bancária, desconstruindo estereótipos por meio da problematização dos “conteúdos”, com a utilização de recursos que possibilitem transcender o espaço da sala de aula. Outra questão citada pelo autor faz menção às semelhanças e às diferenças dos educandos, pois mesmo que, num primeiro momento, haja características que “igualem” os jovens escolares, o local onde estão inseridos tende a diferenciá-los, e essas diferenças podem ocorrer inclusive dentro da mesma cidade.

Segundo Triviños (2003, p. 12),

Entendemos que pesquisar é pensar, refletir sobre determinadas realidades. Pensar é libertação individual e coletiva. É a possibilidade, pensando sobre nossa realidade, de elaborar um conhecimento próprio, colocar os fundamentos de nossa própria cultura nacional que começa nas escolas e

nas comunidades, e que regressa sistematizada, depois de processos de aperfeiçoamento realizados coletivamente, à escola e à comunidade.

Pode-se constatar o potencial da pesquisa como uma aliada no processo de ensino aprendizagem, pois, por essa prática, é possível alcançar o conhecimento de forma complexificada, com a reflexão e a problematização dos temas trabalhados no ambiente escolar. Segundo Triviños (2003, p. 15), “[...] ensinar pesquisando representa uma significativa tarefa para o professor e para o aluno. O estudante, com o ensinar pesquisando, deve aprender a pensar e não somente repetir conteúdos”. Isso possibilita uma imersão por parte dos educandos no mundo da pesquisa, pois ao ensinar pesquisando, os alunos também se apropriam deste modelo, tornando-se parte do cotidiano escolar.

É perceptível uma modificação em relação ao modelo de educação bancária (Freire, 1975), onde o aluno deveria apenas armazenar e repetir conteúdos sem problematizá-los, nem entendê-los. Portanto, ensinar pesquisando se constitui em um desafio para o aluno e para o professor, pois o primeiro deverá fazer mais do que apenas decorar conteúdos, e o segundo deverá sair da zona de conforto e inovar na sua didática.

Como resultado, é provável que tenhamos “aulas” mais instigantes, as quais farão mais sentido para os educandos, uma vez que estarão conectadas com os espaços onde eles estão inseridos.

11 CONVERSANDO COM PAULO FREIRE

Num primeiro momento, quero explicitar os motivos que levaram a escrita deste capítulo. Em algumas disciplinas do mestrado, fui me conectando com a obra de Paulo Freire, achando-a revolucionária e instigante, praticamente em todos os textos que li do autor. No que tange a sua visão em relação à educação e à escola, como espaço onde a pesquisa deve ocorrer e a maneira como ele representa os alunos, sempre como protagonistas, ou seja, como parte do processo que constrói o todo, torna-se imprescindível relacionar este trabalho com Freire, até pelo simbolismo de luta, de resistência e de vontade de mudar as coisas.

Na qualificação, foi-me sugerido que buscasse um aprofundamento em relação à obra deste autor. Para tal procurei algumas publicações, conseguindo me conectar com o livro *Pedagogia da Autonomia*. Essa obra estabelece diversos pressupostos que irão possibilitar uma didática embasada na autonomia, que será o pressuposto para revolucionar a forma como se aprende e se ensina. Portanto, o conteúdo conecta-se com a minha pesquisa, pelo fato de a mesma abordar a utilização de imagens para representar e ressignificar paisagens, por meio de uma dinâmica que irá prezar pelo protagonismo dos discentes na interpretação das fotos. Nesse caso, o papel do professor será o de mediador, não trazendo ideias prontas.

Autonomia gera cidadania, capacitando os educandos para um pensamento crítico, onde eles não precisarão mais aceitar ideias prontas e “enlatadas”. O pensamento crítico possibilita enxergar além de uma foto ou de uma notícia, coloca a “pulga atrás da orelha” no receptor da informação, provocando o questionamento, possibilitando a construção da sua própria verdade na busca de diversas fontes.

A educação bancária é um conceito bastante conhecido de Freire, e o próprio autor aborda o quanto os alunos clamam pela mudança da abordagem tradicional, pelo fato de ela se tornar massante, dificultando o aprendizado e provocando sofrimento aos educandos.

Segundo Freire (2011):

O necessário é que, subordinado, embora, à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do bancarismo. Neste caso, é a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita que supera os efeitos negativos do falso ensinar. Esta é uma das significativas vantagens do ser humano - a de se terem tornado capazes de ir mais

além de seus condicionantes. Isso não significa, porém, que nos seja indiferente ser um educador bancário ou um educador problematizador. (FREIRE, 2011, p.27)

Pelo excerto acima, podemos entender como se dão os processos de resistência por parte juventude em relação a um modelo educacional engessado, construído no século pretérito, mas que ainda se faz presente e reverbera na maior parte do sistema de ensino brasileiro. Esta rebeldia questionadora dos jovens pode ser o diferencial para a implementação de novos métodos, que priorizem uma educação geradora de autonomia e a possibilidade do educando se inserir no mundo, através das competências adquiridas em sala de aula.

Segundo Freire (2011):

Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. (FREIRE, 2011, p.27).

Com isso, destaca-se a preponderância do educador no que tange a “ensinar a pensar certo”, que pressupõe ir além dos conteúdos para chegar à criticidade. O pensar certo, a partir do pensamento de Freire (2011), é conseguir enxergar o seu lugar no mundo e a partir dele estabelecer conexões que irão possibilitar uma interação condizente com a realidade que se apresenta.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino, esses fazeres se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (FREIRE, 2011, p.30).

Outra questão de grande importância abordada pelo autor é o fato de que deveria haver uma simbiose entre o ensino e a pesquisa, pois uma das melhores formas de romper com a educação bancária se dá através da inserção da pesquisa no cotidiano escolar. Se esta for realizada de maneira correta, colocando os educados como protagonistas e não como coadjuvantes, haverá, de forma natural, um rompimento com os modelos educacionais onde os conteúdos são transferidos de maneira vertical. Isso propiciará a quebra dos modelos educacionais tradicionais.

Conforme Freire, (2011):

[...] Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção, Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho - a de ensinar e não de transferir conhecimento. (FREIRE, 2011, p.47).

É possível entendermos como se dão as características que o autor considera necessárias para um professor aplicar, em sua prática educativa, com a intenção de romper com modelo educacional bancário, partindo para uma forma de ensinar onde prepondera o “nós” e não o “eu”. O “nós” como um conjunto, um todo que trabalha de forma colaborativa e criativa ante ao “eu”, que representa os modelos engessados, onde os elementos da equação não são enxergados, não são entendidos. Os professores parecem dar aulas para si mesmos, e a maior parte dos alunos também não entende ou entende os conteúdos de forma parcial. Pensar no “nós” gera aprendizado e sentimento de capacidade, de bem-estar, de fazer parte, enquanto o “eu”, individualiza, separa, gera sentimento de isolamento e até de incapacidade naqueles que não conseguem se enquadrar no modelo bancário.

Através de Freire (2011):

Do ponto de vista dos interesses dominantes, não há dúvida de que a educação deve ser uma prática imobilizadora e ocultadora de verdades. Toda vez, porém, que a conjuntura exige, a educação dominante é progressista à sua maneira, progressista pela metade. As forças dominantes estimulam e materializam avanços técnicos compreendidos e, tanto quanto possível, realizados de maneira neutra. (FREIRE, 2011, p.97).

Analisando as ponderações do autor, podemos concluir sobre a importância de rompermos com o *modus operandi* de um sistema onde os modelos implementados são díspares, dependendo a quem eles se destinam. Na maioria dos casos, os filhos dos proletários são submetidos a uma estrutura que tende a não complexificar a sociedade, o pensamento e o mundo como um todo, preponderando a mediocridade da “neutralidade”, que busca naturalizar as desigualdades sociais que ocorrem no mundo. Naturalizar desigualdades é naturalizar a miséria, a fome, a guerra, a diferença na expectativa de vida de pessoas que moram próximas, porém em situações distintas. Um profissional da educação que desconstrói esse modelo incomoda o sistema. Por esta e inúmeras outras razões podemos entender a falta de investimentos na formação de professores e o avanço da educação a distância em substituição ao modelo presencial.

Segundo, nesse contexto, Freire (2011) que diz:

A capacidade de nos *amaciar* que tem a ideologia nos faz às vezes mansamente aceitar que a globalização da economia é uma invenção dela mesma ou de um destino que não se poderia evitar uma quase entidade metafísica e não um momento do desenvolvimento econômico submetido, como toda produção econômica capitalista, a uma certa orientação política ditada pelos interesses dos que detêm o poder. Fala-se, porém em globalização da economia com um momento necessário da economia mundial a que, por isso mesmo não é possível escapar. (FREIRE, 2011, p.123).

Corroborando os dizeres do autor, é possível entender como se dá o processo de convencimento da realidade conjuntural, que, do ponto de vista sistêmico, parece imutável, por se apresentar de forma pronta, sem outras possibilidades de ser modificada.

A consequência que este modelo causa na sociedade é um conformismo gigantesco em relação aos processos que ocorrem em diversos âmbitos, que podem reverberar de maneira negativa na vida da população. Quando pensamos nos danos que este modelo pode causar na educação, é possível entender as razões pelas quais ocorre a diminuição de disciplinas ligadas às Ciências Humanas e o aumento da carga horária daquelas ligadas às Exatas. Observa-se que o mercado e o produtivismo, sem a crítica, passam a fazer parte do cotidiano escolar.

Freire (2011) explica-nos abaixo:

No exercício crítico de minha resistência ao poder manhoso da ideologia, vou gerando certas qualidades que vão virando sabedoria indispensável à minha prática docente. A necessidade desta resistência crítica, por exemplo, me predispõe, de um lado, a uma atitude sempre aberta aos demais, aos dados da realidade; de outro, a uma desconfiança metódica que me defende de tornar-me absolutamente certo das certezas. Para me resguardar das artimanhas da ideologia, não posso nem devo me fechar aos outros, nem tampouco me clausurar no ciclo da minha verdade. Pelo contrário, o melhor caminho para guardar viva e despertar a minha capacidade de pensar certo, de ver com acuidade, de ouvir com respeito, por isso de forma exigente, é me deixar exposto às diferenças, é recusar posições dogmáticas, em que me admita como proprietário da verdade. (FREIRE, 2011, p.131).

Encontramos, nas palavras desse autor, o antídoto para o pensamento ideologizado, pois, ao pregar que a resistência deve andar junto com a prática docente, também ressalta a importância de o professor não se ater aos seus paradigmas. Ao questionarmos uma verdade pregando outra, sem possibilitarmos reflexão por parte de outrem, estaremos impondo nossos valores e dogmas de forma vertical.

Freire (2011) cita a qualidade da escuta como pressuposto para o respeito às diferenças e para a construção de novas verdades que fujam daquelas cheias dogmas que permeiam a sociedade e os espaços educacionais.

Segundo Freire (2011):

Com a curiosidade *domesticada*, posso alcançar a memorização mecânica do perfil deste ou daquele objeto, mas não o aprendizado real ou o conhecimento cabal do objeto. A construção ou a produção do conhecimento do objeto implica no exercício da curiosidade, sua capacidade crítica de “tomar distância” do objeto, de observá-lo, de delimitá-lo, de cindilo, de “cercar” o objeto ou fazer sua *aproximação* metódica, sua capacidade de comparar, de perguntar. (FREIRE, 2011, p.97).

Através do autor, é abordada a importância da curiosidade, que deverá se expressar livremente quando visa à construção do conhecimento, indo à confluência com o proposto no presente trabalho, que é despertar a visão crítica dos alunos por meio da desconstrução de visões ideologizadas, obtidas de diversos meios que possuem compromisso com a ideologia dominante.

Já a curiosidade controlada, conforme explicita o autor, gera padrões ligados à repetição e à memorização, mas não produz conhecimento nem autonomia de pensamento. O pressuposto para desconstruir a alienação é a libertação da curiosidade, do pensamento, da dúvida e da crítica.

Segundo Freire (2011):

Como professor, devo saber que sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino. Exercer a minha curiosidade de forma correta é um direito que tenho como gente e a que corresponde o dever de lutar por ele, o direito à curiosidade. (FREIRE, 2011, p.97).

Pode-se afirmar, com isso, que as características do professor pesquisador deverão ser a de um ser pensante, imbuído de curiosidade, sempre questionador e crítico. Um docente que trabalhe em prol da curiosidade deverá trabalhar com as dúvidas, não poderá ter pressa em encerrar os temas, deixando os educandos construírem suas próprias verdades, atuando sempre como mediador.

Por fim, este texto se fez necessário, por buscar conectar este trabalho com alguns dos pensamentos de Freire (2011). Uma pesquisa na área da educação, que procura a valorização do pensamento autônomo por parte dos educandos, deve conectar-se aos pensamentos do maior autor desta seara em nosso país.

12 DA REFLEXÃO PARA PRÁTICA: OFICINA PEDAGÓGICA - A LINGUAGEM FOTOGRÁFICA PARA REPRESENTAÇÃO DE PAISAGENS ESTEREOTIPADAS

A fotografia se constitui em uma excelente linguagem para ser incorporada ao ensino da Geografia. Ao selecioná-la, o professor poderá ser um mediador, auxiliando seus alunos, com o intuito de incentivar a autonomia dos mesmos, principalmente, no que tange à leitura e à interpretação das imagens. Dessa maneira, concederá importância ao protagonismo dos educandos, sendo este um fator a ser valorizado.

A escolha do aporte visual para elaboração desta pesquisa se deu pela percepção e pela observação do docente em relação aos educandos e às suas formas de interagir com o espaço em seu entorno, conforme citado nos capítulos anteriores. É consenso na bibliografia consultada que a juventude, independente da classe social, cada vez mais cedo tem acesso a recursos tecnológicos que privilegiam o visual.

Segundo Coutinho e Lehmann, (2012, p. 206):

A proposta de trabalhar com a imagem teve como uma das razões principais o fato de que as imagens despertam emoção e promovem reações, sobretudo quando se trata dos jovens. Tomamos como referência pelo menos dois âmbitos da questão: a imagem como forma de autorreconhecimento, importante para os sujeitos e especialmente para o jovem; a imagem como recurso de expressão e comunicação no contemporâneo, produzida com o uso de tecnologia.

É possível corroborar a visão de que as imagens são um fator que pode ocasionar desequilíbrio na abordagem de determinados temas em sala de aula. Isso pode ocorrer pelo fato de esta ferramenta despertar emoções, provocando reações.

Neste trabalho, a escolha feita foi por uma pesquisa quali quantitativa, propiciando a coleta de dados quantificáveis que serão mesclados com dados qualitativos. Se focarmos no objeto de estudo do trabalho em questão, que se relaciona com as formas de percepções e representações da categoria paisagem, é possível nos balizarmos nas palavras de Claval (2014, p. 64), que afirma: “[...] analisar uma paisagem é, pois, aprender o real em diversas escalas”. Portanto, através desta pesquisa, que foi realizada com a participação de jovens escolares, a proposta foi a de abrir um leque para diversas formas de ver o mundo.

Nesse sentido, por se tratar de pesquisa quali quantitativa, é justificado o levantamento de dados em campo, pois, só através de enquetes, oficinas, relatos e

grupos focais, é que seria possível compreender as subjetividades que permeiam a visão dos participantes. Pelo fato de ter sido trabalhado com um grupo específico e com um tema bem delimitado, optou-se pelo estudo de caso, por acreditar-se que este método proporcionaria um aprofundamento do objeto de estudo.

Ressalta-se que a opção pela pesquisa quali-quantitativa se deu pelo fato de se estar trabalhando com dados que, ao serem quantificados, possibilitariam uma análise mais clara e objetiva do que se acredita ser uma tendência. Devido a essa razão, as metodologias propostas são complementares, possibilitando um melhor entendimento dos resultados.

Assim, para o desenvolvimento deste estudo de caso que busca a análise do potencial das fotografias como ferramenta educacional de ressignificação das paisagens, optou-se pela realização de uma oficina pedagógica, dividida em três etapas que serão explicadas na sequência.

A oficina foi desenvolvida em uma escola de periferia, localizada no município de Sapucaia do Sul, com educandos de uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental, com vinte e nove alunos, na faixa etária dos 14 aos 17 anos.

A cidade em questão se localiza na região metropolitana de Porto Alegre, tendo um histórico de ocupações irregulares, em boa parte de sua área, por habitantes que não possuem renda para adquirir uma residência escriturada. Há muitos bairros periféricos, com diversas questões de cunho social, que, decorrentes da má distribuição de renda, reverberam na baixa qualidade de vida, na falta de acesso a espaços públicos e na ausência do Estado no cotidiano da população. É dentro deste contexto que esses jovens se encontram, portanto, a escola, muitas vezes, é uma das únicas formas de o Estado se fazer presente em suas vidas. Sendo assim, visando contribuir para a emancipação e a cidadania dos jovens escolares, este tipo de iniciativa pode propiciar a construção de uma visão ampliada e crítica.

Optamos por indivíduos com as características citadas no parágrafo anterior, por termos o intuito de realizar uma análise da visão de mundo dos jovens residentes nas regiões periféricas e verificar se, a partir do método proposto com a utilização de imagens, poderá haver uma alteração na percepção dos alunos em relação a visões preconcebidas na representação das paisagens, bem como observar os motivos que causam estas preconcepções dos espaços distantes do ponto de vista geográfico.

Voltando às etapas da oficina, em um primeiro momento, foi realizado um questionário fechado (Anexo A), em que os alunos responderam questões relacionadas à forma como imaginavam alguns aspectos do Irã no Oriente Médio. Estas questões foram pensadas a partir das representações a respeito do país na grande mídia. Portanto, com visões mais amplamente disseminadas entre as pessoas, mas incluindo pontos de vista diferentes que pudessem oferecer um contraponto. Optamos por este país pelo fato de ele estar localizado em uma região do globo que geralmente é representada como uma área de conflito, com muitos contrastes e também por possuir uma cultura “estranha” ao nosso povo, podendo ocasionar uma distorção na representação do espaço dado. A escolha pelos questionários fechados se deu para restringir a diversidade das respostas, possibilitando quantificar os dados através de planilhas e gráficos na análise dos resultados.

A coleta de dados ocorreu no período que antecedeu à pandemia do novo Coronavírus. Tínhamos o intuito de realizar uma segunda coleta, visando trabalhar com outros países, a fim de estabelecermos uma comparação entre os espaços que seriam analisados. Mas, por conta da pandemia que impossibilitou novos encontros presenciais, se fez necessário trabalhar com as respostas dos questionários que haviam sido colhidas antes da paralisação das atividades escolares, não sendo possível realizar um segundo levantamento. Pelo fato de acreditar que seria possível realizar uma nova coleta, esperamos tanto para apresentar a versão final do presente estudo.

Com o fim da coleta de dados, passamos para a segunda etapa da oficina, que consistiu na atividade de observação e de análise de fotografias do Irã. As imagens foram exibidas para que os educandos tivessem a oportunidade de visualizar e analisar fotografias que apresentassem diversas paisagens do país, por eles representados através do imaginário no momento anterior.

Neste momento, foram apresentadas imagens da capital do Irã, Teerã, subdivididas em três categorias. A primeira sequência trouxe aspectos da metrópole iraquiana, com imagens abertas, mostrando pedaços da rede urbana da cidade. Apresentamos, também, imagens fechadas com a presença da natureza, da neve, de bares, de parques, de comércios e de pontos turísticos. Estas fotos foram escolhidas, pois estão dentro do padrão do que o senso comum do mundo ocidental considera bonito e belo, com o intuito de demonstrar que o país pesquisado também

possui belezas que, muitas vezes, são suprimidas do agendamento dos meios de comunicação. (Figuras 1-7).

Na primeira sequência fotográfica, trabalhamos com as imagens de Anitta Brechbuhl. Nestas fotos, foram destacadas paisagens cênicas e algumas características urbanas presentes nas grandes metrópoles do globo. Esta artista expõe suas imagens em uma página de viagens, portanto a tendência é que o material exibido traga características do que pode ser considerado “belo”.



Figura 1 - Complexo do Palácio de Saadabad.
Autora: Anitta Brechbuhl



Figura 2 - Comércio gastronômico.
Autora: Anitta Brechbuhl



Figura 3 – Jardins do Palácio de Saadabad
Autora: Anitta Brechbuhl



Figura 4 - Rede Urbana.
Autora: Anitta Brechbuhl



Figura 5 - Mirante em meio à neve.
Autora: Anitta Brechbuhl

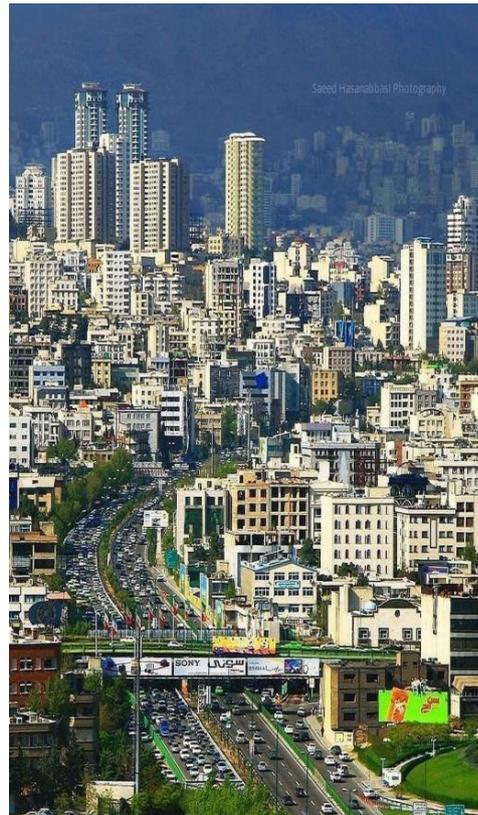


Figura 6 - Área urbana.
Autora: Anitta Brechbuhl



Figura 7 - Feira persa.
Autora: Anitta Brechbuhl

Na segunda sequência, foram utilizadas imagens do fotógrafo Hossein Fatemi. Ressaltamos que as fotos deste artista ganharam diversos prêmios pelo globo, sendo esteticamente bem produzidas e possuindo cunho político, por mostrarem aspectos da vida dos jovens no país persa. Nesta sequência de fotos, destacamos as palavras de Hossein: “A cultura iraniana sempre esteve presente em duas dimensões: uma que é visível e outra não”. Nesse sentido, vamos analisar esta

cultura que não é visível com o intuito de estabelecer um elo comparativo com a nossa cultura. (Figuras 8-15).



Figura 8 - Mulheres iranianas dirigindo.
Autor: Hossein Fatemi



Figura 9 - Iraniano tatuado.
Autor: Hossein Fatemi



Figura 10 - Academia para mulheres.
Autor: Hossein Fatemi



Figura 11 - Homem iraniano com seu cachorro.
Autor: Hossein Fatemi



Figura 12 - Mulheres jogando sinuca.
Autor: Hossein Fatem



Figura 13 - Casal iraniano com roupas ocidentais.
Autor: Hossein Fatemi



Figura 14 - Mulheres fumando.
Autor: Hossein Fatemi



Figura 15 - Academia feminina.
Autor: Hossein Fatemi

Na terceira sequência, destinada ao fotógrafo francês Boris Le Montagner, são destacados aspectos também da seara urbana, porém sem a suntuosidade da primeira amostra, pois o que é posto são imagens relacionadas ao cotidiano das pessoas, que poderiam se passar em qualquer espaço do planeta. Estas fotografias estão em preto e branco, o que provoca um contraste na composição das imagens, tornando-as mais significativas por conta de uma maior diferenciação dos elementos, quando comparadas com as fotografias coloridas. (Figuras 16-21).



Figura 16 - Escada do metrô.
Autor: Boris Le Montagner



Figura 17 - Comércio ambulante.
Autor: Boris Le Montagner



Figura 18 - Metrô lotado.
Autor: Boris Le Montagner



Figura 19 - Jovem trabalhando.
Autor: Boris Le Montagner



Figura 20 - Metro vagão feminino.
Autor: Boris Le Montagner



Figura 21 - Morador de rua.
Autor: Boris Le Montagner



Figura 22 - Comércio de rua.
Autor: Boris Le Montagner

As imagens utilizadas na segunda etapa tinham o objetivo de avaliar se estas poderiam modificar ou não a percepção dos alunos em relação ao espaço trabalhado. Este é o momento em que devemos fazer o registro das expressões e das falas dos educandos, para descobrirmos se as fotos têm a potência de instigar os alunos no sentido de propiciar a dúvida, que possibilita a construção de novas verdades temporárias, tendo em vista que as paisagens estão em constantes mudanças.

A terceira etapa do experimento contemplou a realização de um grupo focal, pelo fato de acreditarmos que esta técnica privilegia o debate, propiciando trocas de ideias sobre experiências vividas. Privilegiou-se um espaço onde a dúvida e a curiosidade pudessem estar presentes. Isso possibilitou um melhor entendimento em relação às questões levantadas na presente pesquisa.

Através da técnica descrita, foi possível realizar uma troca de ideias, buscando confrontar as opiniões emitidas no momento anterior ao daquelas formadas ou não a partir da análise das imagens que foram exibidas, que propiciaram, neste momento, que eles realizassem diversas indagações relacionadas aos fatores que ajudaram a formar o imaginário dos mesmos em relação ao espaço trabalhado.

Outras questões que acreditamos ser cruciais para este momento dizem respeito à forma como os educandos percebem o Irã, visualmente falando, com o objetivo de perceber se é possível estabelecer comparações com as cidades e o cotidiano dos brasileiros. Através dessas comparações, anotamos algumas opiniões sobre o antes e o depois da exibição das imagens.

Por fim, acreditamos ser importante destacar que a escolha do Irã para a realização da pesquisa se deu pelo fato de acreditarmos na hipótese de que, por estar localizado no Oriente Médio, um espaço distante, com uma cultura diferente, poderia ocorrer uma desconformidade da sua representação por parte dos alunos. Temos em vista, ainda, a questão da forma como a mídia retrata o espaço em questão, com notícias que, muitas vezes, podem desinformar e provocar estereotipação daquela região do globo.

Destarte esta pesquisa tem o intuito de analisar uma forma de desconstruir visões pré-concebidas e que não têm conformidade com a realidade, sendo que estas podem ser utilizadas em qualquer espaço do globo, basta adaptar alguns parâmetros, visando adequá-la à realidade de cada local.

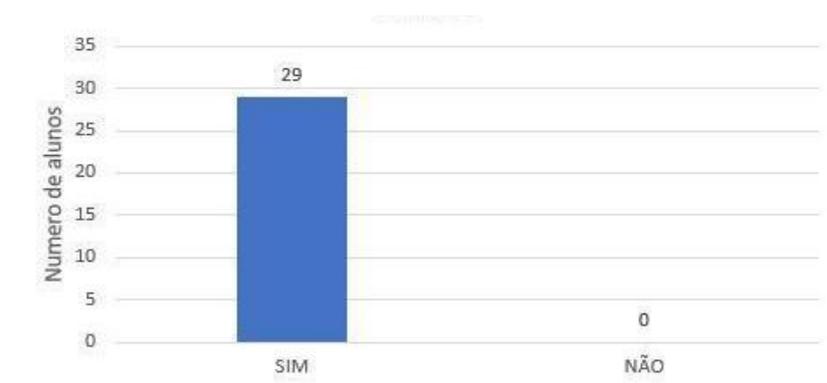
13 DA PRÁTICA PARA REFLEXÃO: ANÁLISE DOS RESULTADOS

A análise dos resultados da oficina está organizada em três momentos, correspondentes às três etapas de desenvolvimento.

13.1. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

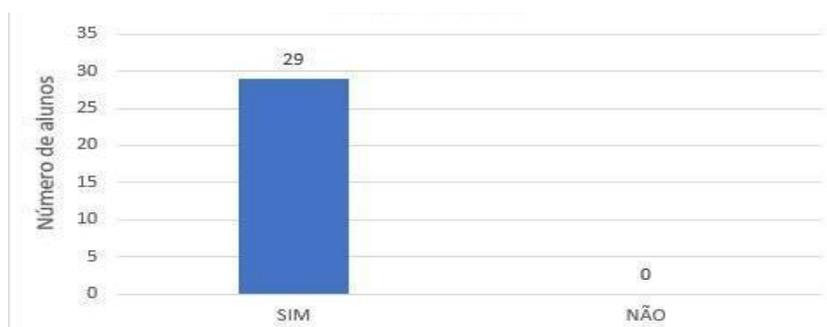
Tomando como base os gráficos elaborados a partir das perguntas orientadoras do questionário fechado, pode-se constatar que 100% dos alunos já ouviram falar do Irã, mas de forma superficial, sem possuir um conhecimento sistematizado sobre o referido espaço. Destes estudantes, a totalidade acreditava que existiam conflitos armados no país. (Gráficos 1 e 2).

Gráfico 1 - Respostas à questão: "Você já ouviu falar do Irã no Oriente?"



Fonte: Autor.

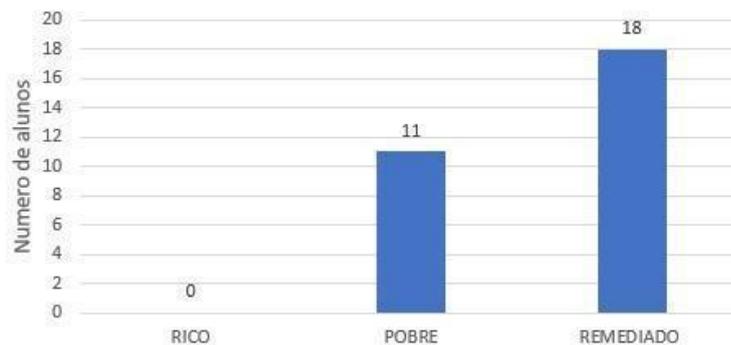
Gráfico 2 - Respostas à questão: "Existem conflitos armados ocorrendo naquele país?"



Fonte: Autor.

Quando tratamos da condição financeira do povo iraniano, 62,1% dos alunos acreditaram que eles eram majoritariamente remediados; 37,9% acreditaram que eles eram majoritariamente pobres e nenhum dos alunos acreditou que os habitantes daquele local fossem majoritariamente ricos (Gráfico 3).

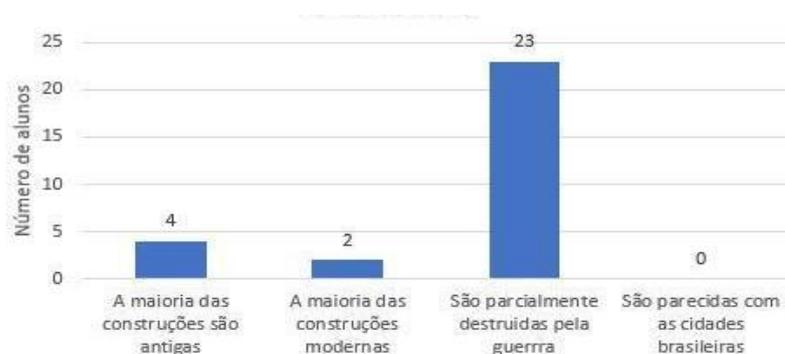
Gráfico 3 - Respostas à questão: "Quanto à condição financeira das pessoas naquele país, o povo é majoritariamente..."



Fonte: Autor.

Quando abordamos a forma como os discentes imaginaram as cidades iranianas, 13,8% dos alunos acreditaram que a maioria das construções eram antigas; 6,9% acreditaram que a maioria das construções eram modernas; 79,3% acreditaram que a maioria das construções estavam parcialmente destruídas pela guerra, enquanto nenhum acreditou que as construções poderiam ser parecidas com aquelas que possuímos no Brasil. (Gráfico 4).

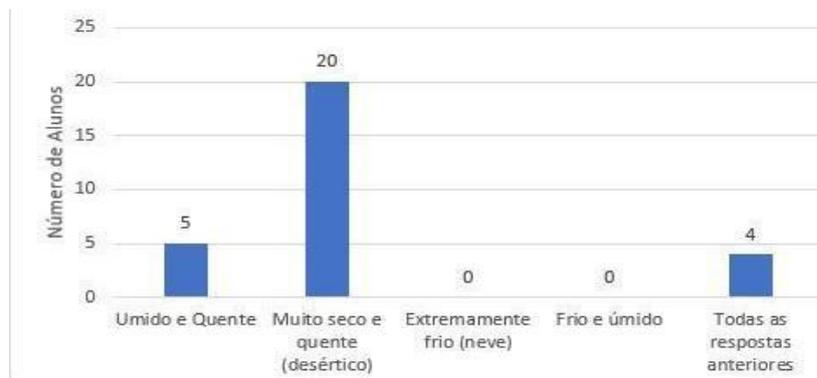
Gráfico 4 - Respostas à questão: "De que forma você imagina as cidades daquele país?"



Fonte: Autor.

Com relação ao imaginário dos educandos, sobre as características climáticas do Irã, 17,2% dos alunos acharam que o clima era úmido e quente; 69% acharam que o clima era muito seco e quente (“desértico”); nenhum aluno achou que o clima fosse extremamente frio com ocorrência de neve; nenhum achou que o clima fosse frio e úmido e 13,8% acharam que o clima tivesse um pouco das características de todas as alternativas anteriores. (Gráfico 5).

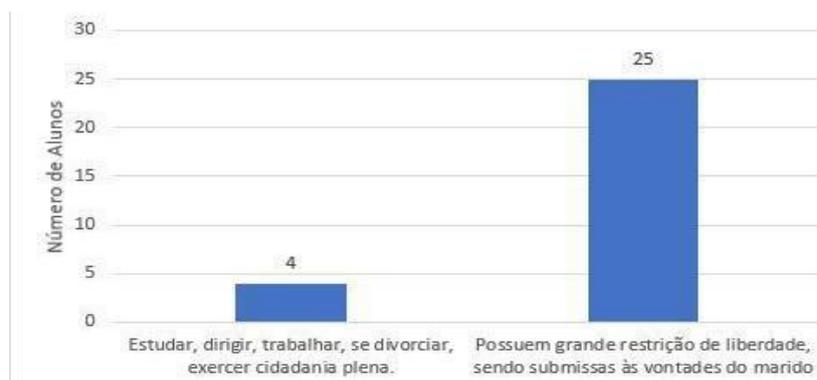
Gráfico 5 - Respostas à questão: "Como são as características climáticas?"



Fonte: Autor.

Ao questionarmos os educandos em relação à forma como imaginavam questões relacionadas à liberdade das mulheres no país persa, 13,8% dos alunos acreditaram que as mulheres podiam estudar, dirigir, trabalhar se divorciar, exercendo cidadania plena e 86,2% tinham a impressão de que as mulheres não tinham liberdade, sendo submissas às vontades de seus maridos. (Gráfico 6).

Gráfico 6 - Respostas à questão: "Em relação às mulheres, elas podem..."



Fonte: Autor.

A partir dos resultados descritos, no que tange à representação do espaço abordado por parte dos educandos, foi perceptível uma certa padronização das respostas. No primeiro questionamento, a maioria afirmou ter conhecimento da existência do país persa. Porém, as respostas que se seguiram indicaram uma representação disforme das paisagens do Irã, pois apesar de terem alguma informação do referido lugar, ela se apresenta de forma superficial.

A maioria dos estudantes apontou que havia conflitos armados, que o clima era seco, que as mulheres viviam sob total controle e que as cidades estavam parcialmente destruídas. A questão que chamou mais a atenção deste professor foi a que tratava dos aspectos econômicos da população, pelo fato de os alunos terem sugerido que a maioria do povo não fosse pobre e, sim, remediada.

Portanto, ao analisarmos as respostas das perguntas, percebemos uma desconformidade em relação à realidade, sendo importante pensarmos sobre os subsídios acessados pelos alunos para chegar a tais conclusões sobre o referido local. Os gráficos são excelentes instrumentos de análise para visualizar de forma simples e rápida padrões de ideias. Através deles é possível quantificar as respostas dos alunos e enxergar a representação destes diferentes pontos de vista sobre diversos temas.

13.2 APRESENTAÇÃO DAS IMAGENS

Após a resolução das questões que foram relatadas na seção anterior, em forma de gráficos, foram apresentadas três sequências fotográficas com paisagens de Teerã, a capital iraniana. Entende-se que uma cidade não representa a pluralidade de um país, mas, por se tratar de uma pesquisa que visa oferecer subsídios para a (re)leitura das paisagens, a partir de um olhar mais diverso que possa levar à desconstrução de estereótipos, optou-se pela capital. Acredito que a capital do país apresenta uma maior diversidade de paisagens em virtude de ter uma população mais numerosa, vivendo em situações e lugares diferentes. Tais aspectos irão se refletir em questões arquitetônicas, de infraestrutura e também culturais.

Teerã se constitui como uma metrópole regional, possuindo atributos inerentes a outras metrópoles do globo. As características por que optamos para exibir foram aquelas que valorizassem o urbano, através de vias, parques, centros comerciais, construções verticalizadas. Decidiu-se, também, por dar ênfase para os

habitantes daquele espaço, com destaque para as mulheres que, ao serem representadas pelo mundo ocidental, tendem a sofrer grande estereotipação. A ideia, então, neste momento, era oferecer aos estudantes imagens que mostrassem pontos de vista diferentes daqueles que foram explicitados nas respostas ao questionário.

Pedimos aos educandos que fizessem uma análise das imagens que foram apresentadas através do projetor. Solicitamos que eles observassem minuciosamente a paisagem que estava sendo apresentada, pensando: *como é esta cidade? Como é sua arquitetura? Como são as vestimentas dos transeuntes? Como se relacionam as pessoas? Como parecem estar estas pessoas? Como é o terreno e o clima?* Fui fazendo questionamentos que pudessem trazer ou não identificação com o espaço de origem dos educandos, para tornar possível um melhor entendimento e conhecimento das singularidades daquele espaço.

O momento em voga foi de uma riqueza e singularidade indescritíveis. Ao observarmos a reação dos discentes, percebemos que eles não imaginavam vislumbrar as imagens apresentadas. Especialmente no que diz respeito a questões urbanas, arquitetônicas, culturais e identitárias, os estudantes mostraram-se surpresos, pois não imaginavam que tais paisagens pudessem ser de um país em guerra (lembrando as respostas do questionário).

Ao voltarmos a nossa atenção para as características anteriormente mencionadas, abrimos a possibilidade para outros olhares sobre uma mesma paisagem, propiciando reflexões que poderiam levar a uma mudança nas respostas apresentadas num primeiro momento.

Encerramos esta seção com o que foi dito por Kossoy (1999), quando elenca alguns dos motivos pelos quais as imagens são produzidas. O papel do docente, ao trabalhar com esta linguagem, é o de capacitar os educandos a realizarem uma leitura do texto imagético, ampliando sua capacidade de análise e propiciando uma melhor compreensão no que tange a uma visão complexificada e crítica das paisagens.

13.3 O GRUPO FOCAL: A REAÇÃO DOS EDUCANDOS ÀS IMAGENS E A COMPARAÇÃO COM AS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO

Podemos considerar este momento como o ponto chave da pesquisa, sendo salutar para a problematização dos resultados da pesquisa. O grupo focal ocorreu em sala de aula no decorrer dos períodos que compunham a minha disciplina, tendo duração de quatro horas. Acreditamos que as imagens, provavelmente, alteraram a percepção dos educandos em relação ao país trabalhado. No momento da apresentação das fotos, a expressão dos alunos ao perceberem que o Irã não possuía (ou não possuía apenas) as características citadas no questionário, indicou espanto no rosto da maioria dos jovens escolares. Alguns chegaram a expressar que consideravam a capital iraniana como “mais bonita ou mais moderna”, do ponto de vista arquitetônico, do que a maioria das cidades brasileiras.

No que tange às questões climáticas, os discentes se surpreenderam ao ver neve em um solo que eles imaginavam ser desértico, pois se lembravam das representações trazidas pelos meios de comunicação que uniformizam o Oriente Médio. Em relação à classe social, o questionário teve certa conformidade com as imagens, pois os alunos imaginavam que aquele povo era composto majoritariamente por pessoas remediadas do ponto de vista financeiro. Quando questionado o porquê da referida resposta, os mesmos apontaram que os países daquela região possuíam muito petróleo, justificando a condição financeira daquele povo.

Ao tratarmos das questões relacionadas a conflitos armados, os alunos tiveram uma surpresa ao constatar que as cidades do país em questão estavam preservadas, com diversas construções “modernas”, não havendo a presença de soldados nem armamentos nas fotos.

Em relação às mulheres, ficou perceptível a força da estereotipação na representação daquele espaço. Os educandos imaginavam visualizar mulheres infelizes, cobertas por burcas. Porém, ao analisarem as fotografias, perceberam um cenário antagônico, roupas semelhantes às aquelas utilizadas aqui, rostos felizes e cheio de vida. Viram mulheres em bares, em academias de ginástica, inclusive namorando, algo que para eles seria inconcebível num país que se imaginava tão conservador e repressor.

Nesse sentido, destaco os fatores que contribuíram para a formação de uma visão sem conformidade do espaço representado, pois ao compararmos as fotos com as respostas obtidas no primeiro momento, questionamos sobre os subsídios que os alunos tiveram acesso para fazer tal representação. Por que imaginavam assim as paisagens do Irã? Onde já tinha visto ou ouvido falar deste país? Os mesmos apontaram que o acesso que tinham às notícias e às informações sobre o país acontecia por meio de jornal, televisão e mídias digitais. A partir destas colocações, foi possível perceber que a grande mídia tem um papel importante na construção dos referenciais dos estudantes, ainda que atualmente, pela internet, exista a possibilidade de acesso a uma diversidade maior de fontes.

É possível, aqui, estabelecer uma conexão com o que foi dito por Morin (2007) no capítulo 6 do presente trabalho, em que foi abordada a questão da mídia como um agente simplificador da informação, colaborando para uma visão distorcida e parcial de mundo (e de suas paisagens) por parte dos educandos.

Assim, constatamos que a proposta desenvolvida, a partir da linguagem fotográfica, contribuiu para a (re)leitura e desconstrução de estereótipos nas paisagens. Ainda que alguns alunos, em poucos momentos, mantivessem reafirmando suas hipóteses iniciais (respostas do questionário), mesmo depois de apresentadas outras perspectivas acerca das paisagens, a grande maioria mostrou-se aberta a esses novos olhares, refletindo sobre suas hipóteses iniciais, confrontando ideias próprias e de seus colegas e produzindo novas reflexões sobre as paisagens do país.

14 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi motivado por inquietações levantadas por este professor-pesquisador a partir da vivência escolar. Enquanto professor de Geografia, eu quero buscar práticas atuais que estejam conectadas com os interesses dos educandos e que possibilitem momentos de troca, tornando possível ensinar e, ao mesmo tempo, aprender. Minha história docente começou em uma escola de periferia e, recentemente, lecionando numa cidade próspera, por meio da observação, percebo que, em diversos pontos, os anseios dos jovens da periferia são os mesmos dos jovens de outras partes da cidade.

Em ambas as classes, percebi uma visão estereotipada das paisagens, onde a fala de conformidade era algo presente, portanto, ao trabalharmos com fotografias que busquem retratar espaços onde preponderem itens que são semelhantes aos que são apresentados no cotidiano dos alunos, é possível uma modificação da percepção.

Os jovens escolares, embora imersos num mundo digital com imensa oferta de informações, são atravessados pelas suas experiências, pelo espaço onde vivem, pelas restrições que lhes são impostas e pelas mídias a que estão submetidos. Esses elementos imbricados podem contribuir para a construção do imaginário dos alunos, no que tange à representação das paisagens distantes do ponto de vista geográfico, entendidas por Costella e Santos (2016) como espaços mentalmente projetados.

Meu objetivo foi analisar o potencial da linguagem fotográfica como instrumento para (re)leituras das paisagens nas atividades de sala de aula. Entendemos que esse objetivo foi atingido, pois a oficina desenvolvida junto aos estudantes do 9º ano, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Prefeito João Freitas, trouxe muitos elementos que me permitiram refletir sobre esse potencial. Em relação aos objetivos específicos, posso dizer que, com as questões trabalhadas no presente estudo, foi possível entender os aspectos que influenciam na representação das paisagens. Também foi possível inferir sobre a forma como a mídia representa as paisagens e o modo como ocorre a interação entre educando e meios de comunicação. Por fim, podemos concluir que, com a metodologia proposta, foi possível fomentar uma leitura crítica e criativa das paisagens por parte dos educandos.

O ambiente escolar mostrou-se como um espaço importante para a construção dessas análises, pois lá a dúvida, a surpresa e a criatividade se fizeram presentes em todas as etapas, propiciando momentos singulares para os alunos e também para este professor pesquisador. A troca de ideias entre estudante e professor, o confronto entre as hipóteses iniciais dos estudantes acerca do Irã e os novos elementos identificados nas fotografias apresentadas, promoveram desequilíbrio nos estudantes. Esses movimentos geraram novos conhecimentos e novas reflexões. A ampliação do repertório de referências e de perspectivas sobre determinados temas, nesse estudo de caso, para as paisagens da capital Teerã, no Irã, promoveram nos estudantes um deslocamento de ponto de vista. Conseguiram modificar a forma de olhar para um lugar já concebido em seus pensamentos. O Irã, inicialmente imaginado como um país de paisagem desértica, com cidades destruídas por guerras, onde as mulheres têm circulação restrita, passou a ser visto como um país com paisagens representativas de um espaço moderno, com cidades grandes e movimentadas, belezas naturais e arquitetônicas, onde as mulheres fazem atividades corriqueiras do cotidiano, como ir a bares, fazer ginástica, namorar em público, entre outros. E, nesse movimento, conseguem fazer uma análise mais crítica da maneira como essas imagens são construídas pela mídia.

Diante dos resultados obtidos na pesquisa, corroborou-se a ideia de que as fotografias podem ser incorporadas nas nossas práticas como uma linguagem educacional para representação do espaço geográfico e, ainda, para a desconstrução ou reforço (aqui atenção) dos estereótipos das paisagens que se encontram distantes do ponto de vista geográfico.

A partir das observações feitas durante a oficina, amparadas pelos referenciais adotados nesta pesquisa, foi possível entender os aspectos que influenciaram na representação das paisagens e observar de que forma os educandos lêem as imagens disponibilizadas pelas mídias, objetivos específicos desta dissertação. A simplificação da informação ocasionada pelos meios de comunicação, que se fazem presentes através dos jornais, da televisão e da internet contribuem para a disseminação de uma representação parcial e, por isso, muitas vezes estereotipada de paisagens do mundo.

Dessa forma, da mesma maneira que o professor, ao escolher os textos escritos e demais recursos para sua aula, é preciso ter o cuidado de não silenciar ou invisibilizar autores, pensamentos e ideias, é importante que, ao escolher imagens,

atente para esse mesmo aspecto. Estereótipos poderão estar presentes nas imagens, em especial nas fotográficas, pois ao serem criadas existe uma intencionalidade, e o fotógrafo tem uma visão de mundo singular. Não podemos esquecer, também, que a fotografia é uma linguagem artística e reflete, portanto, vivências do fotógrafo, seus posicionamentos e sua sensibilidade. A seleção das imagens e as intervenções (questionamentos, contrapontos, discussões) do professor são essenciais para que a reflexão proposta aconteça, a fim de que o aluno amplie seu olhar e considere aspectos diversos. Além disso, podemos pensar que é possível fazer (re)leituras e desconstruir estereótipos a partir de materiais que trazem uma visão estereotipada de algo.

Como já colocado anteriormente, a oficina realizada permitiu observar mudanças na percepção dos educandos em relação à forma como os mesmos imaginavam ser o país do estudo de caso. A metodologia empregada, portanto, alcançou os objetivos propostos, mostrando-se adequada, por possibilitar de maneira simples e didática um caminho para a desconstrução dos estereótipos das paisagens.

As fotografias como linguagem, na educação, possibilitam a ampliação do repertório cultural dos estudantes e, com isso, oferecem outros olhares sobre o mundo, aproximando a arte da Geografia, sensibilizando o leitor das paisagens, contribuindo para que os estudantes tenham um olhar mais empático para o diferente.

Partindo do pressuposto que as imagens são permeadas por subjetividade e que possuem caráter artístico, é possível instigar novos olhares ampliando a capacidade de análise dos educandos.

Espera-se, a partir deste estudo de caso, oferecer elementos para o debate a respeito do ensino-aprendizagem de Geografia na escola. Destaca-se o perfil embrionário desta pesquisa, salientando que a mesma não pode ser considerada conclusiva frente às inúmeras possibilidades que o tema comporta. Nesse estudo, a atenção voltou-se para a possibilidade de apresentarmos aos estudantes, através da linguagem fotográfica, diferentes olhares sobre paisagens distantes das suas vivências, permitindo a reflexão acerca da estereotipação das paisagens do globo.

Por fim, procurou-se analisar as formas como as imagens podem corroborar ou desconstruir os modelos de pensamentos pré-concebidos e como esse movimento é importante no sentido de construir aprendizagens e um pensamento

geográfico. Ademais, torna-se fundamental descolonizar o olhar do estudante para o mundo, a fim de que ele considere e valorize a diversidade dos povos, das paisagens, dos modos de vida, sensibilizando-o para o despertar do seu senso crítico.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Waldiney Gomes; ZATTA, Celia Inez. **O uso de imagens como recurso metodológico para estudar Geografia.** Disponível em : <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2375-8.pdf>. Acesso em : 11 dez 2018.
- ALMEIDA, J. (2015). **A fotografia e as redes sociais digitais.** Dissertação de Mestrado, Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil. Retirado de: <https://tede2.pucsp.br/bitstream/handle/4735/1/Julia%20Ferreira%20de%20Almeida.pdf>
- BARBOSA, M. L. S., & Santi, V. J. (2019). A intencionalidade nas notícias falsas: a nota de repúdio como estratégia de defesa do jornalismo na era das fake news. **Aturá - Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, n. 3, p. 93-109. Disponível em: <<https://doi.org/10.20873/uft.2526-8031.2019v3n3p93>>. Acesso: 05 set. 2020
- BASSO, L. A.; SUERTEGARAY, D. M. A.; VERDUM, R. **Rio Grande do Sul: paisagens e territórios em transformação.** 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.
- BRECHBUHL, Anita Mathieu. **Teerã - pontos turísticos na capital iraniana = Teheran – Sehenswürdigkeiten in der iranische Hauptstadt, 2017 - 7 fotografias.** 11 x 16 cm. Disponível em: <https://www.travelita.ch/salam-teheran-iran-reiseguide/>. Acesso em: 2 jan. 2020.
- CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa, Educação Escolar e Cultura:construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, nº23. Rio de Janeiro/RJ, 2003.
- CARVALHO, Liliane Maria Teixeira Lima; MONTEIRO, Carlos Eduardo Ferreira. Reflexões sobre implementação e uso de laboratórios de informática nas escolaspúblicas. **Roteiro**, Joaçaba, v. 37, n. 2, p. 343-360, jul./dez. 2012.
- CASTRO, Jânio Roque Barros de.Geografia e narrativas míticas:Possibilidades dialógicas. **Geograficidade**, vol. 9, nº. 1, 2019. (Ejemplar dedicado a: Verão 2019), p. 43-56 - Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7344421.pdf>>. Acesso em: 01 out. 2020.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos, **Ensino da Geografia: Caminhos e Encantos.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- CASTROGIOVANNI, A. C.; CAMRA, M. A.; LUZ, R. R. S.; ROSSATO, M. S. **Ensino da Geografia: caminhos e encantos.** 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011, v. 1, 111p.
- CASTROGIOVANNI, Antonio Carlos [et al], **Movimentos para Ensinar Geografia: Oscilações**,Porto Alegre: Editora Letra 1, 2016.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. **Ensino de Geografia nas Escolas.** Campinas/SP: Papirus, 2014.

_____. **Geografia Escolar e a Cidade: Ensaio Sobre o Ensino de Geografia para a Vida Urbana Cotidiana.** Campinas, SP: Papirus, 2008.

CHAIGAR, Vânia Alves Martins; PORTUGAL, Jussara Fraga. **Cartografia cinema, literatura e outras linguagens no ensino de Geografia.** Curitiba, PR: CRV, 2012.

CLAVAL, Paul. **Epistemologia da Geografia.** Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

COSTELLA, RoselaneZordan. **O significado da construção do conhecimento geográfico gerado por vivências e por representações espaciais.** Porto Alegre: UFRGS, 2008. 202 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

COUTINHO, Luciana; LEHMANN, Lucia de Mello e Souza. **Produção de imagens e construção de sentidos: uma oficina com jovens na escola.** ETD – Educ. Temat. Digit., Campinas, SP, v.14, n.2, p.202-219, jul./dez. 2012.

DE OLIVEIRA JR, Antônio R. **Paisagem na fotografia: sentidos e plasticidades.** Conexão-Comunicação e Cultura, v. 6, n. 12, 2007.

DRIVER, F. Sobre a geografia como uma disciplina visual. **Revista Espaço e Cultura**, n. 33, p. 207-212, 2013. Disponível em: <<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

FARIAS, Lídia; GONÇALVES, Osmar. A fotografia ao longo do tempo: da Kodak ao Instagram. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE. 16., 15 a 17 maio 2014, João Pessoa. **Anais.** São Paulo: Intercom, 2014.

FARIAS, Lidia; A Fotografia ao Longo do tempo: da Kodak ao Instagram. **Projética Revista Científica de Design I.** Londrina, v.3 | n.1, julho 2012. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/30655/1/2014_eve_lfarias.pdf>. Acesso: 07 out. 2020.

FATEMI, Hossein. **Uma Jornada Iraniana = AnIranian Journey 2015.** 8 fotografias. 11 x 16 cm. Disponível em: <<https://www.hypeness.com.br/2015/12/fotografo-retrata-subcultura-no-ira-onde-jovens-fumam-tem-tatuagens-e-mulheres-nao-usam-veu/>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

FELIZARDO, Adair; SAMAIAN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. In: **Discursos Fotográficos**, Londrina, v.3, n.3, p. 205-220, 2007.

FERREIRA, M. G. **Globalização: última etapa do capitalismo?** *Caderno CRH*, Salvador, n. 30/31, p. 265-288, jan./dez. 1999.

FILHO, J. F.; HERSCHMANN, M., & PAIVA, R. **Rio de Janeiro: estereótipos e representações midiáticas.** E-Compós1, 2004. Disponível em: <<https://doi.org/10.30962/ec.1>>. Acesso em: 25 nov. 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

GOMES, Paulo César da Costa. **O lugar do olhar**: elementos para uma geografia da visibilidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GONÇALVES, C. D. Gonzaga Duque e a fotografia. **Resgate: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, SP, v. 18, n. 1, p. 87–103, 2010. DOI: 10.20396/resgate.v18i19.8645680. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/resgate/article/view/8645680>>. Acesso em: 19 abr. 2021.

HARVEY, David. Direito à cidade. Trad. Jair Pinheiro. **Lutas Sociais**, São Paulo, n.29, p.73-89, jul./dez. 2012.

HARVEY, David. **Os Limites do Capital**. São Paulo: Boitempo Editora, 2013.

HETKOWSKI, T. M. **Geotecnologia**: como explorar educação cartográfica com as novas gerações? Belo Horizonte: ENDIPE, 2010.

KLAPPER, J. T. **The Science of Human Communication**, Basic Books, Nova Iorque, (Trad. it. in Livosli M. (a cargo de), Comunicazioni e cultura di massa, Hoepli, Milão, 1969, pp. 245-251).

KAWAKAMI, Tatiana Tissa, VEIGA, Adriana Imbriani Marchi. A popularização da fotografia e seus efeitos: Um estudo sobre o a disseminação da fotografia na sociedade contemporânea e suas consequências para os fotógrafos e suas produções. **Projética Revista Científica de Design**. Londrina, v.3 | n.1, julho 2012. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/projetica/article/view/10538>>. Acesso em: 07 jan. 2021.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Ed. 1999.

LIMA, Venicio. Sete teses sobre mídia e política no Brasil - **REVISTA USP**. São Paulo, n.61, p. 48-57, março/maio 2004.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**: uma história de amor e ódio. Tradução Rubens Figueiredo, Rosaura Eichhemberg e Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARX, Karl. A Chamada Acumulação Primitiva. In: MARX, Karl. **O Capital**. Iv. 1, vol. 2, São Paulo: Boitempo, 2013.

MONTAGNER Le Boris. **Documentando a vida nas ruas de Teerã** - em fotos = Documenting Tehran's streetlife - in pictures. 2014. 7 fotografias. 11 x 16 cm.

Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/iran-blog/gallery/2014/oct/21/documenting-tehrans-street-life-in-pictures>>. Acesso em: 5 jan. 2020.

MOREIRA, A. F.; CANDAU, V. M. Educação escolar e culturas: construindo caminhos. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 156-168, maio/ago, 2003.

MORIN Edgar. A comunicação pelo meio (teoria complexa da comunicação). **Revista FAMECOS**. Porto Alegre: nº 20, abril 2003, quadrimestral.

MORIN, Edgar. **As duas globalizações**: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente. Edgar Morin. Joaquim Clotet e Juremir Machado da Silva (orgs.). 3 ed. Edição- Porto Alegre: Sulina, EDIPUCRS, 2007.

MOURA, Eliana Perez Gonçalves; SILVA, Diziane Reis da Silva. **Globalização e Sociedade do Consumo**: consequências e desafios para a educação brasileira. Disponível em : <http://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT6/GT6_Comunicacao/DizianeReisdaSilva_GT6_integral.pdf>. Acesso em: 02 jan 2019.

NASCIMENTO, C. T. B. **A casa a escola a rua**: espaços de múltiplas práticas juvenis. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

NASCIMENTO, F.; HETKOWSKI, T. **Geotecnologia**: como explorar a educação cartográfica com as novas gerações. In: X Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. Curitiba: [s.n.], 2011. p. 3513–3526.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **A genealogia da Moral**. São Paulo: Lafonte, 2017.

NOGUÉ, Juan. Otros Mundos, Otras Geografías. Los Paisajes Residuales. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 1, número especial, p. 3-10, out., 2011. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/download/6548/3547>>. Acesso em: 10 fev 2019.

PERSICHETTI, Simonetta. **Estudos de comunicação contemporânea**: perspectivas e trajetórias. Cláudio Novaes P. Coelho, Dimas A. Künsch, José Eugenio de O. Menezes (orgs.). São Paulo: Plêiade, 2012. 273 p.

PETIT, Michèle. **Ler o mundo**: experiências de transmissão cultural nos dias de hoje. São Paulo: Editora 34, 2019.

PILLAR, Analice Dutra, et al. **Pesquisa em artes plásticas**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS/Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (AN-PAP), 1993.

POCHMANN, Márcio. **O emprego na globalização**: a nova divisão internacional do trabalho e os caminhos que o Brasil escolheu. São Paulo: Boitempo, 2012.

PORTUGAL, Jussara Fraga, CHAIGAR, Vânia Alves Martins. **Cartografia, cinema, literatura e outras linguagens no ensino de geografia** / Jussara Fraga Portugal, Vânia Alves Martins Chaigar. (Orgs). Curitiba, PR: CRV, 2012.

PRATA, Carmem Lúcia. **Gestão Democrática e Tecnologias de Informática na Educação Pública**. Dissertação (Dissertação em educação) – UGV. Rio de Janeiro, p. 45, 2017.

RODRIGUES, Gelze. A Geografia das representações: um estudo das paisagens do Parque Nacional da Serra da Canastra – MG. **GEOUSP – Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 11, p. 69- 94, 2002. Disponível em: <<http://www.geografia.fflch.usp.br/publicacoes/Geosp/>>. Acesso em: 25 fev 2020.

ROSSY, E. **Contra-agendamento: o Terceiro Setor pautando a mídia**. Belo Horizonte: Compolítica, 2007.

ROUILLÉ, André. **Fotografia: entre documento e arte contemporânea**. SP: Ed Senac, 2009.

SÁ, Jauri; WERLE, Flávia. Infraestrutura escolar e espaço físico em educação: um estado da arte. **Cadernos de Pesquisa**. v.47, n.164, p. 386-413, abr./jun. 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742017000200001&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em: 12 nov. 2020.

SANTOS, Leonardo Pinto dos. **A construção das relações do espaço ausente na geografia escolar**. 2015. 196 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, UFRGS, 2015.

SANTOS, Leonardo Pinto dos; COSTELLA, RoselaneZordan. Cartas Para Que Te Quero:uma Experiência de Leitura do Espaço Geográfico na Geografia Escolar. **Revista FSA** (Faculdade Santo Agostinho), v. 15, p. 187-202, 2018.

SANTOS, Leonardo Pinto dos, CARDOSO, Eduardo Schiavone. O encantamento do Espaço Mentalmente Projetado: um conceito para o ensino da geografia escolar - Porto Alegre, v.10, n.1, p.60-66, 2018. Edição Especial: **XIIENANPEGE** - Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/85551/51123>>. Acesso em: 19 mar. 2020.

SILVA, L. M. da. Sociedade, esfera pública e agendamento. In: LAGO, C.; BENETTI, M. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007, pp. 84-104.

SILVA, D. R.; MOURA, E. P. G. **Globalização e Sociedade de Consumo: Consequências e desafios para Educação Brasileira**. 2014. Disponível em:<[https://www.anpae.org.br/IBERO AMERICANO IV/GT6/GT6 Comunicacao/DizianeReisdaSilva_GT6_integral.pdf](https://www.anpae.org.br/IBERO_AMERICANO_IV/GT6/GT6_Comunicacao/DizianeReisdaSilva_GT6_integral.pdf)>. Acesso em: 10 de set. 2019.

SOUZA, Joana Belarmino. **Ciberativismo e cidadania: apontamentos sobre o uso das redes sociais pelas pessoas com deficiência e os seus coletivos**. V Conferência de Mídia Cidadã, 2013.

SOUZA, Marcelo Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2015.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e Urbanização**. 14^a. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

STURKEN, Marita. **Da Kodak e Polaroid ao Google e ao Facebook**: fotografias de família e fotografias do eu. Revista de Comunicação e Linguagens, Lisboa, n. 47, p. 8-24, out./prim. 2017. Disponível em: <<http://www.fcsh.unl.pt/rcl/index.php/rcl/issue/view/3/showToc>>. Acesso em: 10 jan. 2020.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Rio Grande do Sul**: paisagens e territórios em transformação. Roberto Verдум, Luis Alberto Basso e Dirce Maria Antunes Suertegaray (orgs.) 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.

TAVARES, Frederico de Melo Brandão. Fotografia e Linguagem: para pensar a comunicação. **MEDIAÇÃO**. Belo Horizonte n.5. novembro de 2006.

TEIXEIRA, Nádia França. Metodologias de Pesquisa em Educação: possibilidades e adequações. **Caderno pedagógico**, Lajeado, v. 12, n. 2, p. 7-17, 2015. Disponível em: <<http://www.univates.br/revistas/index.php/cadped/article/viewFile/955/943>>. Acesso em: 15 jun. 2020

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Formação do Educador Como Pesquisador no Mercosul/Cone Sul**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

TUAN, Yi-fu. **Use of Simile and Metaphor in Geographical Description**. Professional Geographer, v.9, n. 5, p. 8-11, 1957.

_____. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**, 5. ed, Lisboa: Editorial Presença, 1999.

VENTURINI, Ana Paula Marzari; GASPARY, Fernanda Peron. **O Legado Arquitetônico da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul**: o moinho Moro - DisciplinaryumScientia. Série: Artes, Letras e Comunicação, Santa Maria, v. 16, n. 1, p. 11-19, 2015. Recebido em: 30.03.2016. Aprovado em: 17.06.2016. Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinaryumALC/article/view/1826/1716>>. Acesso em: 07 jan 2019.

XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema**: antologia. Rio de Janeiro: Edições Graal Embrafilmes, 1983.

ZATTA, Celia Inez; AGUIAR, Waldiney G. de. **O uso de imagens como recurso metodológico para estudar Geografia**. 2009. Disponível em: <[O Uso de imagens como recurso metodológico para estudar Geografia](#)>. Acesso em: 10 de set. 2020.

ANEXO A

ANEXO A

Oficina (etapa 1): Questionário fechado

- 1 Você conhece ou já ouviu falar do Irã no Oriente Médio?
 - a Sim.
 - b Não.

2. Existem conflitos armados ocorrendo naquele país?
 - a Sim.
 - b Não.

3. Quanto à condição de vida das pessoas naquele espaço, você acredita ser um país:
 - a Rico.
 - b Pobre.
 - c Remediado (nem rico nem pobre).

4. De que forma você imagina as cidades daquele país?
 - a Cidades onde a maioria das construções são antigas.
 - b Cidades onde a maioria das construções são modernas.
 - c Parcialmente destruídas pela guerra.
 - d São parecidas com as cidades brasileiras.

5. Como são as características climáticas?
 - a Úmido e quente.
 - b Muito seco e quente (Desértico).
 - c Extremamente frio com ocorrência de precipitação de neve.
 - d Frio e úmido.
 - e Todas as respostas anteriores.

6. Em relação às mulheres, elas podem:
- a Estudar, dirigir, trabalhar, se divorciar.
 - b Possuem grande restrição de liberdade, sendo submissas à vontade do marido.